

**UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
CENTRO DE ESTUDOS GERAIS
INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS
Pós-graduação em Ciência Ambiental**

VALÉRIA COSTA ROCHA VIANA

**ENTRE REZAS, CURAS E PLANTAS: UM OLHAR SOBRE UM SABER
LOCAL NA APA ESTADUAL MACAÉ DE CIMA, NOVA FRIBURGO, RJ**

**Niterói
2010**

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

VALÉRIA COSTA ROCHA VIANA

**ENTRE REZAS, CURAS E PLANTAS: UM OLHAR SOBRE UM SABER
LOCAL NA APA ESTADUAL MACAÉ DE CIMA, NOVA FRIBURGO, RJ**

Dissertação apresentada ao curso de Pós-Graduação em Ciência Ambiental da Universidade Federal Fluminense, como requisito parcial para obtenção do Grau de Mestre. Área de concentração: Análise de processos sócio-ambientais.

Orientador: Prof. Dr. ALPHONSE GERMAINE ALBERT CHARLES KELECOM
Co-orientador: Prof. Dr. JOEL DE ARAUJO

**Niterói
2010**

V614 Viana, Valéria Costa Rocha
Entre rezas, curas e plantas: um olhar sobre um saber local
na APA Estadual Macaé de Cima, Nova Friburgo, RJ / Valéria Costa
Rocha Viana. – Niterói : [s.n.], 2010.
101 f.

Dissertação (Mestrado em Ciência Ambiental) –
Universidade Federal Fluminense, 2010.

1.Saber popular. 2.Saber local. 3.Educação ambiental.
4.APA Estadual Macaé de Cima (RJ). I.Título.

CDD 306.4

VALÉRIA COSTA ROCHA VIANA

**ENTRE REZAS, CURAS E PLANTAS: UM OLHAR SOBRE UM SABER
LOCAL NA APA ESTADUAL MACAÉ DE CIMA, NOVA FRIBURGO, RJ**

Dissertação apresentada ao curso de Pós-Graduação em Ciência Ambiental da Universidade Federal Fluminense, como requisito parcial para obtenção do Grau de Mestre. Área de concentração: Análise de processos sócio-ambientais.

Aprovada em: 31/3/2010

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Alphonse Germaine Albert Charles kelecom (PGCA, UFF – Orientador)

Prof. Dr. Joel de Araujo (PGCA, UFF – Co-orientador)

Prof. Dr. Leandro Machado Rocha (Faculdade de Farmácia, UFF)

Prof. Dr. Marcelo Guerra Santos (FFP, UERJ/SG)

Dedico esse trabalho a meus filhos,
combustível limpo e renovável que
me faz mover todos os dias.

AGRADECIMENTOS

Para começar, o primeiro agradecimento é feito ao Prof. Dr. Célio Mauro Viana, que me fez acreditar nesse projeto e mudar minha proposta de pesquisa.

Ao Dr. Leandro Rocha, ou melhor, ao amigo Leandro pela convicção e incentivo ao tema abordado, sem falar nos preciosos conselhos que apontaram muitas direções.

Ao Prof. Dr. Kelecom – meu orientador – pela acolhida ao projeto, pelas ótimas aulas que muito ajudaram na execução desse trabalho e pelo apoio que me deu nos momentos difíceis, me fazendo transpor os obstáculos que surgiram durante o trabalho.

Ao Prof. Dr. Joel de Araujo – meu co-orientador – pelas incansáveis PROVOCAÇÕES e pelos excelentes espaços de *CONSTRUÇÃO*, *REFLEXÃO* e *DEBATES*, chamados aulas, que me sustentaram em meus primeiros passos rumo ao campo e ao território da pesquisa qualitativa.

Ao Prof. Paulo Fevereiro, pela imensa boa vontade em identificar as amostras.

Aos Drs. Schirlei Jorge e Fernando Bragança pelo grande incentivo via email que encurtou distâncias e me fez sentir pesquisadora.

A Dra. Maria José Carneiro, por ter me recebido carinhosa e atenciosamente, me ajudando a despertar para detalhes que não podem fugir aos olhos de um pesquisador, além de ter possibilitado muitas leituras em sintonia com a pesquisa.

Ao amigo Edson Dias pelo carinho e atenção que dedicou na ajuda ao preparo das exsiccatas.

Ao amigo Rogério Antunes que por possuir especial talento para realizar as tarefas de edição, não poupou esforços para me prestar ajuda.

A amiga Márcia Massa pela atenção que deu aos comentários realizados durante a realização desse trabalho.

A Manu, companheiro que soube me incentivar a alcançar meus objetivos, presença que não faltou durante essa caminhada.

Aos meus colaboradores de campo, que deram a tônica a esse trabalho com suas falas simples e sábias, com seus conhecimentos informais e cheios de fundamentos.

A família, que se mobilizou em muitas situações para suprir minhas muitas faltas.

E por fim, a todas as pessoas e amigos que de uma maneira ou de outra estiveram envolvidos nesse meu momento de busca.

“A voz do povo é a voz de Deus”

Domínio público

SUMÁRIO

Lista de figuras.....	ix
Resumo.....	x
Abstract.....	xi
1 Introdução.....	12
1.1 Objetivos.....	16
2 As plantas medicinais através dos tempos.....	18
3 Fundamentações teórica.....	21
3.1 Etno e ciência.....	21
3.2 Biodiversidade e etnoconhecimento na pesquisa científica.....	23
4 A área de estudo em seu contexto sócio-histórico.....	27
4.1 O homem: agente transformador e transformado da história.....	27
4.2 Uma metamorfose social através dos tempos: como estava e como está.....	34
5 Metodologia.....	42
5.1 A escolha do objeto.....	43
5.2 A caracterização da área de estudo.....	43
5.3 A população em geral e a amostra pesquisada.....	45
5.4 Por onde trilhar: a ferramenta metodológica.....	48
5.4.1 A escolha do instrumento.....	49
5.5 A análise dos dados.....	50
6 Resultados e discussão.....	52
6.1 Desenvolvimento insustentável.....	52
6.2 A voz popular: conhecendo os atores locais e suas falas.....	57
6.3 Nossa terra, nossa gente: conhecendo a população local.....	71
6.4 As plantas encontradas.....	77
7 Conclusão.....	87
Referências bibliográficas.....	91
Anexo I – Termo de consentimento.....	96
Anexo II – Entrevista.....	97
Anexo III – Formulário.....	100
Anexo IV – Ficha de informações etnofarmacológicas.....	101

Lista de figuras

Figura 1: Local escolhido para receber os imigrantes.....	28
Figura 2: Mapa com os lotes numerados.....	30
Figura 3: Praça de Lumiar na década de 80.....	35
Figura 4: Mapa de Nova Friburgo, seus Distritos e UCs.....	38
Figura 5: Praça de Lumiar no ano de 2009.....	39
Figura 6: Distribuição da população por Distritos.....	45
Figura 7: Poluição visual causada pelo excesso de placas.....	52
Figura 8: Placa indicando a proibição de banho de rio.....	53
Figura 9: Evidências de construções irregulares.....	54
Figura 10: Aspecto do lixo espalhado no chão num dos pontos de coleta.....	55
Figura 11: Plantas medicinais cultivadas em canteiros.....	65
Figura 12: Encontros de Erveiros.....	70
Figura 13: Gráfico com nível de escolaridade da população.....	72
Figura 14: Gráfico dos problemas de saúde tratados com plantas.....	74
Figura 15: Gráfico dos principais problemas da região.....	75
Figura 16: Tabela com plantas e suas indicações.....	84
Figura 17: Lista de presença do 3º Encontro de Erveiros.....	90

RESUMO

Lumiar e São Pedro da Serra, 5° e 7° Distritos de Nova Friburgo, RJ, que até a década de 80, do século XX, viviam num certo isolamento, sofreram uma invasão turística, facilitada pelo asfaltamento da estrada que liga Lumiar a Mury. Começa então uma explosão de construção de bares, pousadas e casas para aluguel. O local sofre um intenso processo de urbanização. Duas décadas depois, toda a área dos 5° e 7° Distritos é transformada na APA Estadual Macaé de Cima, o que limitou ainda mais a prática agrícola e reforçou o turismo. Alguns hábitos tradicionais como o uso de plantas medicinais e outras práticas de cura, como as rezas, começaram a desaparecer, assim como o conhecimento transmitido através das gerações. Nessa direção, a pesquisa teve como objetivos investigar sobre o uso e o conhecimento informal de plantas medicinais através do olhar dos detentores de um saber local (erveiros, curandeiros e rezadeiras); identificar quem são essas pessoas e o que elas têm em comum; que plantas usam, como usam e para quê; verificar a aceitação, por parte da população, do uso dessas plantas e das práticas informais de cura. A pesquisa buscou também discutir como as mudanças sócioambientais e culturais interferiram no seu modo de vida e na transmissão desse saber. Entre os resultados encontrados, evidenciou-se como se dá a urbanização naquela área. Foram entrevistados cinco atores locais que, através de suas falas, deram visibilidade aos objetivos propostos, reforçados pelas respostas dadas aos formulários pelos moradores do local. Algumas plantas utilizadas foram identificadas e tiveram seus usos revelados, sempre cercados de um misticismo que permeia seu saber-fazer. Por fim, tentou-se sensibilizar para o fato de que quando uma área é transformada em APA, não somente é importante preservar a biodiversidade, mas, também, todo um modo de vida que encerra uma cultura que está intimamente relacionada ao que se quer proteger. É imperativo que a sustentabilidade seja considerada em todos os seus âmbitos além do ambiental: o social, o político, o econômico e o cultural.

Palavras-chave: Saber local; erveiros; APA Estadual Macaé de Cima

ABSTRACT

Lumiar and São Pedro da Serra, 5th and the 7th Nova Friburgo's Districts, RJ, that until the eighties, of the last century, used to live in a certain isolation, suffered a touristic invasion, facilitated by the asphalt put on the road that connect Mury to Lumiar. Then, an explosion of constructions of snacks' bars, hotels and houses to rent occurred. The place suffered an intense process of urbanization. Two decades later, all the area of the 5th and the 7th Districts turned into an Environmental Protection Area, the *APA Estadual Macaé de Cima* that limited even more the agriculture practice and increased the tourism. Some traditional habits as the use of medicinal plants and other cure practices, such as the blesses, started to disappear, as did the knowledge passed from generation to generation. In that direction, the research had as its objectives to investigate about the use and informal knowledge of medicinal plants through the point of view from the owners of a local knowledge (herbers, quacks and blessers); to identify who are these people and what they have in common; what plants they use, how they use it and their purposes; to verify the acceptance, by the population, of the use of these plants and of the informal cure practices. The research also tried to discuss how these social-environmental and cultural changes interfered in their life habits and in its transmission. Among the results found, it was showed how the urbanization happens in that area. Five local actors were interviewed and, through their words, the objectives proposed turned into visibility, reinforced by the answers given in the questionnaires by the local residents. Some plants were identified as well as their purposes, always busy with a mysticism that makes part of their knowhow. Finally, it was tried to highlight to the fact that when an area is transformed into a Preservation Area, it is not important only to preserve the biodiversity, but, also, the whole way of living including the culture that is intimately related to what is wanted to be protected. It is imperative that sustainability be considered in all its scope beyond the environmental: the social, the political, the economic and the cultural ones.

Key-words: local knowledge; herbers; APA Estadual Macaé de Cima

1. INTRODUÇÃO

Na década de 60, os problemas ambientais ganharam bastante visibilidade mundial em função das graves consequências acarretadas para a qualidade de vida nos grandes centros urbanos. Essa década deu início a um novo ecologismo, marcado como um movimento de ativistas (agitações estudantis de 1968) que partiam de uma crítica da sociedade tecnológico-industrial, “cerceadora das liberdades individuais, homogeneizadora das culturas e, sobretudo, destruidora da natureza” (DIEGUES, 2004, p. 39).

Na década de 70, após alguns desastres como o de Minamata, no Japão, aconteceu a Conferência de Estocolmo que pode ser citada como a que começou a tratar de forma globalizada os problemas ambientais, como foi demonstrado em seu lema, “Uma Terra Só”, e que apontou para a criação de novos instrumentos para se tratar de problemas de caráter planetário (BARBIERI, 2007). A busca por lugares menos poluídos e mais “próximos à natureza” ganhou força, levando muitas pessoas à procura por esses locais, uma das consequências do novo ecologismo que propôs a volta às práticas de uma vida ecologicamente sadia, o retorno ao campo e à vida em comunidade, na tentativa de criar ilhas de uma sociedade ideal, livre e libertária, como ocorria na Califórnia, com as comunidades “hippies” (DIEGUES, 2004).

O Estado do Rio de Janeiro, lugar privilegiado do ponto de vista da presença de remanescentes de Mata Atlântica (QUINTEIRO, 2008), principalmente na região serrana, especificamente Nova Friburgo, com ocorrência de vegetação exuberante, rios, cachoeiras e clima de serra, reúne atributos que se identificam com essa tendência. Particularmente no caso do 5º e do 7º Distritos, Lumiar e São Pedro da Serra, os espaços rurais, originalmente destinados à lavoura, estão sendo substituídos por espaços de lazer, provocados pela atividade turística (Carneiro, 2000). Assim, diante de nossos olhos, modificações culturais acontecem sem que se tenha tempo de dar conta de quanta coisa pode estar sendo transformada nesse processo. A globalização traz uma uniformização de modelos que muitas vezes são “importados” sem terem feito parte da história de determinada comunidade que os adotam. Ao invés da atenuação dos contrastes imaginados por esse modelo, esses vêm aparecendo e ecoando cada vez mais, levando a um efeito paradoxal. O próximo se torna distante e o

distante se torna próximo; a periferia torna-se, não só um espaço de exclusão dos serviços, mas também um espaço onde se realiza o consumo (ADORNO & CASTRO, 1994).

Por conta disso, o estudo de determinados aspectos do saber passado a várias gerações, principalmente aquele passado através da história oral, torna-se importante para registrá-lo antes que possa se perder definitivamente.

A partir da década de 80, com o asfaltamento da estrada que liga Lumiar a Mury, as localidades de Lumiar e São Pedro da Serra começaram a perder sua característica de isolamento parcial, mantida desde os tempos da colonização, e começaram a sofrer uma “invasão” de turistas. Até aquele momento, essas localidades eram compostas basicamente por agricultores que mantinham muito pouco ou nenhum contato com o meio urbano (TEIXEIRA, 1998). Ainda não havia luz elétrica, nem telefone. O transporte era muito precário, com um único horário de ida para Friburgo e um de volta. Ainda segundo Teixeira (1998), os espaços de sociabilidade se reduziam à Igreja, ao futebol aos domingos e à praça. Alguns encontros aconteciam na casa de algum morador que mantinha uma televisão ligada, movida por gerador próprio, até as sete ou oito horas da noite.

A chegada das “pessoas de fora” trouxe um choque cultural e a adaptação dos moradores se deu de forma lenta e gradativa, permeada de conflitos (TEIXEIRA, 1998). Os primeiros a chegar eram jovens que acampavam em qualquer terreno desocupado, os famosos “hippies”, e após estes um crescente número de pessoas vindas principalmente do Rio de Janeiro e Niterói, da classe média, em busca de um refúgio para o stress da vida cotidiana das grandes cidades (CARNEIRO, 2000). Essa demanda gerou um rápido crescimento do número de pousadas, bares, restaurantes e casas para alugar.

A propriedade que já sofria um parcelamento, desde tempos antigos, devido à cultura da prática da partilha igualitária da terra, entre filhos, como forma da transmissão da herança (CARNEIRO, 2000), passou a ser mais fracionada ainda, em lotes vendidos ou destinados à construção de casas para aluguel. Ainda segundo a mesma autora, a paisagem deixa de ser ocupada por lavouras e passa a servir aos interesses de setores da classe média urbana, chamando a atenção para o fato de que em locais em que a terra é valorizada como mercadoria há uma maior fragmentação da propriedade. Dessa maneira, as famílias rurais residentes na área de estudo começaram a passar por um processo de transformação de suas condições de reprodução social, através da crise da pequena agricultura e da intensificação do turismo (TEIXEIRA, 1998), que afetaram sobremaneira a cultura local, levando os moradores a uma nova forma de utilização do solo e muitas mudanças de hábitos.

Outro aspecto que deve ser levado em conta é o fato de o município de Nova Friburgo ter a totalidade de seu território como área de domínio da Mata Atlântica, o que submete a prática agrícola a uma legislação específica que dificulta ou impede essa atividade em várias áreas consideradas de proteção ambiental (CARNEIRO, 2003¹ *apud* SILVA, 2007), como a APA Estadual Macaé de Cima que foi estabelecida em 2001. A criação dessas áreas expressa modos diferenciados de perceber a questão do homem em relação ao meio ambiente. Alega-se que devido às pressões de sitiantes “de fora” e segundo a visão de certos grupos de moradores esse processo ocorreu sem a participação nem conhecimento das comunidades locais (REGO, 2006) que se encontram totalmente inseridas na área da referida APA. Esse fator impôs aos agricultores abandonar o sistema de pousio de áreas de capoeira, que sempre foi praticado por eles, devido à incorporação dessas áreas como “áreas de regeneração”, pela legislação ambiental.

O uso de plantas no tratamento e na cura de enfermidades é tão antigo quanto a espécie humana, simbolizando muitas vezes o único recurso terapêutico de muitas comunidades e grupos étnicos (MACIEL *et al.*, 2002). A falta de médicos disponíveis e o acesso difícil a medicamentos permitiram a abertura de espaços sociais ocupados por práticas terapêuticas populares (PUMAR-CANTINI, 2005) que faziam com que pessoas recorressem freqüentemente àqueles que detinham o conhecimento das propriedades medicinais das plantas: os erveiros, curandeiros ou até mesmo os rezadeiras. Portanto, essa era uma prática que fazia parte do cotidiano das populações, que pouco a pouco foi perdendo seu espaço com a chegada de outros recursos advindos do desenvolvimento, que no caso do presente estudo, pode ser ilustrado com a chegada dos postos de saúde e de farmácias.

Ainda na década de 80, em Lumiar, um encontro, que foi fruto do esforço e do saber de pessoas, pertencentes às diversas comunidades que compõem o 5º Distrito, refletiu a preocupação em recuperar o uso das plantas medicinais, que faziam parte das farmácias caseiras, em tempos não muito distantes, em detrimento do consumo exagerado dos remédios industrializados (1º Encontro Sobre Ervas Medicinais, 1985).

Algumas perguntas poderiam ser feitas. Como os agentes (erveiros, curandeiros e rezadeiras) e usuários concebem a saúde e a doença? Quais as crenças e práticas de cura utilizadas no cotidiano dessas pessoas? Como surgem essas práticas? Qual a relação entre elas? Como as mudanças sociais afetam esse saber e sua transmissão? O que há em comum

¹ CARNEIRO, M. J. “Agricultura, meio ambiente e turismo: desafios para uma agricultura multifuncional (Nova Friburgo, RJ)”. In: CARNEIRO, M. J.; MALUF, R. S. (orgs.). *Para além da produção: multifuncionalidade e agricultura familiar*. Rio de Janeiro: Ed. MAUAD, 2003. 230 p.

entre seus praticantes? Atualmente algumas questões ganham espaços nas discussões focalizadas na área da saúde como o convívio da saúde com a doença, a busca de qualidade mais do que quantidade, a dimensão transnacional dos fenômenos de saúde, a constatação de que a conquista da saúde não significa a diminuição das doenças e o fato de que a riqueza e as tecnologias não representam o término das desigualdades (ADORNO & CASTRO, 1994).

Porém, o presente estudo não possui a proposta de responder a todos os questionamentos que venham a surgir em meio a um assunto tão complexo e a valorização desse conhecimento se constitui, no mínimo, como um banco de dados sobre a potencialidade da biodiversidade.

Através de um levantamento feito das curandeiras renomadas do Rio Grande do Norte, Costa (2001)² *apud* Pumar-Cantini (2005) percebeu que em sua grande maioria essas pessoas tinham dois pontos em comum: a pobreza e a fé. Em sua pesquisa, ele considera os seus atores sociais verdadeiros representantes de uma autêntica resistência diante da cultura dominante e desenfreada dos modernos meios de comunicação e das ditas religiões oficiais que tanto as discriminam.

Na busca pela compreensão das relações que permeiam o uso de plantas medicinais, as pesquisas etnodirigidas têm demonstrado ser poderosas ferramentas (ALBUQUERQUE & HANAZAKI, 2006). De acordo com esses autores muitos estudos se prendem à questões que muitas vezes são limitantes quanto a sua aplicação utilitária na descoberta de novos fármacos. Entre esses aspectos citam publicações com problemas éticos, metodológicos, teóricos e com resultados pobres.

Novamente, a presente pesquisa não pretende aqui, apontar para a possibilidade da descoberta de novos fármacos, uma vez que não fará estudos relacionados aos princípios ativos contidos nas plantas.

Vale ressaltar que mesmo os estudos que não possuem o objetivo inicial de contribuir com a descoberta de novos fármacos, mostram potencial de desdobramento no sentido de fortalecer essa área de pesquisa (ALBUQUERQUE & HANAZAKI, 2006).

Para facilitar o entendimento da temática abordada e colocar o leitor em sintonia com o assunto, serão contemplados em seguida, alguns aspectos sobre o uso de plantas medicinais através dos tempos, a relação entre a biodiversidade e a etnobotânica, além de conceituar o que vem a ser o etnoconhecimento e suas pesquisas. Dessa maneira, pretende fundamentar teoricamente o assunto eleito.

² COSTA, G. Rezadeiras do Rio Grande do Norte. In: *Revista Folclore*. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, n. 238. Março 2001.

A partir daí, parte para uma compreensão de quem são os atores locais aqui mencionados, através de sua trajetória histórica desde os tempos da colonização, que representou a primeira experiência oficial no Brasil (CARNEIRO, 2000; PUMAR-CANTINI, 2005) e sua interferência na identidade social da comunidade foco. Na seqüência desse capítulo, será analisado o cenário da área de estudo, num recorte desde 1980, revelando algumas mudanças sócio-ambientais e culturais ocorridas na área de estudo. Após essa etapa, o trabalho versa sobre a metodologia eleita, fazendo algumas ponderações sobre a mesma.

A seguir, serão discutidos os resultados encontrados, intercalando-se a fala desses atores locais, na área de estudo e como se processa seu saber-fazer em relação às plantas medicinais e às suas práticas de cura, bem como a transmissão desse conhecimento adquirido pela sua vivência pessoal.

Após essa etapa, a conclusão traz uma reflexão sobre os resultados encontrados e sobre as consequências que podem acontecer quando as tomadas de decisões, que fazem parte de políticas públicas, não levam em conta o patrimônio do conhecimento das populações que se encontram em locais escolhidos como áreas de proteção.

1.1. Objetivos

Aponta-se aqui como *objetivo geral*:

- Investigar sobre o uso e o conhecimento informal, o saber-fazer, de plantas medicinais por parte dos erveiros / rezadeiras / curandeiros de Lumiar e São Pedro da Serra, Nova Friburgo, RJ.

Na direção de contextualizar o estudo, alguns *objetivos específicos* vêm a reboque, tais como:

- Identificar os detentores de um saber local, seus limites e conhecimentos acerca do uso de plantas medicinais (idade, sexo, nível de instrução, profissão);

- Relatar se, e como é orientado o uso de plantas medicinais pelos detentores desse saber local (indicações, formas de preparo, partes usadas das plantas, coleta);

- Coletar e identificar botanicamente algumas plantas utilizadas por eles;

- Identificar através dos atores locais as possíveis mudanças sócioambientais e culturais ocorridas, bem como a existência de transmissão de saberes entre as gerações;

- Discutir como essas mudanças no modo de vida dos atores locais afetam o seu saber e sua transmissão através das gerações;

- Pesquisar a aceitação no uso de plantas medicinais, por parte da população local e registrar sua percepção acerca das mudanças socioambientais e culturais ocorridas na região nos últimos trinta anos.

2. AS PLANTAS MEDICINAIS ATRAVÉS DOS TEMPOS

O uso de plantas medicinais faz parte da cultura do ser humano desde tempos remotos. Mesmo quando ainda nômade, subsistindo da caça e da pesca, a colheita de frutos, raízes, ervas e sementes já faziam parte de sua suplementação alimentar.

O aprendizado do uso das plantas se deu de várias maneiras. A mais remota, talvez, tenha sido por instinto, do mesmo modo como algumas espécies de animais utilizam esse recurso. Ao olhar pássaros e outros animais (que quando doentes, recorrem às plantas curativas), o homem selecionou e usou vegetais, orientado por observações próprias. A descoberta humana das propriedades benéficas ou maléficas, curativas ou destrutivas dos vegetais, tem, certamente, raízes longínquas e profundas no conhecimento instintivo, que se deu através de longas séries de experiências e de erros sobre os recursos vegetais utilizáveis, de acordo com Le Goff (1997). O mesmo autor cita como exemplo o caso do cafeeiro da Arábia (*Coffea arabica*) que observado por religiosas que notaram seu efeito excitante nos herbívoros domésticos que o consumiam, resolveram se servir dele para aumentar seu estado de vigília, necessário às suas ocupações. Também se pode recorrer à observação cotidiana de cães e gatos que freqüentemente buscam nas ervas uma solução para desordens digestivas.

Houve outra maneira de se apreender o uso das plantas, desta vez por inspiração divina, uma vez que as doenças também estavam associadas a males espirituais e eram tratadas por pessoas “iluminadas” como os magos, sacerdotes ou curandeiros, de acordo com cada cultura. Bottéro (1997) aponta que na Babilônia foram desenvolvidos, com bastantes registros, dois tipos de medicina, uma de médicos e outra de magos. Segundo Le Goff (1997), enquanto as propriedades físicas não são conhecidas, a explicação ou justificação sobrenatural destas prevalecem necessariamente. Para ilustrar, o autor cita a descoberta do ginseng (*Panax ginseng L.*), na China. Diz a história, que uma jovem estéril, ameaçada de ser repudiada pelo marido, teve um sonho onde o Deus da Longevidade apareceu-lhe e instruiu-a sobre a planta, ordenando-a que desenterrasse as raízes e fizesse uma infusão que lhe permitisse dar à luz um filho. Esse conto é um exemplo de uma explicação de como a intervenção divina teria favorecido a descoberta de algumas propriedades medicinais das plantas. De acordo ainda com Le Goff (1997, p.345), “a história antiga das plantas que curam surge eivada de empirismo e de imaginário, de material e de ideal”. E seguindo essa evidência, continua

(1997, p. 348): “Estes conhecimentos herboristas da tradição oral exercem-se em diversos níveis, desde o recurso a plantas simples, de uso corrente e generalizado, até a arte de curandeiros especializados cujas práticas se rodeiam de mistério, a saber, de uma aura de magia”. A isso ele chama de arte da ervanaria. Segundo Le Breton (1995)³ *apud* Martins (2003), todo sistema simbólico é sistema de eficácia e os limites objetivos da medicina são antes, limites de sentidos.

A Antiguidade revela ainda importantes registros de conhecimento e uso de plantas medicinais em culturas distintas localizadas em diversas partes do globo. O Papiro de Ebers, um dos mais antigos escritos egípcios, que data cerca de 1500 a. C., registra 150 plantas, fazendo referência a fontes mais antigas até 3000 a. C. e também fontes fora do Egito. A Índia também detém importante acervo, do sec. VI a. C., com o registro de 700 plantas medicinais. A cultura milenar chinesa possui uma farmacopéia oficial datada do ano de 659, sendo o primeiro documento deste gênero no mundo (LE GOFF, 1997). O mesmo autor aponta que conhecimentos médicos e fitoterapêuticos foram trocados e difundidos entre países vizinhos e passaram de civilização em civilização, especialmente entre Egito e Ásia Menor, passando posteriormente a influenciar a Europa, especialmente no Mediterrâneo Oriental. Tais conhecimentos sofreram adaptações e transformações tecnológicas, sociais e econômicas (por exemplo, a domesticação de animais e plantas). Isso gerou um poderoso movimento de idéias que originou a escola dos filósofos e naturistas que lançou as bases do que seria a “história natural”.

A Grécia torna-se uma importante referência cultural de onde saem importantes trabalhos e pensadores. Galeno (médico grego, sec. II) redige uma sùmula de conhecimentos eruditos da arte de curar e menciona mais de 450 plantas medicinais, além de reforçar a tese de que qualquer médico deveria ter uma sùlida bagagem de botânico e de ervanário (LE GOFF, 1997). Os mestres gregos deixaram um importante legado que foi norteador da prática médica na Europa medieval e um poderoso banco de dados contendo referência a plantas que são até hoje utilizadas. Um bom exemplo é a Homeopatia que faz pleno uso de alguns medicamentos de origem vegetal, de plantas já conhecidas pelos gregos.

Seguindo uma linha cronológica chega-se a um nome que não poderia deixar de ser citado: Paracelso (1493-1541), um alquimista ilustre que através de destilações sucessivas tentava encontrar a quinta-essência das drogas. Ele desenvolveu a “Teoria das Assinaturas”. Essa teoria também consistiu em parte do aprendizado de utilização de plantas com poder de

³ LE BRETON, D. *Antropologie de la douleur*. Paris: Métailié. 1995.

cura. Ela diz que cada planta traz em si mesma o sinal de sua utilidade na medicina. Assim, as formas das raízes, caules, folhas, flores, frutos e sementes correspondem de algum modo, ao órgão que são capazes de curar. Para exemplificar, a noz, que parece o cérebro humano, seria utilizada para o tratamento de perturbações mentais e as plantas aveludadas seriam boas para a queda de cabelo. Como registra Cravo (2003), em seu livro, no século XVII, o botânico inglês Robert Turner disse que Deus imprimiu nas plantas, ervas e flores hieróglifos que são de certa forma a própria assinatura de suas virtudes. A teoria das Assinaturas tem influência em algumas práticas terapêuticas até os dias de hoje, como é o caso da terapia floral, onde o sistema mais conhecido e pioneiro é o sistema dos Florais de Bach.

No decorrer dos tempos, o homem construiu um grande acervo de conhecimentos, baseado nas informações sobre o ambiente que o cerca, composto por observação constante e sistemática dos fenômenos e características da natureza e na experiência empírica desses recursos, segundo Jorge & Morais (2002). Com o avanço científico, tecnológico e a descoberta do Novo Mundo, novas drogas vegetais, como a Quina e a Ipeca foram conhecidas, o que aumentou o interesse pelo estudo do reino vegetal e propiciou o desenvolvimento da botânica.

Outra forma de ciência, a química, fez com que as atenções se voltassem para as propriedades farmacológicas e os princípios ativos encerrados nos vegetais. Mas, para Le Goff (1997), apesar de esse novo olhar, mais científico, as plantas e suas virtudes curativas nunca perderam sua aura de mistério e seu uso sempre foi associado a um empirismo carregado de peculiaridades locais.

O conhecimento de espécies vegetais com propriedades medicamentosas se manteve na história das civilizações chegando até os dias de hoje, sendo amplamente utilizado por grande parte da população mundial como eficaz fonte terapêutica, ainda de acordo com Jorge & Morais (2002). Maciel *et al.* (2002), reforça que ainda hoje, desde as regiões mais pobres do país até nos grandes centros urbanos, plantas medicinais são comercializadas em feiras livres, mercados populares e cultivadas em quintais residenciais.

Então, tomando por base que as plantas medicinais sempre fizeram parte da história do homem, seu estudo ganhou nova forma de tratamento. Uma dessas formas começou a relacionar a planta com seu local de origem e a população que a utilizava e com que finalidade. Uma espécie de “simbiose”, onde uma coisa depende da outra. Essa visão contextualizada, chamada de etnografia e que, no caso das plantas, chamada etnobotânica, são ramos da ciência que serão desenvolvidos a seguir.

3. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

3.1 - Etno e ciência

O uso de plantas com fins terapêuticos perdurou através dos tempos e foi merecedor de pesquisas que puderam registrar e elucidar as peculiaridades que envolviam essa prática. Há muitos documentos manuscritos que descrevem as propriedades medicinais de cada planta com utilização consagrada por determinada cultura. No início do Renascimento a arte da ervanaria teve o seu apogeu e era bastante difundida. No século XV a descoberta da imprensa facilitou a difusão desse conhecimento, ao mesmo tempo em que o mundo vivenciava um período de intensas mudanças. A descoberta do Novo Mundo através das grandes navegações trouxe para o cenário muitas espécies do reino vegetal, o que suscitou um aumento de interesse pelo estudo da botânica, que pouco a pouco foi se distanciando da arte da ervanaria, no relato de Le Goff (1997).

As expedições enviadas às terras do Novo Mundo eram acompanhadas por naturalistas, que estudaram amplamente a botânica, sem, contudo, contextualizar seu uso e manejo pelas sociedades locais, consideradas primitivas (PIRES, 1984⁴ *apud* JORGE & MORAIS, 2002) e, portanto não merecedoras de maiores considerações científicas. Os usos de plantas em culturas diferentes daquelas conhecidas pelos europeus foram registrados por diversos profissionais que faziam parte de tais expedições como comerciantes, missionários, antropólogos e botânicos (DAVIS, 1995⁵ *apud* JORGE & MORAIS, 2002). Dessa forma, cada um, com seu olhar, faziam registros sob diferentes óticas. No Brasil, plantas utilizadas pelos indígenas foram registradas e coletadas por diversos expedicionários que aqui estiveram.

Na verdade, segundo o americano Richard E. Schultes, o estudo etnobotânico existe desde os primórdios da história da humanidade (BALDINI, 2008) haja vista toda a história e formas de uso da arte da ervanaria que estava impregnada de traços da cultura do seu lugar de origem, bem como das crenças que circundavam suas aplicações.

⁴ PIRES, M. J. P. Aspectos históricos dos recursos genéticos de plantas medicinais. *Rodriguesia*, 36, 59, 61-66, 1984.

⁵ DAVIS, E. W. Ethnobotany: an old practice, a new discipline. In: SCHULTES, R. E. & REIS, S. von (Ed.). *Ethnobotany: Evolution of a Discipline*. New York: Chapman & Hall, 1995. p.4049.

Mas somente em 1895 o termo etnobotânica foi formalmente definido por Hasberger como sendo o estudo de plantas usadas por tribos primitivas e aborígenes (ALBUQUERQUE, 2005). Por conta desta definição seu entendimento ficou atrelado a esse conceito.

Somente mais tarde, a partir de meados do sec. XX como consequência do desenvolvimento de outras ciências, entre elas a antropologia, é que se passou a entender a etnobotânica como um estudo das inter-relações entre povos e plantas envolvendo o fator cultural e sua interpretação (JORGE & MORAIS, 2002). Cabe aqui se destacar a importância de aspectos que fazem parte da cultura da população estudada pelo pesquisador. Neles residem, muitas vezes, detalhes imperceptíveis a olhares rápidos, que determinam sobremaneira o modo pelo qual se faz o uso das plantas. A complexa trama cultural pode abrigar eventos que às vezes parecem atrapalhar uma pesquisa científica, no sentido de poder envolver fatores místicos associados ao seu uso, por exemplo. O que se quer dizer aqui é que, em muitas situações é sobre esses fatores que está apoiado o saber-fazer relacionado às plantas, que não teriam sentido sem uma crença por trás deles. Mesmo o cotidiano dessas populações pode trazer fatores condicionantes que fundamentem e motivem uma determinada forma de uso dos recursos vegetais.

Encontra-se na literatura várias definições distintas para o termo etnobotânica e seus conteúdos podem ter vários enfoques, de acordo com a formação do pesquisador e sua linha de pesquisa. Mas como é um estudo que envolve fatores objetivos e subjetivos, faz-se necessário um olhar e colaboração interdisciplinar para que sua prática seja mais bem desenvolvida. Prance (1991), por exemplo, sugere que pesquisadores das áreas de botânica, antropologia, ecologia, química, engenharia florestal e agronomia atuando conjuntamente, tragam maiores progressos às pesquisas realizadas já que a multidisciplinaridade amplia e esmiúça o objeto de pesquisa. Já na visão de Maciel *et al.* (2002, p.429), a botânica, a farmacologia e a fitoquímica juntas “enriquecem os conhecimentos sobre a inesgotável fonte medicinal natural: a flora mundial”.

Atualmente, a etnobotânica pode ser entendida como o estudo das inter-relações (materiais ou simbólicas) entre o ser humano e as plantas, devendo-se somar a este os fatores ambientais e culturais, bem como os conceitos locais que são desenvolvidos com relação às plantas e ao uso que se faz delas (JORGE e MORAIS, 2002). De acordo com essa definição, a interdisciplinaridade passa a ser um requisito indispensável para a realização de uma pesquisa etnodirigida com qualidade.

É comum que uma pesquisa fique direcionada de acordo com a formação do pesquisador. Numa abordagem multidisciplinar, cada um pode dar seu toque, sua visão, seu

destaque ao objeto estudado, de forma que um conhecimento penetre os limites do outro, complementando sua compreensão. O produto disso não é como algo linear, plano, mas multifacetado e tridimensional, que abriga em si a expressão da interdisciplinaridade.

Dessa maneira, a pesquisa fica mais completa e atrela assuntos que estão inter-relacionados entre si, permitindo uma leitura complexa, não fragmentada e distorcida de seu foco.

Por isso, quando se faz uma abordagem etnodirigida, como é o caso da etnobotânica, a interdisciplinaridade torna-se um pré-requisito, diferencial na produção dos resultados desejados.

3.2 - Biodiversidade e etnoconhecimento na pesquisa científica

A Mata Atlântica é um dos ecossistemas mais devastados e ameaçados do planeta. Outra característica sua é a complexidade e presença de muitas espécies endêmicas, como acontece em florestas tropicais. Diferentemente das florestas da Europa e América do Norte, monótonas em sua uniformidade e insistentes na sua capacidade de regeneração, as florestas tropicais podem até ser destruídas, mas talvez nunca mais se recomponham no lugar de onde foram eliminadas.

Num relato contundente e apaixonado, e não menos lúcido nem científico por conta disso, Warren Dean descreve a trajetória histórica e etnográfica da destruição desse bioma, desde a chegada dos portugueses e sua postura exploratória. Demonstrando a gravidade e profundidade do assunto, merece aqui, a exposição em destaque de suas palavras (DEAN, 2007, p.23):

A destruição dessas florestas é irreversível, no âmbito de qualquer escala temporal humana. Quando a floresta tropical é destruída, a perda em termos de diversidade, complexidade e originalidade não é apenas maior que a de outros ecossistemas: é incalculável. Pois embora seja exequível catalogar as formas de vida da floresta boreal – e, de fato, isto está bastante adiantado – o inventário de uma floresta tropical fica bem além de nossos recursos, atuais ou no futuro próximo.

Diante de tal constatação percebe-se o tamanho da responsabilidade em se preservar essa floresta e da irresponsabilidade em perdê-la. Mas, infelizmente, o segundo ato praticado, temperado com ignorância, ganância, incoseqüência ou que adjetivos mais puderem ser colocados no texto, foi o que aconteceu no Brasil. Aliás, acontece há 500 anos, desde a sua descoberta. Faz tanto tempo que passou a fazer parte da cultura política do país, uma cultura

exploratória e de não preservação. O pior de tudo é que essa conta alta será a herança deixada por nós para as futuras gerações.

Correr atrás do tempo. É isso que a ciência procura fazer ao pesquisar os 7 ou 8% (BALDINI, 2008) que restaram da floresta original. O complexo de florestas formador da Mata Atlântica possuía cerca de um milhão de quilômetros quadrados (BALDINI, 2008; DEAN, 2007; QUINTEIRO, 2008), associado à outra muito maior, a Floresta Amazônica. A Mata Atlântica é considerada a floresta tropical mais ameaçada do globo terrestre, como já citado anteriormente, e suas porções mais preservadas estão localizadas nos estados de São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais e Espírito Santo (CÂMARA, 2003⁶ *apud* QUINTEIRO, 2008). A maioria dos seus remanescentes é composta por fragmentos de formações florestais secundárias e os núcleos que ainda podem ser caracterizados como florestas primárias estão concentrados em áreas de altitude elevada e de difícil acesso (CÂMARA, 2003⁷ *apud* QUINTEIRO, 2008).

Estima-se que o Brasil possua 22% das plantas conhecidas no mundo, o que representa um patrimônio que vem sendo alvo da cobiça por parte de países do primeiro mundo (PUMAR-CANTINI, 2005). Entre as razões que justificam o interesse crescente pelas plantas medicinais, nos países industrializados, estão a escassez de novas descobertas, pelos processos tradicionais de síntese química, de moléculas farmacologicamente ativas e passíveis de uso em terapêutica, os efeitos colaterais decorrentes do uso correto ou abusivo de fármacos sintéticos, e a mudança do perfil do consumidor que, desde o final da década de 80, tem preferido produtos naturais no lugar dos sintéticos, em vários setores como a saúde, alimentação, vestuário ou higiene (SHARAPIN, 2000).

A biodiversidade presente nas florestas tropicais tem reconhecida importância ecológica, econômica, social e cultural, mas o conhecimento científico do seu potencial ainda é restrito, o que demonstra que pesquisas podem subsidiar trabalhos sobre usos sustentáveis e apontar para potenciais da biodiversidade através da valorização e do aproveitamento do conhecimento empírico das comunidades inseridas nesse ambiente (QUINTEIRO, 2008).

Nessa direção, pesquisas etnodirigidas são ferramentas úteis especialmente no Brasil, onde se estima que mais de 99% da sua flora ainda seja quimicamente desconhecida

⁶ CÂMARA, I. G. Brief history of conservation in the Atlantic Forest. In: GALINDO-LEAL, C. & CÂMARA, I. G. (Eds.). *The Atlantic Forest of South America: biodiversity status, threats, and outlook*. Washington: Center for Applied, Biodiversity Science & Island Press. P. 31-42. 2003.

⁷ Idem.

(GOTTLIEB *et al.*, 1996⁸ *apud* QUINTEIRO, 2008). Entre elas, as plantas medicinais respondem por cerca de 25% do total das prescrições médicas em países industrializados e nos países em desenvolvimento a participação dessas plantas no arsenal terapêutico, chega a responder por 80% (SHARAPIN, 2000). No entanto, muitas pesquisas etnobotânicas têm se ocupado muito em registrar as plantas, seus usos e indicações terapêuticas, deixando de lado as questões sócio-culturais, imprescindíveis nesse tipo de abordagem (ALBUQUERQUE & LUCENA, 2004).

As investigações etnofarmacológicas e etnobotânicas têm sido usadas como estratégia de seleção de plantas medicinais reconhecidas por cientistas em todo o mundo. Segundo os autores, a grande contribuição de muitos estudos é apresentar uma lista de espécies (animais ou plantas) com informações sobre seus usos por comunidades locais. Tais pesquisas continuam resgatando o período inicial das investigações etnocientíficas, fortemente carregadas de uma influência etnográfica (ALBUQUERQUE, 2005).

Para Geertz (1989), quando se quer compreender o que é ciência, não se deve olhar, em primeiro lugar, para suas teorias ou descobertas, mas sim, para o que os praticantes da ciência fazem.

Porém, enumeram-se alguns aspectos como sendo limitantes e indicadores de fragilidades em tais pesquisas, a saber: dificuldade de coletar informações fidedignas das pessoas; a existência de questões éticas que envolvem acesso a conhecimento tradicional associado ao uso da biodiversidade e o fato do uso de plantas em diferentes culturas encontrarem-se sempre associado, em maior ou menor grau, a componentes mágico-religiosos (ALBUQUERQUE e HANAZAKI, 2006).

Alguns desses rituais estão tão entranhados em algumas culturas, que não podem ser desconsiderados. Além disso, o resultado dessa prática ritualística muitas vezes é positivo, levando o usuário a um estado de recuperação de sua saúde. Nesse sentido, vale um entendimento de que não são somente os ativos químicos que operam na recuperação da saúde e sim, muitas vezes, causas subjetivas e complexas que fogem à luz da Ciência. É o caso de uma doença imaginária e famosa: a hipocondria, que apesar de ter nome definido, não se precisa sua origem nem sua localização. Para consolidar a compreensão da relação entre magia e medicina, há que se admitir que o simbólico imponha uma série de significações que

⁸ GOTTLIEB, O. O. R.; KAPLAN, M. A. C. & BORIN, M. R. M. B. *Biodiversidade: um enfoque químico-biológico*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1996.

a objetividade causal e racional não pode explicar (MARTINS, 2003). Quintana (1999)⁹ *apud* Pumar-Cantini (2005) observa a presença do elemento religioso mesmo dentro dos hospitais (capelas, crucifixos, imagens de santos, etc.) e aponta que dessa maneira, não existiriam nem práticas terapêuticas puramente científicas nem puramente mágico-religiosas.

De acordo com Jorge e Morais (2002), esse é um dos pontos em que a pesquisa etnodirigida surge como mediadora entre os diversos discursos culturais, entendendo a diferença que existe entre o discurso científico e o saber popular. Porém, esse entendimento não é tarefa das mais fáceis. Eis aí um importante caminho a ser trilhado pelo etnógrafo. Caminho que diminui abismos culturais e faz uma ponte entre os discursos variados, que se encontram dentro e fora do meio acadêmico. Discursos esses que contribuem para a ampliação das possibilidades de leitura de mundo do homem.

A pesquisa etnográfica, aqui pode ser entendida como a prática da etnografia, que representa a análise antropológica como forma de conhecimento. Assim, o trabalho etnográfico se torna carregado de detalhes necessários para a leitura e compreensão do objeto estudado. Cabe ao pesquisador desenvolver um aguçado senso de observação e de organização, juntamente com a priorização das questões éticas e metodológicas para dar à sua pesquisa a qualidade desejada.

Nas diversas sociedades estabelecidas através dos tempos, há uma gama de conhecimentos e de hábitos que as tornam distintas umas das outras. Essas peculiaridades se tornaram objeto de muitas pesquisas realizadas por vários estudiosos que procuraram caracterizar e entender seus lugares e significados em cada grupo social, imprimindo em cada um deles uma marca distinta. Assim, ao se falar na figura do pai-de-santo, fala-se daquele que é o principal detentor do conhecimento acerca dos rituais de um terreiro de Candomblé, e que numa certa medida, o administra de acordo com sua marca e trajetória pessoal, o que resulta numa grande diversidade de cultos e de serviços colocados à disposição da clientela (LOYOLA, 1984).

Nessa direção, no presente trabalho entende-se saber local como o acervo de conhecimento empírico acerca das plantas e suas propriedades medicinais, bem como alguns procedimentos de cura ou até mesmo de coleta dessas plantas que envolvem, ou não, componentes místico-religiosos, adquiridos por moradores antigos da área de estudo, entendendo por antigos, aqueles que estão no local há mais de quarenta anos. Esses são os atores locais.

⁹ QUINTANA, A. M. *A ciência da benzedura: mau olhado, simpatias e uma pitada de psicanálise*. Bauru: EDUSC, 1999. 225 p.

4 – A ÁREA DE ESTUDO EM SEU CONTEXTO SOCIO-HISTÓRICO

4.1 - O homem: agente transformador e transformado da história

Muitas vezes se olha para o presente sem se perceber quanta coisa este traz consigo e ao se voltar esse olhar para o passado, para a história, nota-se que fatos antes despercebidos ou sem lógica, se engrandecem e descortinam outros. Como se fosse um trem, com vários vagões presos uns aos outros, a história conecta os acontecimentos e dá o suporte necessário para o entendimento do agora e de outros episódios que porventura possam vir. Dentro dessa ótica, esse capítulo traz um breve recorte da formação dos povoados de São Pedro da Serra e Lumiar para que, a partir daí, o olhar recortado no presente esteja contextualizado com a herança cultural e de vida arraigados nesse povo, descendente dos primeiros colonos que aqui chegaram trazendo em sua bagagem expectativas, sonhos e esperança de alcançarem uma vida melhor com a promessa do Mundo Novo.

Nova Friburgo, um dos mais antigos municípios do Brasil, inaugurou a colonização planejada em nosso país, em 1818, com a instalação de uma colônia de famílias suíças na Fazenda do Morro Queimado (CARNEIRO & ROCHA, 2009).

Tudo começou assim...

Com a vinda da família real para o Brasil, em decorrência das guerras napoleônicas na Europa, essa terra que tinha como única finalidade a exploratória precisava ganhar “outra cara”, tornando-se oportuno o recebimento de imigrantes, uma mão-de-obra branca e mais qualificada que a de escravos. Ao mesmo tempo, havia um capitalista suíço, Nicolau Sebastião Gachet, interessado em terras virgens para implantar sua empresa que teria suíços na qualidade de seus empregados, de acordo com relato de Pumar-Cantini (2005). Após muitas negociações, a condição imposta pela monarquia portuguesa para a chegada dessa gente, os suíços, que se diferenciavam dos negros e mestiços que constituíam a população do Brasil, era o recebimento de 100 famílias que deveriam ser católicas e naturalizadas brasileiras, cuja atividade principal a ser desenvolvida seria a atividade agrícola, ainda de acordo com Pumar-Cantini (2005). Outra condição norteadora dos acontecimentos dos fatos é que essa colônia ficaria a cargo exclusivamente das autoridades portuguesas, afastando, dessa forma, a possibilidade da gerência por parte dos suíços. O documento oficial foi produzido e

Fazenda do Morro Queimado, como conta Carneiro (2000). Foi um começo um tanto quanto conturbado, uma vez que as acomodações foram feitas para receber 100 famílias e não para as 261 que aqui chegaram. Sem falar nos muitos que sucumbiram na viagem de navios superlotados que fizeram desembarcar muitos órfãos, coisa que não estava prevista e que originou muitas famílias “artificiais”, de acordo ainda com o que relata Pumar-Cantini (2005), ilustrado nas palavras de Wermelinger Monnerat (2007, p. 160):

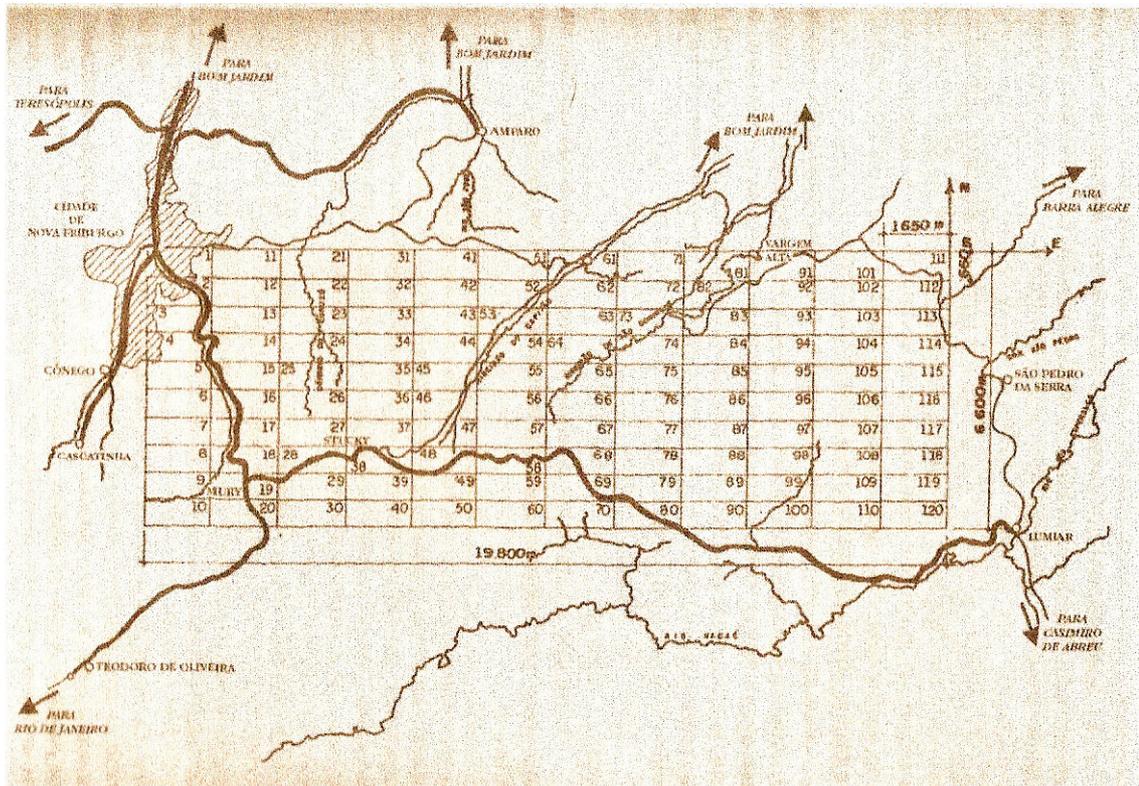
Para se ter uma idéia do desconforto e do constrangimento vivenciados pelos colonos é interessante notar que quatro ou cinco famílias conviveram, durante algum tempo, nessas condições precaríssimas de alojamento que, no seu aspecto, lembravam moradias típicas das classes pobres do período colonial. “Casas muito simples, de quatro cômodos, como já dito, chão de terra sem soalho, janelas sem vidraça, telhas ocas, sem cozinha nem banheiros no seu interior.

Morro Queimado foi escolhido devido à sua semelhança com o clima do local de origem dos que aqui chegaram o que, diga-se de passagem, foi eleito como o único critério e a única coisa em comum encontrada por essa gente com sua terra natal, de acordo com Carneiro (2000). Uma vez instalados os colonos, as recomendações da Administração Colonial eram para afastar os índios dos limites de Nova Friburgo (MAYER, 2000).

Essa foi, assim, a primeira experiência oficial de imigração patrocinada pelo governo, que tinha num de seus objetivos, atender a uma política de povoamento que compensasse a população negra crescente no país, como reforçado no que diz Carneiro (2000, p. 45): “A tentativa de fixar imigrantes de origem européia na região de Nova Friburgo esteve ancorada na política colonial de D. João VI de contrabalançar a mão-de-obra escrava negra, com trabalhadores brancos, em um país que se construía como nação (branca) voltada para a Europa”.

De acordo com a política conduzida por parte do governo, muitas dificuldades foram encontradas além das instalações precárias, como difícil acesso aos centros urbanos e má administração. Ademais, os lotes, de igual tamanho, traçados de maneira uniforme sobre um mapa que não levava em conta as condições geográficas do local, eram sorteados de modo que só após desbravar o local é que se sabia se as terras eram habitáveis ou próprias para a lavoura ou não, isso quando não se encontravam sobre abismos ou montanhas de rocha, Carneiro (2000). A figura 2 ilustra como era o mapa que continha os lotes numerados, de igual tamanho a serem sorteados. A maneira uniforme do seu tracejado revela o desconhecimento das condições de relevo, ou a falta de importância que o mesmo tinha como

critério de avaliação para se estabelecer ali uma população que tinha como expectativa desenvolver a atividade agrícola.



O patricarca Pierre-Antoine Thürlér, considerado um dos que se encontravam em melhores condições financeiras, mesmo ainda antes da partida em território suíço, é favorecido pela sorte ao receber o lote de número 03, consideravelmente próximo da Vila (vide acima a localização dos lotes, denominados "lotes coloniais" ou "números coloniais")

Figura 2: Mapa com os lotes numerados, Wermelinger Monnerat (2007, p.159)

Um detalhamento dessa etapa é citado abaixo por Monnerat, 2007, p. 160:

Uma vez chegados os primeiros colonos, começaram a proceder as primeiras medições e distribuições de terras, trabalho que deveria ter sido executado antes, pois isto acusou uma espera por parte dos colonos de cinco meses, tempo que ficaram em inteira inatividade. Estas medições foram feitas em terras que tinham uma légua de largura em direção Norte-Sul e o comprimento de três léguas Este - Oeste, de Morro Queimado e Pedra do Cônego, e foram divididas em 120 lotes iguais, de 300 braças de frente 750 de fundo. Reservou-se ainda meia légua quadrada para a futura Vila de Nova Friburgo, deixando-se o resto para as sesmarias das fazendas reais. Destinaram 100 dos lotes para a distribuição imediata, ficando os 20 restantes em reserva para as famílias que por ventura tivessem recebido terras impróprias para o cultivo, possibilitando assim a troca.

Dessa maneira, dois grupos distintos se formaram entre os imigrantes: os que deram sorte de receber terras melhores para a agricultura e os que receberam terras piores, não

prosperando tanto quanto os primeiros. Segundo Pumar-Cantini (2005, p. 71) “quatro anos após sua chegada não restavam mais do que 600 suíços na fazenda de Morro Queimado”.

Essas circunstâncias fizeram com que os que pertenciam ao segundo grupo de colonos, hoje, moradores tradicionais de Lumiar e São Pedro da Serra, se dispersassem para outros locais, entre eles o lado leste, na direção das cachoeiras do Rio Macaé, onde em 1822, teria havido nova distribuição de terras. Foi aí que se iniciou a ocupação desses locais que hoje são os 5º e 7º Distritos (CARNEIRO 2000). Essa foi uma segunda tentativa não menos conturbada uma vez que, segundo Mayer (2001, p.3) “no vale do Macaé se depararam com algumas fazendas pertencentes a luso-brasileiros e se defrontaram com quilombos”. Os suíços com o apoio do rei teriam tomado terra dos quilombolas e suas benfeitorias (MAYER 2000).

Na época, o Tabelião já registrava a compra de fazendas na área; a mais famosa foi uma comprada por um nobre francês, pertencente à família de Roure, que aqui chegou através da família real, casado com Micaela de Abreu, membro da nobreza portuguesa, conhecida como a “Dama do Lumiar” (lugar que hoje é um bairro Lisboaeta) e deu a essa fazenda o nome de Lumiar, em homenagem à sua esposa, de acordo com Mayer (2001) e posteriormente tornou-se o nome do 5º Distrito, abrigando em seu centro, até hoje, a casa sede da referida fazenda. A mesma informação foi fornecida em depoimentos pessoais de alguns moradores (CARNEIRO 2000).

O processo de colonização na área de estudo se deu também com a presença de outros povos, como demonstra Carneiro (2000, p. 46):

Nessa mesma época, são incorporados a esse núcleo colonial, imigrantes alemães que se encontravam em Niterói, esperando por um destino. O governo tentava, desta maneira, contrabalançar o esvaziamento e o fracasso da colônia de Morro Queimado. Os alemães ocuparam os lotes abandonados pelos suíços, além de outros 20 que não haviam entrado no primeiro sorteio, bem como as terras do leste. A esses vieram se juntar além dos portugueses, os libaneses que se concentraram em atividades mercantis.

Porém, alguns grupos de índios, como os Puris e os Coroados, já haviam estado nesta área de abundante flora e fauna, além de um quilombo nas proximidades de São Pedro da Serra, indicando que no local já havia histórias mesmo antes da chegada dos colonos (MAYER 2001).

Em função da forma como os lotes foram distribuídos e das primeiras grandes dificuldades encontradas, outro fato que caracterizou esse processo de povoamento foi a constante peregrinação dos colonos em busca de terras melhores para a atividade agrícola e sua luta pela sobrevivência, visto que diante da tentativa frustrada de uma experiência de

imigração, o governo os deixou entregues à própria sorte, num lugar isolado do centro urbano, cercado de serras e precipícios, que assim permaneceu por muito tempo.

Atualmente, nomes de famílias de imigrantes dispersos por municípios vizinhos indicam os movimentos migratórios sucessivos desde os primórdios da colônia (CARNEIRO, 2000).

Outra marca cultural praticada por essa população foi a partilha igualitária de bens, o que, pouco a pouco provocou a fragmentação da terra, constituindo mais um fator ligado à constante mobilidade dessas famílias e a busca por outra atividade fora da agricultura, ainda conforme aponta Carneiro (2000, p. 54).

A prática do sistema de partilha generalizada onde todos os filhos (homens e mulheres) recebem parcelas de terra, tem sido responsável pela fragmentação excessiva de terra e, conseqüentemente, pelo agravamento de uma situação de ameaça estrutural à reprodução social e à manutenção das explorações agrícolas.

O local já possuía, na época da chegada dos imigrantes, fazendas produtoras de café, o ouro verde, o que deixava para os suíços um espaço econômico marginal representado por uma agricultura de pequena escala. Por conta disso, não foi possível uma rentabilidade satisfatória, promotora de uma boa acumulação de bens e investimentos na produção, o que conseqüentemente não contribuiu para a melhoria de suas condições de vida, afetando também as condições de reprodução social, de acordo com Carneiro (2000). Concomitantemente, havia exploração de ouro nas imediações de Cantagalo. Para evitar o contrabando, toda esta ampla região fora considerada pelo poder metropolitano como área proibida, mas nem essas medidas conseguiram deter o seu crescimento, imprimindo nela mais uma peculiaridade: a de autonomia e liberdade diante do poder metropolitano português, como afirma Mayer (2001).

Desde sua formação, Nova Friburgo se destacou por ser um município de mão-de-obra livre, apesar da existência de escravos nas fazendas produtoras de café. Essa foi uma circunstância facilitadora para o surgimento de indústrias têxteis no local, no início do século XX, como reforça Carneiro (2006). A existência de ferrovia foi outro facilitador desencadeando importante processo de transformação socioeconômica com a atração de investimentos de capital nacional e estrangeiro (CARNEIRO & ROCHA, 2009). As indústrias pertencentes a empresários alemães teriam favorecido a contratação de filhos de

pequenos agricultores pobres também de origem alemã (CORRÊA¹⁰, 1985 *apud* CARNEIRO, 2000). Surge aí, desde então, a oportunidade de trabalho assalariado que traz mais uma opção de renda familiar além da agricultura, caracterizando a pluriatividade, uma combinação entre agricultura e outra atividade na mesma unidade familiar, no campesinato friburguense.

Todas essas circunstâncias imprimiram nessa população, hoje, uma marca, que os identifica mais como brasileiros que como descendentes de imigrantes como demonstra Carneiro (2000, p. 47):

A constante peregrinação em busca de terras mais apropriadas à agricultura ou de melhores condições de vida fora da atividade agrícola é, a nosso ver, uma importante razão para a compreensão da maneira como se processou a formação e a manutenção desses povoados, podendo se encontrar aí a chave para a explicação da ausência de uma memória coletiva e individual sobre os antepassados e seus costumes.

Lumiar é palavra associada a lume, fogo, brilho, ao lado de São Pedro da Serra, lugares em que comunidades diferentes compartilharam o mesmo espaço, cultivando, além da agricultura, uma área de etnias, cores e ideologias diferentes (MAYER, 2001).

Nos casos dos Distritos de Lumiar e São Pedro da Serra, esse sentimento de não pertencimento a outro país, uma marca cultural impressa nessa população, se expressa nas palavras de Carneiro (2000, p. 44): “Apesar da pele clara, dos olhos azuis, dos cabelos alourados e dos nomes de família, poucos são os que se reconhecem como diferentes dos demais brasileiros que compartilham com eles a ocupação desse território”.

Evidencia-se desta maneira uma falta de memória, relativa a traços da cultura original, definidores de uma identidade social sustentada na origem étnica, o que impele o homem do campo de se sustentar na propriedade da terra como forma principal de interpretar seu papel social, como muito bem explica Carneiro (2000, p. 48-49), mais uma vez:

... a propriedade da terra se impõe não somente como fator preponderante para a relação mais permanente do camponês com a terra, contribuindo assim para a melhoria de condições de produção e para a estabilidade, mas também, e não menos importante, como um elemento fundamental para a criação de espaços de sociabilidade que alimentam laços de solidariedade, definindo alianças e contribuindo para a elaboração de identidades sociais.

¹⁰ CORRÊA, H. B. S. *Nova Friburgo: o nascimento da indústria (1890-1930)*. Dissertação de Mestrado em História, UFF, Niterói, 1985.

Dessa maneira, pode-se perceber como a população pertencente à área de estudo tem na propriedade da terra um dos seus alicerces para sua reprodução social, já que a memória étnica ficou “esquecida” em meio a uma trajetória permeada por dificuldades.

A partir de agora, o foco será o que aconteceu nesse local nos últimos trinta anos, para que se possa ter um apanhado da história mais recente, de posse da compreensão de como se operam os mecanismos relacionados à identidade social dessa gente.

4.2 - Uma metamorfose social através dos tempos: como estava e como está

Toda a dificuldade vivida pelos imigrantes que aqui chegaram perdurou até bem pouco tempo, devido a vários fatores que se mantiveram desde aquela época. O presente capítulo pretende ilustrar algumas mudanças pelas quais o local e sua população passou nos últimos 30 anos, tempo que imprimiu marcas acentuadas no modo de vida dessa gente, que até então, desconhecia certos benefícios promovidos por uma infra-estrutura presente nos centros urbanos.

Mantida no isolamento até idos dos anos 50, quando por iniciativa de um grupo de moradores a trilha de mulas foi transformada em estrada de chão (PRÓ-MEMÓRIA, 2009), a população de Lumiar e São Pedro da Serra descreveu uma história baseada em sua própria subsistência, lutando contra as várias adversidades surgidas ao longo dessa trajetória, como elevada mortalidade infantil, baixa esperança de vida, analfabetismo, êxodo rural e alcoolismo (Mayer, 2000).

A exuberância da paisagem e o clima agradável constituem atributos atrativos, especialmente para pessoas que buscam a possibilidade de descanso junto à natureza.

Com toda essa peculiaridade, a região de Lumiar e São Pedro da Serra experimentou uma invasão de pessoas a partir da década de 80, quando a dita estrada sofreu pavimentação asfáltica. Um pouco antes desse momento, ainda na década de 70, quando então a FAOL (Friburgo Auto Ônibus Ltda.) comprou o único meio de transporte coletivo, o ônibus do Astrogildo, chegar à Friburgo era uma tarefa árdua. O ônibus, que era metade ônibus, metade caminhão, servia para transportar pessoas e carga, sendo que a viagem até Friburgo, distante cerca de 40 km, durava até três horas (PRÓ-MEMÓRIA, 2009).

A procura pelo lugar foi feita principalmente por quem vêm do Rio de Janeiro e Niterói.

Junto com a chegada das pessoas, algumas mudanças foram ocorrendo paulatinamente, intercaladas entre os dois distritos em questão.

Entre as que mais saltam aos olhos pode-se citar a chegada da iluminação elétrica, em 1987 (PRÓ-MEMÓRIA, 2009). Na Figura 3 pode-se observar a ausência de lâmpadas ou fiação elétrica na Praça de Lumiar. Esse fato trouxe consigo várias mudanças de hábitos, como deixar de lado o costume da reunião para assistir a TV, alimentada por um gerador de pequeno porte, na casa de um dos moradores, até as 7h da noite, para assisti-la em sua própria casa sem a restrição do horário.



Figura 3: Praça de Lumiar, década de 80, à esquerda o Casarão que pertenceu à Dama do Lumiar.

Nesse tempo ainda não havia calçamento pelas ruas e nem pelas estradas que ligavam um lugar a outro dentro do próprio distrito, o que só ocorreu em 1995 entre Lumiar e São Pedro da Serra (PRÓ-MEMÓRIA, 2009). Apenas um ano antes, Lumiar havia recebido um novo posto telefônico, dentro do Bar do Vovô, dotado de apenas um aparelho, que só recebia chamadas e fazia ligações a cobrar (PRÓ-MEMÓRIA, 2009). Até então, as correspondências que chegavam até Lumiar eram encaminhadas às vendas presentes nos lugarejos para serem entregues a seus destinatários. Somente em 1997 São Pedro da Serra recebe sua primeira agência dos Correios (PRÓ-MEMÓRIA, 2009).

Como se pode ver, todos esses recursos são muito recentes na história do local, mas não somente eles contribuíram para grandes modificações sofridas por essa população. Desde o início do século, a atividade das indústrias de confecção se faz presente em Nova Friburgo, o que ocasionou a prática de outra atividade, além da agricultura, entre as famílias da região do estudo. A pluriatividade é uma herança que faz parte dos costumes e do modo de vida da população local, o que se faz sentir com a grande presença de confecções informais entre as mulheres, principalmente, em troca da atividade agrícola nos dias de hoje.

Outro ponto importante, como já citado anteriormente, é a antiga prática do sistema de partilha igualitária da terra entre os herdeiros, responsável pela grande fragmentação da propriedade, o que vem a reforçar a dificuldade em se manter só da atividade agrícola e que ajuda a caracterizar a pluriatividade entre essas famílias. Em outros momentos da economia tornou-se atrativo a venda da terra para a aplicação do dinheiro em fundos de investimento e se trabalhar em sistema de parcerias, em terras de terceiros. Mais uma explicação para a fragmentação da propriedade familiar (CARNEIRO, 2000).

Desse modo, a agricultura vai aos poucos cedendo espaço para as atividades associadas à exploração turística. A especulação imobiliária é alimentada pela chegada dos *neo-rurais* – normalmente ex-profissionais liberais que trocaram a confusão da cidade grande pela paz das montanhas, instalando aí residências ou estabelecimentos comerciais (pousadas, etc.) como define Carneiro (2000). Esse fato explica a explosão de construção de casas, geralmente em pequenos lotes de 360 m², por pessoas de fora, porém, muitas vezes essas construções são feitas pelo próprio agricultor que investe em casas para aluguel. Outro acontecimento foi o aumento significativo, num curto espaço de tempo, do número de estabelecimentos comerciais.

A pluriatividade compete com a agricultura, o que está provocando um redimensionamento na sua prática, principalmente por parte dos mais jovens que estão mais familiarizados com essa nova atividade (comércio, bares, pousadas, casas para aluguel, etc.). A forma como se explora a terra reflete determinada identidade social, assim como a forma de se relacionar com as pessoas também. Segundo Carneiro (2000, p. 59): “Estariamos, portanto, presenciando a construção de uma nova forma de exploração da terra que se refletirá na elaboração de novas identidades sociais”.

De acordo com Diegues (2004) há ainda uma força mais profunda que faz com que o homem invente novas formas de sociedade, que é sua capacidade de mudar suas relações com a natureza, ao transformá-la.

Outro fato que pressiona o abandono da atividade agrícola é a presença de áreas de preservação no local. O Sistema Nacional de Unidades de Conservação da Natureza (SNUC) foi instituído no Brasil, através da Lei nº 9.985/2000 e está se consolidando de modo a ordenar as áreas protegidas, nos níveis, federal, estadual e municipal. O SNUC define que a APA (Área de Proteção Ambiental) está encerrada no grupo das unidades de uso sustentável. Geralmente a APA é uma área extensa, com certo grau de ocupação humana, dotada de atributos abióticos, bióticos, estéticos ou culturais especialmente importantes para a qualidade de vida e o bem-estar das populações humanas e tem como objetivos básicos proteger a diversidade biológica, disciplinar o processo de ocupação e assegurar a sustentabilidade do uso dos recursos naturais (QUINTEIRO, 2008). Nesse sentido, figuram na lei a proteção e valorização do conhecimento e da cultura local promovendo-as social e economicamente, além da promoção dos princípios e práticas de conservação da natureza no processo de desenvolvimento. Sendo assim, de acordo com Rego (2006), torna-se necessária uma formulação de políticas públicas para a implementação e gestão democrática de unidades de conservação, considerando os interesses e valores das populações locais, num processo que procure estabelecer uma interação entre a construção da cidadania e o fortalecimento da participação.

Passando a fazer parte do contexto local encontra-se a APA Estadual de Macaé de Cima, criada pelo Decreto Estadual Nº 29.213 de 14/9/2001. A APA foi legalizada devido às pressões de alguns “novos” sítiantes das localidades de Rio Bonito e de Macaé de Cima, apoiados por órgãos ambientais estaduais e orientados por interesses “preservacionistas”, resultando num processo que ocorreu de forma autoritária, sem participação nem conhecimento das comunidades locais, o que tem trazido um cenário de conflitos e desentendimentos (REGO, 2006). Mas não é só a população do local que faz parte desse cenário de conflitos. Na área onde foi criada a APA, já se encontravam definidas por Decretos Municipais duas outras Unidades de Conservação: A Reserva Ecológica de Macaé de Cima, criada pelo Decreto Municipal Nº 156 de 03/0101990 e alterada pelo Decreto Municipal Nº 116/05 de 08/8/2005, passando a ser qualificada como APA Municipal de Macaé de Cima.

Além dessa, têm a APA Municipal de Rio Bonito, criada pelo Decreto Municipal Nº 443 de 06/9/1996 e o Parque Estadual dos Três Picos criado pelo Decreto Estadual Nº 31.343 de 05/6/2002. O problema aqui não se trata da criação de uma Unidade de Conservação onde já existiam outras, mas em cima de onde elas já existiam. O resultado disso é a sobreposição de até três Unidades de Conservação em determinados locais, conforme ilustrado na Figura 4.

Conseqüentemente, o conflito institucional instalado vem dificultar ainda mais as ações que dizem respeito ao manejo dessas áreas protegidas.

A esfera municipal é a que está mais próxima da população, conhecendo de perto a realidade local, suas expectativas e dificuldades. Porém, nem sempre esta consegue agir de modo a diminuir a problemática instalada lá, esbarrando no âmbito estadual, fator limitante de algumas tomadas de decisão.

UNIDADES DE CONSERVAÇÃO - NOVA FRIBURGO

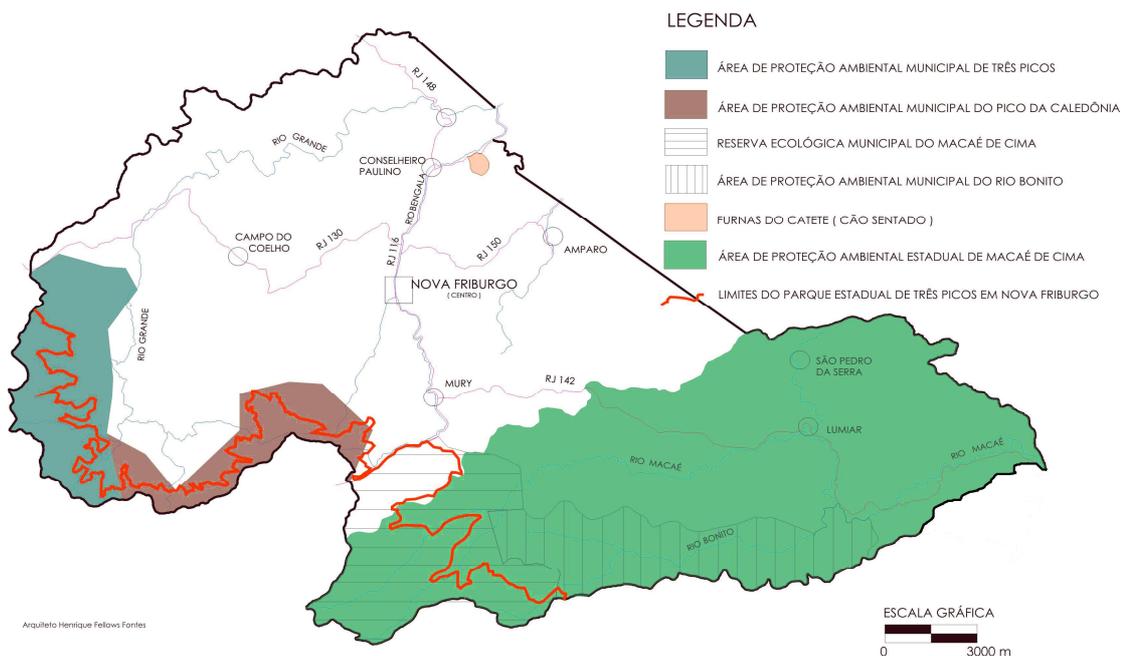


Figura 4: Mapa do município de Nova Friburgo com seus Distritos e Unidades de Conservação. Fonte: IBAMA/NF

Há que se considerar que não só os aspectos geográfico-ambientais motivam um tipo específico de manejo dos recursos naturais, mas sim, as formas com que se configuram “as relações sociais, suas racionalidades intencionais, seus objetivos de produção material e social”, por exemplo, lucro x subsistência (DIEGUES, 2004, p. 64). Este é, portanto, mais um elemento de interferência nas relações de produção e de pressão sobre o meio ambiente, que trazem como conseqüência vários efeitos como ilustra Carneiro (2000, p. 62):

Pressionados, de um lado pela especulação imobiliária e de outro, pela ação repressiva dos órgãos fiscalizadores (IBAMA, IEF, Batalhão Florestal da PM), que impedem o desmatamento das capoeiras para o replantio esses agricultores são levados a práticas que têm o efeito justamente oposto ao da preservação ambiental: o uso excessivo de adubo, com reflexos negativos na saúde dos agricultores e o desgaste do solo causado pela diminuição do tempo de pousio da terra e pela poluição do lençol freático.

Pode-se dizer também, que o resultado do abandono da agricultura como atividade principal é, muitas vezes, o abandono da localidade em busca de outras áreas que ofereçam melhores condições de vida, como fizeram seus antepassados, gerando mais uma crise na reprodução social desse grupo. Na Figura 5 pode-se notar a urbanização sofrida pela Praça de Lumiar, agora com iluminação elétrica, bancos e calçamento.



Figura 5: Praça de Lumiar no ano de 2009 com o Casarão ao fundo.

O contato com as pessoas de fora importa hábitos que não faziam parte da população local e nota-se uma tendência em se adquirir padrões de consumo de classe média urbana em detrimento dos padrões das gerações mais velhas, não consumistas, como cita Carneiro (2000). A urbanidade então invade o campo, trazendo consigo muito mais do que mudanças perceptíveis aos olhos.

Contudo, pode-se resgatar ainda, outros traços culturais construídos a partir da vivência dessa gente, como fala Mayer (2000, p. 2):

Neste Tempo dos Antigos criou-se um rico patrimônio de conhecimentos sobre a natureza. Com recursos simples construíram moinhos, monjolos, engenhocas de moer cana e farinha. Usaram amplamente as plantas para fins medicinais. Curadores recorriam a elas e a forças espirituais. Muitos eram rezadores. Foi o tempo dos que fizeram São Pedro da Serra.

Outra marca cultural dessa população é conhecimento e uso de plantas para curar, herança que faz parte de uma identidade social, que outrora foi requisito básico para a manutenção da saúde e quiçá para a própria sobrevivência. Tão presente que ainda na década de 80 foi motivo para gerar o “I Encontro Sobre Ervas Medicinais”, em Lumiar, com representantes de várias localidades do distrito que descreveram de forma simples seus vários usos. Representantes das comunidades, que compõem esse Distrito, relataram que tipos de plantas usavam e para quais problemas. No Encontro, foram formados grupos mistos com pessoas de diferentes comunidades (Benfica, Galdinópolis, Macaé de Cima, Boa Esperança, Lumiar, Rio Bonito, Bocaina dos Blaudt, Vargem Alta e Macabu) e disso saiu um livreto com 187 plantas registradas para 194 doenças citadas. O material publicado teve distribuição entre seus participantes e toda a localidade.

Esse Encontro foi organizado com o apoio da Paróquia de São Sebastião de Lumiar e da Cáritas Diocesana de Nova Friburgo, através do “Projeto Auxílio Financeiro Para um Serviço de Assistência e Orientação Rural na Diocese de Nova Friburgo”, que forneceu apoio logístico viabilizando transporte e almoço para os participantes. No ano seguinte, um segundo e último encontro foi realizado, desta vez para se tratar exclusivamente da preparação dessas ervas, mas infelizmente este documento não foi preservado, de acordo com Pumar-Cantini (2005).

Retroagindo no tempo, quando o médico inexistia ou estava preso só às áreas urbanas, a figura do rezador ou curador era muito importante. Utilizando diversos métodos, absorvendo conhecimentos empíricos retirados de velhos compêndios, ou mesmo pela tradição oral, ele aliviava doentes e até salvava vidas (CUNHA, 1988).

Impelida por essa visão, em 1988, a Faculdade de Filosofia Santa Dorotéia, por intermédio do seu curso de História, desenvolveu um projeto, apoiado pelo Departamento de Cultura da Prefeitura Municipal de Nova Friburgo, através do Centro de Documentação Histórica – Pró-Memória, chamado “Retrato Social da Cultura Popular em Nova Friburgo”, fazendo um levantamento e catalogação dos curandeiros e rezadores do município. O resultado foi a edição de um opúsculo intitulado “Memória Popular: Receitadores – Mundo Místico e Ação Social”, onde registra 34 pessoas, distribuídas por todo o município. Os distritos que forneceram o maior número desses agentes foram Lumiar, o mais extenso do município e mais arraigado às tradições, de acordo com Pumar-Cantini (2005) e São Pedro da Serra, com oito pessoas registradas no total.

Essas foram tentativas de perpetuar um conhecimento detido pelos mais velhos e que sempre se passou para as gerações seguintes através da história oral, outro aspecto

cultural que vai ficando de lado frente ao imenso avanço dos meios de comunicação e facilidades tecnológicas.

As mudanças trazidas com a urbanidade que veio se instalando nessa zona rural nos últimos trinta anos são substrato para a análise e entendimento de como elas vão moldando e reorganizando, pouco a pouco, aspectos que merecem especial atenção, como o uso de plantas medicinais e a transmissão desse conhecimento, por isso a idéia de deixar nestas páginas um registro desse momento singular na história desse lugar.

5. METODOLOGIA

A metodologia em si, representa um dos pontos delicados numa pesquisa etnográfica. Ela deve contemplar vários fatores que foram levados em consideração, a saber, éticos, culturais, geográficos, institucionais, temporais e financeiros, para a coleta de informações. Pode-se dizer, por exemplo, que metodologias empregadas para populações indígenas diferem daquelas empregadas para caboclos e comunidades rurais (JORGE & MORAIS, 2002). Além disso, existe o fato de haver publicações com problemas éticos e metodológicos, sugerindo que os trabalhos apresentem uma descrição clara e detalhada dos métodos, bem como a citação de literatura de referência para os mesmos (ALBUQUERQUE & HANAZAKI, 2006). Tais cuidados também foram contemplados no presente trabalho. Portanto, a escolha metodológica pode ser responsável pelo sucesso ou fracasso, pela qualidade ou pobreza de resultados. Ela necessitou estar bem fundamentada e ter sido bem desenvolvida.

Há vários métodos e técnicas, dentre elas as técnicas qualitativas e quantitativas. Ocorre que qualitativismo não implica em falta de rigor e que quantitativismo, pode ser uma forma complementar à primeira, mesmo sendo dispensável para a compreensão de certos fenômenos (JORGE & MORAIS, 2002). A singularidade presente em cada uma das técnicas deve complementar os dois tipos de abordagens metodológicas, no que se refere à construção do desenho da pesquisa. Trata-se, pois, de caminhos epistemológicos diferentes, onde um é empiricista e experimentalista e o outro, presente nas ciências humanas, encara a ciência como uma construção analítica e não apenas descritiva da realidade (ADORNO & CASTRO, 1994).

No trabalho aqui proposto, as duas recomendações metodológicas têm a sua aplicação, uma vez que, embora a tônica recaia sobre a vertente do qualitativismo, uma breve análise quantitativa foi levada em conta quando se voltou o olhar para as amostras de plantas coletadas e para as respostas dadas aos formulários. Para tanto, foi feita a triangulação, que sobrepõe a dimensão empírica com a interpretativa, para agregar a análise unidimensional, alicerçada em índices da realidade, a uma análise multidimensional, ou de contexto (ADORNO & CASTRO, 1994).

5.1 – A escolha do objeto

A escolha do objeto do presente estudo foi motivada por alguns fatos relevantes ocorridos a partir da década de 80, recorte temporal eleito, quando os dois pequenos povoados, Lumiar e São Pedro da Serra, 5º e 7º Distritos respectivamente, perderam sua característica de isolamento parcial, o que se deu com o asfaltamento da estrada que liga Mury a Lumiar, conforme já mencionado. O local, onde seus moradores mantinham muito pouco ou nenhum contato com o meio urbano experimentou o início de uma invasão turística (TEIXEIRA, 1998) que continua crescendo até os dias de hoje. A paisagem, que era dominada por lavouras de inhame, batata, pimentão e tomate (CARNEIRO, 2000), sofreu uma grande alteração.

Seja sob o ponto de vista político, que vai perdendo sua característica de zona essencialmente rural para ampliar espaços urbanos (CARNEIRO, 1998); seja sob o ponto de vista econômico, aonde a agricultura de subsistência vai sendo ocupada pela produção mercantil, que vai ganhando espaço na roça familiar (CARNEIRO, 2009), situação essa agravada, sob o ponto de vista ambiental, pelo surgimento da APA Estadual Macaé de Cima (REGO, 2006), que também contribuiu para a procura de outras atividades remuneradas, que caracterizam a pluriatividade dessas unidades familiares (CARNEIRO, 1998); seja sob o ponto de vista sócio-cultural, onde tais transformações afetam o modo de reprodução e identidade sociais de determinado grupo (CARNEIRO, 1998/2000).

Diante de tal quadro, pensou-se em como essas transformações se processam sob a ótica do conhecimento informal e uso de plantas medicinais por parte da população e principalmente dos detentores desse saber local, associado à idéia de como, e se, esse conhecimento é transmitido às gerações posteriores ou se está se perdendo. Revelar, através do olhar dos atores locais (que fazem parte de uma das engrenagens sociais que dizem respeito à forma em como lidar com a saúde e/ou com o meio ambiente, seja com o uso dos recursos naturais, seja com o uso dos simbólicos) como se processam essas mudanças, mostrou ser um caminho para o entendimento de como sua cultura está entranhada em suas práticas e é fundamental na manutenção das mesmas.

5.2 – A caracterização da área de estudo

Situado numa área montanhosa, o município de Nova Friburgo faz parte do bioma Mata Atlântica, na região serrana fluminense, a 22° 16' 55'' de latitude sul e 42° 31' 52'' de

longitude oeste, a uma altitude de 846 m, no centro da cidade, com temperatura média de 20°C, possui clima tropical de altitude.

Ocupa uma área de 935,81 km² e compreende os distritos de Nova Friburgo, Riograndina, Campo do Coelho, Amparo, Conselheiro Paulino, Lumiar, São Pedro da Serra e Mury (TCE - Tribunal de Contas do Estado, 2007). Nova Friburgo é ladeada pelos municípios de Cachoeiras de Macacu, Silva Jardim, Casimiro de Abreu, Macaé, Trajano de Moraes, Bom Jardim, Duas Barras, Sumidouro e Teresópolis. Está próximo ao eixo de maior dinamismo econômico do Brasil – São Paulo / Rio de Janeiro / Belo Horizonte – e é pólo regional de serviços do Centro-Norte Fluminense (ISER – Instituto de Estudos da Religião, 2008). A principal rodovia de acesso é a RJ-116, que vem de Cachoeiras de Macacu a sudoeste, seguindo rumo nordeste para Bom Jardim (TCE, 2007).

Nesta paisagem de relevo acidentado, entre as montanhas da Serra do Mar, intercaladas com remanescentes de Mata Atlântica e lavouras, vales e várzeas, que são cortadas por rios e riachos (REGO, 2006), dois Distritos merecem especial atenção no presente estudo, a saber, o 5º e o 7º, Lumiar e São Pedro da Serra. A área de estudo pertence à Bacia do Rio Macaé, que atravessa o Distrito de Lumiar e recebe vários afluentes, percorrendo aproximadamente 136 km até desaguar no Oceano Atlântico. De acordo com seu clima tropical de altitude, a temperatura média anual oscila entre 16° e 22°C e os meses mais chuvosos do ano são os de novembro a janeiro e os mais secos, de junho a agosto (AMADOR, 2003).

Região de perfil predominantemente rural, suas localidades são ligadas por caminhos de terra à exceção dos que ligam Lumiar, São Pedro da Serra e Boa Esperança. De acordo com a proximidade encontrada entre os dois Distritos, que são separados por uma estrada de apenas 5 km de extensão e sua população ter desde a colonização, tido a mesma origem de formação, no presente estudo eles serão tratados sem distinção.

Fazendo parte da APA Estadual de Macaé de Cima, o 5º Distrito de Nova Friburgo, Lumiar, o maior do município, possui uma área de 397 km², desde a cabeceira do Rio Macaé, em Macaé de Cima, até as fronteiras com Casimiro de Abreu e Bom Jardim. Já São Pedro da Serra, com uma área bem mais modesta de 64,5 km², pertenceu a Lumiar até 1987, quando a Lei Municipal 2.107, de 15 de abril de 1987, e o Decreto nº 687, de 17 de outubro de 1988, instala o 7º Distrito, conforme projeto nos arquivos da Câmara Municipal (PRÓ-MEMÓRIA, 2009).

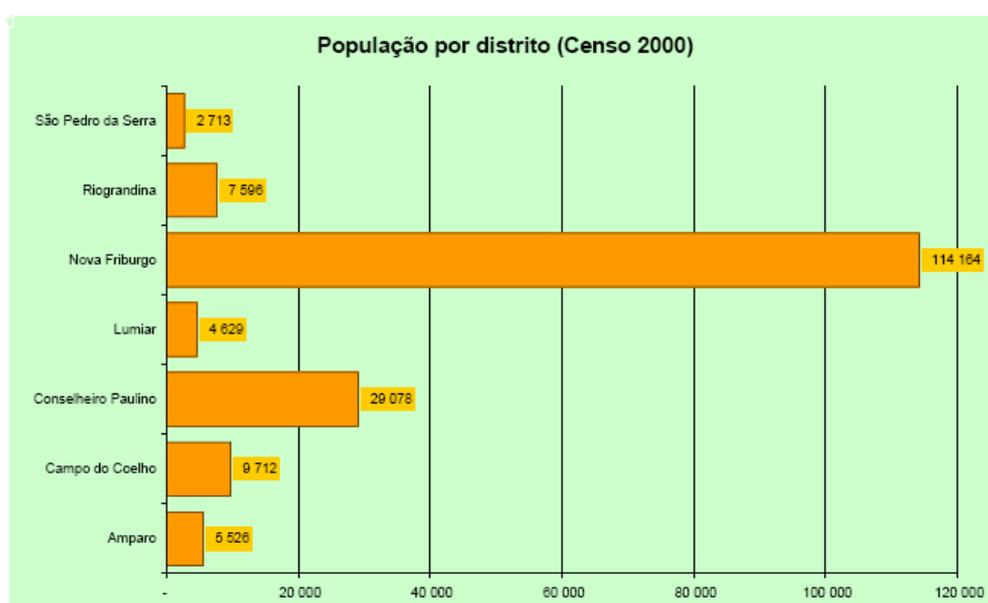
Outras Áreas de Proteção Ambiental compartilham espaço com a APA Estadual de Macaé de Cima, como as APAs Municipais do Rio Bonito e de Macaé de Cima e o Parque

Estadual dos Três Picos, ocorrendo sobreposição dessas áreas em alguns trechos, como foi visto na Figura 5. As localidades possuem em média 600 m de altitude (PRÓ-MEMÓRIA, 2009). Das escarpas destacam-se elevações rochosas, em geral morros e pequenos alinhamentos serranos (AMADOR, 2003).

Os pequenos povoados de Lumiar e São Pedro da Serra distam cerca de 170 km da cidade do Rio de Janeiro. O local abriga diversificada fauna e flora e suas muitas cachoeiras possuem águas límpidas e abundantes.

5.3 – A população em geral e a amostra pesquisada

A população estimada no município de Nova Friburgo é de 178.310 habitantes, sendo 151.820 a urbana e 21.501 a rural (TCE, 2007). A Bacia do Alto Rio Macaé (Lumiar e São Pedro da Serra) é composta por cerca de oito mil pessoas, que estão dispersas em pequenas localidades, porém esse número pode até triplicar em épocas de festas e feriados. São Pedro da Serra apresenta maior concentração urbana que Lumiar por ter uma área menor. Já Lumiar apresenta um povoamento mais disperso pela sua extensa zona rural, o que faz com que os moradores dessa zona predominem sobre a urbana (AMADOR, 2003). Embora em menor número, a população urbana foi a que mais cresceu (CARNEIRO, 1998) no recorte temporal dos últimos trinta anos. A Figura 6, a seguir, detalha sua distribuição dentro do município.



Nota: Os dados do IBGE não mencionam o distrito de Muri. No entanto, o somatório das populações acima confere com o total do Censo 2000.

Figura 6: Distribuição da população por Distritos. Fonte: TCE, 2007.

A amostra escolhida para análise foi aquela composta por pessoas que detêm um saber local sobre o uso e propriedades medicinais das plantas. Fazem parte do universo amostral, também as pessoas que utilizam rituais místico-religiosos para resolver problemas de saúde, reconhecidos pelos moradores como rezadeiras. De acordo com esse critério esse é um número reduzido de representantes, o que faz da presente pesquisa um estudo de caso.

Vários autores concordam num ponto: o pesquisador deve fazer um primeiro contato com o grupo a ser pesquisado para que se conheçam as pessoas, como elas vivem, a sua cultura e organização social (MING, 1995¹¹ *apud* JORGE & MORAIS, 2002; ALBUQUERQUE & HANAZAKI, 2006). Assim, vale ressaltar que a pesquisadora morou no local por dois anos, de 1985 até 1987, quando era professora da Escola Estadual de Boa Esperança. Após esse período, manteve casa alugada na área de estudo por mais dez anos. A partir de 1999, fixou residência no centro de Nova Friburgo onde ainda reside. Dessa maneira, os aspectos citados anteriormente por tais autores foram contemplados. Mesmo assim, após aproximadamente dez anos de afastamento do lugar, e estranhamento do objeto de estudo, a reaproximação com a comunidade foi feita paulatinamente.

Então, os trabalhos de campo tiveram início em outubro de 2008, iniciando-se através de duas oficinas de plantas medicinais, facilitadas pela pesquisadora, que teve por objetivo ensinar a fabricação de alguns remédios caseiros a partir de plantas medicinais ocorrentes na área foco. Nas oficinas, que juntas tiveram duração de quatro horas, aplicou-se entre os participantes a técnica da bola de neve (BAILEY, 1994¹² *apud* Quinteiro, 2008), onde um informante indica outro e assim sucessivamente até se chegar ao maior número possível destes. Essa técnica foi amplamente utilizada durante o período de execução das entrevistas. Embora com duração restrita, o horário fora das oficinas foi ocupado fazendo-se contato com moradores do local e assim, esse primeiro campo teve oito horas de duração ao todo.

Num segundo momento, o trabalho de campo ficou focado na participação de reuniões que ocorreram envolvendo vários setores da sociedade como escolas, empresariado do segmento turístico, associações de moradores e organizações não-governamentais. O objetivo dessa etapa foi o de ampliar a compreensão de pontos de vista diversificados acerca da realidade local. As reuniões foram três, com aproximadamente duas horas de duração cada uma e se realizaram no centro da cidade, em Lumiar e em São Pedro da Serra.

¹¹ MING, L. C. *Levantamento de plantas medicinais na reserva Extrativista "Chico Mendes"- Acre*. Botucatu, 1995. 180 f. Tese de Doutorado (Ciências Biológicas) – UNESP. Botucatu, 1995.

¹² BAILEY, K. *Methods of social research*. 4ª ed. New York: The Free Press, 1994. 588 p.

Posteriormente, o foco foi pesquisa de bases documentais para elaboração de históricos antigos e recentes, vivenciados pela comunidade em questão. Isso possibilitou a construção de uma linha cronológica relacionando fatos desde o tempo da colonização até o período analisado na presente proposta de pesquisa. Essa etapa se deu com cinco idas de aproximadamente duas horas de duração cada uma, ao Centro de Documentação Histórica, da Prefeitura Municipal, PRÓ-MEMÓRIA.

Consolidada essa fase, começou-se a estabelecer contatos individuais com moradores, novamente aplicando-se a técnica da bola de neve até as entrevistas propriamente ditas começarem a ser realizadas, após dez meses de campo, bem como a coleta de amostras para a identificação botânica das espécies. Para tanto, foram aplicadas as técnicas de “informação cruzada”- submeter a um informante dados fornecidos por outro informante, para confirmação ou refutação dos mesmos – e de “informação repetida”- indagar ao mesmo informante as mesmas perguntas para aumento no grau de confiança das respostas – como mencionado por Albuquerque & Lucena (2004). Vale ressaltar que a técnica de informação cruzada se deu na oportunidade em que alguns informantes se encontravam juntos, analisando algumas plantas em loco.

Foram entrevistados cinco atores locais e o roteiro das mesmas encontra-se no anexo II, da apresentação. O anexo I traz o termo de consentimento assinado por aqueles que concordaram em participar da pesquisa, contribuindo com a prestação de informações. Para preservação da identidade dos mesmos, foram atribuídos nomes fictícios para os que tiveram trechos de suas entrevistas transcritos no presente trabalho, e a linguagem utilizadas nesses trechos não foram editadas, preservando-se seus modos de expressão. Encontra-se no anexo IV, a ficha de informações etnofarmacológicas. A mesma foi adaptada de Sharapin (2000), motivada pelas observações de Albuquerque & Hanazaki (2006) e elaborada para o detalhamento das informações acerca das plantas coletadas e identificadas botanicamente.

As localidades visitadas foram as de São Pedro da Serra, Lumiar, Vale dos Peões, Boa Esperança, Boa Esperança de Cima, Cabeceira dos Thurler, Santiago, Galdinópolis, Rio Bonito e Rio Bonito de Cima. Ao todo foram percorridos mais de 400 km de carro, entre idas e vindas. A maior parte da população se concentra nos três locais citados primeiramente, com isso obteve-se uma boa percepção da realidade local. Para a realização das entrevistas foram feitas oito idas aos locais, nos quais se passava o dia todo, devido à grande distância percorrida e muitas vezes às longas caminhadas para se chegar a algum local de mais difícil acesso. A carga horária total em campo ficou próxima de 90 horas. Não foram contabilizadas

aqui, as horas despendidas para o preparo das exsiccatas, nem para o encaminhamento das mesmas para a identificação.

Durante esse trabalho, muitas conversas aconteceram e suscitaram a necessidade de uma enquete com alguns moradores, no sentido de se ver, sob variados olhares, alguns assuntos e aspectos abordados, bem como a aceitação do uso de plantas medicinais para o tratamento de algumas enfermidades, num universo amostral maior que o dos entrevistados. Para tanto foram aplicados formulários, que se encontram no anexo III, além de conversas com moradores. Muitos desses formulários foram preenchidos sozinhos e outros, com a ajuda da pesquisadora. Os atores locais que se encontram em pequeno número, serão motivo de debate ao se falar um pouco de suas realidades.

5. 4 - Por onde trilhar: a ferramenta metodológica

A ferramenta metodológica escolhida para a elaboração e execução desse trabalho foi a história oral, que se compreende como um conjunto de meios pelos quais se perfazem e se realizam discursos e narrativas que revelam saberes que compõem a sensibilidade social e os traçados e rumos do conhecimento de um determinado momento sócio-histórico (PUMAR-CANTINI, 2005). Ela escolhe narrar uma história vivida e compartilhada por indivíduos que partilham uma coletividade, um grupo, uma comunidade. As fontes escritas representam o domínio absoluto e são consideradas como únicos documentos oficiais, já a história oral vem a ser uma forma de divulgar experiências vividas por indivíduos ou grupos que foram excluídos ou marginalizados em narrativas históricas (THOMSON *et al*, 1996).

A história oral permite dar visibilidade a grupos pequenos que muitas vezes não merecem a atenção das fontes oficiais. Segundo Pumar-Cantini (2005, p. 22) “é através da história oral que se revela o indescritível, o inenarrável, aqueles rumores considerados insignificantes e impossíveis de serem transformados em textos escritos”, que podem criar caminhos e possibilidades de compreensão, lançando outra visão que possa complementar as já consolidadas narrativas científicas, proporcionando novas leituras para a história do homem.

Outro detalhe apontado por Thomson *et al*. (1996) é o fato de a história oral ter uma extraordinária capacidade de interagir com variadas disciplinas, da antropologia à assistência na área de saúde ou à cinematografia, ficando claro que se adequa perfeitamente a uma pesquisa de cunho etnográfico e interdisciplinar.

5.4.1 – A ESCOLHA DO INSTRUMENTO

Na abordagem qualitativa torna-se importante a utilização de um roteiro que sirva como facilitador e orientador em uma conversa (JORGE & MORAIS, 2002).

Para que a entrevista ocorra com desenvoltura, algumas etapas devem ser percorridas para diminuir a distância entre o entrevistador e o entrevistado. Muitas vezes o primeiro contato pode ser cercado de cerimônias, desconfianças ou de se manter aparências. Por parte do entrevistador há o risco desse primeiro encontro acontecer carregado de ansiedades, idéias pré-concebidas e uma sensação de não saber onde se está pisando. Vale a pena ressaltar as palavras de Pumar-Cantini (2005, p. 25) a esse respeito:

Percorrer o caminho do outro é um desafio sem trégua e constante no sentido de despojar-se de idéias pré-concebidas, muitas vezes rígidas. É deixar o fluir de imagens, conceitos, representações, embrenhar-se num corpo composto de juízos, regras e fórmulas. É uma transformação lenta e gradual em que alguns eventos e passagens de nossa existência são contemplados e outros são dolorosamente resignificados.

Tatear, dar um passo de cada vez, desconstruir alguns conceitos para se abrir ao novo, ao oculto, ao desconhecido. Estranhar sem ser estranho, estar lá como se não estivesse, falar sem botar palavras na boca do outro, ouvir escutando não só voz, mas aquilo que está por trás dela, a sua entonação, a sua pausa, a sua exclamação. Captar significados que estão além da linguagem falada, que são explicitados através de sons, de gestos, de cores, de aromas, de expressões. Estabelecer cumplicidade, ganhar a confiança do entrevistado. Eis aí um dos caminhos para se obter um resultado satisfatório em relação ao instrumento escolhido.

A presente pesquisa apresenta como roteiro a aplicação de entrevistas abertas e semi-estruturadas, além de formulários distribuídos aleatoriamente entre os moradores. Também foi utilizada a observação participante quando da presença da pesquisadora nos encontros de erveiros realizados no local de estudo.

Para registro dos dados a opção de primeira escolha foi a gravação, por possibilitar a captação das informações com maior riqueza de detalhes, que não se faria possível através do registro escrito. Para tanto, se fez necessário o consentimento por parte do entrevistado, que poderia ficar inibido com a presença de aparatos tecnológicos aos quais não está muito afeito.

Por fim, entram em cena questões éticas, que envolvem acesso a conhecimento tradicional associado ao uso da biodiversidade (ALBUQUERQUE & HANAZAKI, 2006). De acordo com a orientação de tais autores, no presente trabalho, todos os informantes

formalizaram sua participação na pesquisa através da assinatura de um termo de consentimento que se encontra no Anexo I deste trabalho, conforme já citado.

5.5 – A análise dos dados

Como ficou demonstrado anteriormente, um pré-requisito para a realização de uma abordagem bem sucedida é que o pesquisador conheça a comunidade e a população que estão sendo estudadas para poder contextualizar o objeto de pesquisa e dar o sentido etnográfico à mesma. Patzlaff & Peixoto (2009) aconselham o pesquisador a não deixar sua relação com a comunidade entrar no campo do envolvimento pessoal, outro desafio, principalmente quando se trata da pessoa que acompanha o pesquisador no contato com a comunidade e nas coletas de amostras.

Uma das coisas que o etnógrafo tem a fazer, muitas vezes, é lidar com conceitos complexos, com estruturas estranhas ou implícitas e que ele tem que, de alguma forma, primeiro aprender e depois apresentar. É estabelecer relações, selecionar informantes, transcrever textos, levantar genealogias, mapear campos, manter um diário e assim por diante (GEERTZ, 1989). A etnografia deve ser capaz de revelar um mundo subjetivo e subentendido para dar significado ao objeto pesquisado dentro de um determinado contexto.

As entrevistas representam relacionamentos entre personagens que compartilham uma experiência sentida como algo que deve ser conservado, recordado e transmitido. Porém, há que se lembrar que algumas realidades e/ou experiências vividas são indescritíveis ou impossíveis de serem resgatadas pela escrita (PUMAR-CANTINI, 2005). Entre elas se incluem sons, cores, cheiros, pausas, entonações e olhares. No trabalho aqui proposto, após a realização das mesmas, elas foram ouvidas para se destacar aquilo que mais chamou a atenção e merecedor de recortes onde, as palavras falam mais alto e mais claro, fornecendo dados necessários à compreensão de como as mudanças sócio-ambientais se processam sob os pontos de vista dos atores locais. A linguagem visual se revela outro recurso rico em informações que complementam a escrita. No presente trabalho, todas as fotos contidas são de autoria da pesquisadora e tiradas no ano de 2009.

Na etapa seguinte, para repassar o conhecimento apreendido para o meio científico sem incorrer em erros de interpretação (PATZLAFF & PEIXOTO, 2009), o texto foi construído intercalando-se falas acadêmicas com as dos atores locais de forma a se criar um diálogo onde os diferentes discursos não se aniquilem, mas sim, se complementem. Nas palavras de Pumar-Cantini (2005, p. 43), pode-se dizer que aqui “a idéia essencial é extrair e

anunciar o caldo de suas experiências e o que elas exprimem e simbolizam para o alargamento do discurso sobre o homem e sobre a sociedade”.

Para concluir, existem ainda três finalidades complementares da fase de análise: estabelecer uma compreensão dos dados coletados; confirmar ou não os pressupostos da pesquisa e/ou responder às questões formuladas; ampliar o conhecimento sobre o assunto pesquisado, articulando-o ao contexto cultural do qual faz parte (MINAYO, 2004).

6. RESULTADOS E DISCUSSÃO

6.1 – Desenvolvimento insustentável

Figurando como um dos problemas que compõem o cenário local está o turismo, um dos responsáveis pelo fracionamento da propriedade agrícola, pela especulação imobiliária, pelo significativo aumento populacional e ainda por provocar alguns tipos de poluição. A Figura 7 revela o grande movimento do comércio local, através de anúncios, principalmente de pousadas, causando inclusive poluição visual. Essa atividade imprimiu na região um acelerado ritmo de transformações espaciais no plano físico, humano e econômico.

Como qualquer atividade econômica, ela pode ser um causador de impactos mais ou menos severos sobre o meio ambiente (AMADOR, 2003).



Figura 7: Poluição visual causada pelo excesso de placas num mesmo local.

A área do presente estudo possui vocação para o desenvolvimento do turismo ecológico devido à grande possibilidade de se praticar caminhadas, banhos de rio e cachoeira, canoagem, etc. A vinda de muitas pessoas para os locais com essas características tende a ocasionar um processo de crescimento urbano desordenado, com pressões imobiliárias, deficiência ou colapso da infra-estrutura principalmente relacionada com o saneamento básico que contribui para o aumento da poluição por esgotos domésticos, ocupação irregular das margens de rios e privatização de cachoeiras, praias e áreas de uso comum (BECKER, 1995). Esse fato pode ser notado na área de estudo e a Figura 8 revela a privatização de um poço, anunciando a proibição de banho no local.



Figura 8: Placa indicando a proibição de banho de rio.

Considerando que o ecoturismo é responsável por atrair um grande número de pessoas para áreas de grande interesse ecológico, deve-se levar em conta que atrás de toda a geração de renda advinda do turismo vêm os impactos causados ao que se quer preservar (AMADOR, 2003). Porém, se a utilização turística dos recursos naturais for bem planejada, ela permite conciliar a preservação da natureza com a rentabilidade econômica (DORST, 1973¹³ *apud* AMADOR, 2003). No entanto, não é bem essa a realidade observada na área da pesquisa. O

¹³ DORST, J. *Antes que a natureza morra*. São Paulo: Ed. Edgard Blücher, 1973.

que se constatou foi o desenvolvimento dessa atividade de maneira intensa e sem planejamento.

Em feriados e períodos de temporada, muitas pessoas se concentram nas localidades dos distritos estudados, distribuindo-se entre casas de aluguel, sítios de lazer e pousadas. Estima-se existir mais de cem pousadas espalhadas por toda a localidade, sendo que a maioria delas funciona em caráter informal. O SEBRAE (Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas), que realiza parceria com o empresariado do setor turístico local, através da GEOR (Gestão Orientada para Obtenção de Resultados), informa a existência de apenas vinte e duas pousadas cadastradas no circuito Lumiar - São Pedro da Serra, apontando para um problema que não está próximo de ser resolvido. As pessoas vêm atraídas pelos inúmeros pontos turísticos existentes, entre eles, o Poço Feio, o Encontro dos Rios, o Poço Verde, Toca da Onça, Pedra Riscada e a Cachoeira Indiana Jones (que recebeu esse nome ainda na década de 80, quando então era conhecida pelos moradores como Cachoeira da Laje), entre muitos outros. Vale ressaltar algumas observações feitas no local:

- A inexistência de rede e estações de tratamento de esgoto, sendo o despejo deste realizado diretamente nos rios, fazendo com que este se torne o próprio esgoto. Mesmo em áreas fartamente servidas por nascentes, como é o caso de Lumiar, a água já apresenta problemas de contaminação. Segundo Mayer & Oliveira (1992) ¹⁴ *apud* Amador (2003), constatou-se que em 1991 quase toda a população infantil da região era vítima constante de verminose.



Figura 9: Evidências de construções irregulares.

¹⁴ MAYER, J. M. & OLIVEIRA, G. S. *Verminose e flora medicinal – o caso dos 5º e 7º Distritos de Nova Friburgo – Lumiar e São Pedro da Serra*. Nova Friburgo: edição mimeografada, 1992.

- Construções irregulares de pousadas, residências para veraneio e estabelecimentos comerciais em Áreas de Preservação Permanente como beiras de rios, ocasionadas pelo aumento da pressão demográfica. A Figura 9 comprova esse fato através das fotos tiradas no local.
- O crescimento populacional com a chegada de novos moradores que fez com que houvesse grande crescimento da área urbanizada e multiplicação de casas, muitas delas próximas aos cursos de água, e sem nenhum tipo de tratamento de esgoto, agravando ainda mais o problema da poluição dos rios.
- A degradação da mata ciliar devido a trilhas e ocupações turísticas desordenadas.
- Acúmulo de lixo nas estradas, em pontos de coleta, rios, trilhas e cachoeiras, conforme a Figura 10.



Figura 10: Aspecto do lixo espalhado pelo chão num dos pontos de coleta.

A atividade turística deslocou parte das terras agricultáveis para as mãos de veranistas e neo-rurais, processo que perdura até os dias de hoje e é complementado e reforçado pela

atuação dos organismos ambientalistas em defesa da “preservação” da Mata Atlântica (CARNEIRO & TEIXEIRA, 2004¹⁵ *apud* CARNEIRO, 2009).

Porém, o que se vê é que esses aspectos, apontados anteriormente, são incompatíveis com os objetivos previstos em lei para uma área de proteção ambiental e denotam uma forma de desenvolvimento insustentável.

Uma das premissas da conservação é o uso dos recursos de maneira racional com o objetivo de se preservar os mesmos. Esta deveria basear-se em três princípios: o uso dos recursos naturais pela geração presente; a prevenção de desperdícios; e o uso dos recursos naturais para benefício da maioria dos cidadãos (DIEGUES, 2004). O conceito de sustentabilidade ambiental deve assumir outros âmbitos para ser completo. Segundo Sachs (2002), ela vem em decorrência de se pensar em sustentabilidade social, cultural, política e econômica. Está aí, apoiado um conceito de ideal ético.

Outra prática que não comunga com os preceitos de uma área protegida é a prática da agricultura com utilização intensiva de produtos químicos. Sua aplicação é feita rotineiramente sem a devida proteção individual, expondo o agricultor a riscos de problemas graves com a sua saúde. O manejo de tais produtos é feito de maneira informal sem a presença de um técnico capacitado para orientar quanto às doses e prazos que deveriam ser respeitados, expondo dessa vez, o consumidor aos mesmos riscos.

Para se fazer um balanço da situação há que se considerar que, se de um lado, a exploração turística estimulou o comércio local e o setor de hotelaria (pousadas e casas de aluguel), contribuindo para aumentar as alternativas de trabalho e, em conseqüência, a renda familiar dos agricultores, de outro, desestimulou a atividade agrícola, seja pela concorrência dos rendimentos mais elevados no setor de serviço, seja pelo apoio à repressão às práticas agrícolas que ameaçam a “preservação da natureza” (CARNEIRO, 2009). O que se vê, então, é uma mudança na dinâmica social das famílias rurais. Por essa dinâmica perpassam vários hábitos e maneiras de lidar com situações e pessoas.

Nova Friburgo, a Suíça Brasileira, foi uma invenção de alguns setores da sociedade friburguense, principalmente da administração pública e de alguns empresários do turismo, para estimular e vender a idéia de um turismo diferenciado e bem organizado, ao lado de uma cidade bem planejada e voltada para esse tipo de atividade (CARNEIRO, 2000; PUMAR-CANTINI, 2005).

¹⁵ CARNEIRO, M. J.; TEIXEIRA, V. L. Pluriatividade, novas ruralidades e identidades sociais. In: CAMPANHOLA, C.; GRAZIANO DA SILVA (orgs.). *O novo rural brasileiro: novas ruralidades e urbanização*. v. 7. Brasília: Embrapa Informação Tecnológica, 2004, p. 15-38.

6.2 – A voz popular: conhecendo os atores locais e suas falas

Após o conhecimento de alguns aspectos relevantes da área de estudo, o presente capítulo pretende abarcar as pretensões do objetivo geral e dos específicos trazendo à tona detalhes dos resultados encontrados.

Alguns atores sociais foram classificados pela pesquisadora, baseado em autores citados posteriormente, de acordo com o tipo de uso que fazem dos recursos vegetais, ou da maneira como lidam com a prática de cura. Essas pessoas são conhecidas na comunidade pelo seu conhecimento acerca dessas práticas de cura e no presente estudo são chamadas de atores locais, que são também as detentoras de um saber local. A classificação abaixo revela três tipos distintos, embora a população local não utilize o termo curandeiro, classificando estes simplesmente como erveiros ou rezadeiras:

- **Rezadeiras** – pessoas que se utilizam, ou não, das plantas para a realização de rituais de rezas e benzeduras, com finalidade curativa. Normalmente possuem conhecimento sobre as propriedades medicinais das plantas.
- **Curandeiros** – pessoas que conhecem as propriedades medicinais das plantas e fabricam remédios caseiros de vários tipos, fazem indicação terapêutica e orientam a forma de uso, além de distribuírem-nos para outros membros da comunidade.
- **Erveiros** – profundos conhecedores da paisagem local e das plantas medicinais, que por vezes orientam seu uso a outras pessoas da comunidade.

Quinteiro (2008) define os curandeiros de forma semelhante à encontrada na presente pesquisa. De acordo com Schweickardt (2000) ¹⁶ *apud* Carvalho (2006), a diferença que se dá entre o curandeiro e o rezador é que o primeiro opera no nível empírico, conhecendo as plantas e as doenças (embora isso não exclua o contato com o sobrenatural); o rezador, por outro lado, cura através de meios simbólicos e age preferencialmente sobre doenças de pouca gravidade como erisipela, mau-olhado, quebranto, vermes. Não cabe aqui, a discussão sobre o

¹⁶ SCHWEICKARDT, J. C. *Magia e Religião na Modernidade: os rezadores em Manaus*. Manaus: Editora da Universidade do Amazonas, 2000.

grau de gravidade de tais doenças, tendo sido estas citadas dessa maneira, apenas por parte do autor referenciado.

No caso deste trabalho, pode-se dizer que algumas rezadeiras são de tipos mistos, pois possuem amplo conhecimento das plantas e também preparam alguns remédios caseiros. A definição da categoria erveiros seguiu de acordo com as realizadas por Quinteiro (2008) e Loyola (1984) que afirma serem estes, especialistas em ervas naturais, além de darem consultas, fazerem diagnósticos e prescreverem tratamentos. Dessa maneira, percebe-se a existência de uma linha tênue separando essas categorias na prática, que muitas vezes passeiam no campo de uma e de outra.

A chamada medicina popular pode ser definida como um conjunto de técnicas de tratamento empregadas pelos especialistas não reconhecidos pela medicina oficial. O conhecimento e as técnicas da medicina popular são vistas como sobrevivências folclóricas de uma época passada, de regiões rurais e comunidades tradicionais isoladas e atrasadas, que vão desaparecendo frente ao desenvolvimento da urbanização (LOYOLA, 1984).

É justamente nesses especialistas que reside o objetivo maior desse trabalho. Essas pessoas já não são encontradas com facilidade na área de estudo indicando que as mudanças sócio-ambientais e culturais ocorridas, principalmente a urbanização que o local vem sofrendo, são fatores que interferem nessa prática que configura numa das representações sociais que passa a ocupar um lugar discreto na vida das pessoas desse lugar.

Os atores locais, que participaram na construção de um tipo social característico da localidade, são apresentados a seguir, bem como suas trajetórias de vida e seus modos de uso e conhecimento das plantas em suas práticas cotidianas, aqui entendido, como já mencionado antes, como saber local. A partir desse ponto, eles se tornam protagonistas desta narrativa e através de suas falas se revelam seus olhares sobre as tais mudanças ocorridas na área de estudo, bem como seu saber-fazer relacionado às plantas e a transmissão desse conhecimento às gerações futuras, objetivo maior deste trabalho. Outros aspectos comentados revelam ao leitor quem são, o que fazem e como vivem esses atores locais.

O primeiro, “Seu Antonino”, 62 anos, agricultor que trabalha em sistema de parceria, é meeiro da terra que cultiva. O sistema de parceria é antigo na região e pode-se afirmar que ele tem sido responsável pela permanência da agricultura e de agricultores sem terra nessa localidade (CARNEIRO, 2009).

Ele possui cinco filhos, já adultos e nenhum vive com ele. Mora num local de difícil acesso somente com a companheira, numa união que dura trinta anos. Alega que sua renda não passa de meio salário mínimo ao mês e que já passou muitas dificuldades na vida. É

rezador, mas só de “cobreiro”, uma espécie de urticária que coça, dá bolhas e se alastra pelo corpo todo se não rezar, segundo ele. Para executar a reza não utiliza nenhuma espécie de plantas, somente uma pena de galinha e gordura. Aprendeu esse ofício com sua mãe e diz que não vai repassar para ninguém, pois se o fizer, a reza perde seu efeito. Sobre seu modo de atuar ele mesmo explica, logo a seguir, sem entrar em muitos detalhes:

C¹⁷ – A reza que eu sei de rezar cobreiro foi mamãe, foi minha mãe que me ensinou. Aí eu aprendi, ela me ensinando.

P¹⁸ – Como é que é cobreiro?

C – Ah, cobreiro é... Sai uma aguazinha e comicha que é uma coisa doida! E vai só “lastrando”, se não rezar vai só “lastrando”. Aí a pessoa reza e vai só secando. Só que também não pode molhar. Se molhar também não cura.

P – E o senhor reza como? O senhor usa alguma plantinha?

C – Eu rezo com uma pena de galinha e um... Um cadinho de gordura, dentro duma colher. Eu vou rezando assim em cruz e passando com a pena de galinha. E seca. Vai secando. Eu sei “desque” eu era solteiro eu aprendi.

P – E o senhor tá passando esse conhecimento pra alguém?

C – Não, não ensinei, não pode ensinar. Não pode ensinar, não.

P – Mas o senhor aprendeu como? Vendo?

C – Não, ela me ensinava as “palavra” dela. Ela falou comigo que não pode ensinar. Mas ela me ensinou. Mas eu... Eu não posso ensinar. Ela me ensinou porque eu era filho dela. “É” muitas palavras que tem que falar.

Outros rezadeiras foram contatados e indagados a respeito de suas práticas e verificou-se que não se utilizam de plantas em suas rezas. Uma delas, “Leléia”, a mais jovem do grupo de atores locais, com 61 anos de idade, alega que a reza só pode ser transmitida a pessoas do sexo oposto e ainda assim, se a pessoa desejar aprender. Mas para conseguir ser bem sucedida, a pessoa também tem que possuir o dom da benzedura. Ela aprendeu a rezar com seu sogro que já faleceu e gostaria de repassar seu conhecimento a um de seus três filhos (mas só aos de sexo masculino), ficando na expectativa de que um deles preencha os requisitos exigidos para a transmissão desse conhecimento, ou seja, que desejem aprender como ela um dia desejou. Mas até o presente momento, isso ainda não aconteceu e dessa maneira seu conhecimento fica estagnado na sua pessoa, sem fluir através das gerações.

Ela era lavradora, junto com seu marido em seu próprio sítio, e agora está aposentada. Quando indagada sobre as mudanças sofridas no local, afirmou que um dos problemas é a presença de muitas pessoas de fora e a APA que impede a prática da agricultura como era feita, referindo-se ao sistema de pousio. Ela comenta com ênfase o hábito, que seu marido praticava, de plantar árvores na terra que seria destinada ao pousio para que no momento do

¹⁷ C - colaborador

¹⁸ P - pesquisador

plantio possuíssem lenha para alimentar o fogão (que já não é mais usado) e aquecer a água da casa. Seu Antonino comunga da mesma opinião dela quando o assunto é a APA Estadual Macaé de Cima e a prática da agricultura.

A prática do pousio, um manejo conservacionista, por um período que pode variar de 4 a 10 anos, que garante o retorno da fertilidade do solo, só é possível ocorrer em áreas onde há mata em abundância. O período de descanso do solo é fundamental para o bom funcionamento da técnica e para possibilitar a recuperação das propriedades físicas e químicas do solo. Recentemente, essa prática passou a ser considerada um dos tipos de sistemas agroflorestais (SILVA, 2005¹⁹ *apud* CARNEIRO, 2009). Porém, ela não pode mais se dar, limitando a área cultivável e diminuindo o espaço de auto-estima dessa gente, que se vê impossibilitada de trabalhar a terra da maneira que aprenderam com seus antepassados e que, segundo eles, foi o que manteve a área preservada até os dias de hoje. As palavras de “Seu Zezinho”, um antigo morador, revelam um pouco desse pensamento: “Porque se isso aqui tá em mato, em reserva, é porque o povo criou. Que há trinta anos atrás não tinha ninguém disso aí. Nem há vinte anos. Se tem essas matas... que isso era tudo lavoura dentro do vale, antigamente”.

Os agricultores se queixam da impossibilidade de manejarem a terra como faziam antes da criação da referida APA. Geralmente essas populações vêm a criação dessas áreas como uma usurpação dos seus direitos a terra onde viveram seus antepassados, o espaço coletivo onde se realiza seu modo de vida distinto do urbano (DIEGUES, 2004). As palavras do Seu Antonino revelam um pouco desse sentimento de revolta:

P - Naquela época, em 80 ainda nem existia esse negócio de APA; não tinha, e agora já tem.

C - Se tem...

P - E isso alterou alguma coisa pro trabalho do senhor?

C - Não. Aí comigo, ninguém me aporrinhou ainda não, agora que eles já andaram aporrinhando muita gente, já “aporrinhou”. Não quer que “faz” roça. Capoeira não pode roçar. Pode trabalhar com... Roçar uns “capim” gordura, coisa, capoeira grossa não roça não por que... Perigoso. Eles não “quer” não.

Durante a conversa, os olhares profundos, as pausas com silêncio, as falas baixas, quase sussurradas demonstram a preocupação que o entrevistado tem ao tocar no assunto, revelando a gravidade trazida por esse tipo de situação.

¹⁹ SILVA, A. P. B. *Influência do pousio nas propriedades físicas e químicas do solo em Bioma de Mata Atlântica: o caso de São Pedro da Serra – Nova Friburgo*. Rio de Janeiro, 2005. 68 f. Monografia (Graduação em Geografia) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005.

Embora não se utilizem das plantas ao atenderem pessoas que os procuram, esses atores são conhecedores das propriedades medicinais de muitas plantas e eventualmente fabricam remédios caseiros como xaropes e chás, podendo ser considerados detentores de um saber local. Leléia prepara xarope somente para as pessoas da família, segundo ela, e o faz utilizando sempre sete ou nove plantas, que podem variar entre si, de acordo com a disponibilidade em se obter cada uma. Os números, sete ou nove, são escolhidos por serem ímpares, sem maiores explicações. Entre as plantas utilizadas, a Erva Passarinho, só pode ser retirada se crescer em plantas que não possuem espinho, para não provocar “fiscadas” pelo corpo de quem tomar o remédio feito com ela.

“Seu Ary”, outro rezador nascido e criado na área de estudo, tem 84 anos, teve sete filhos e mora com a esposa e um neto, já adulto, em casebre próprio. Na sala há uma mesa, com uma jarra de flores artificiais e vários santos caprichosamente arrumados, todos dispostos sobre uma toalha branca indicando uma forte presença do elemento religioso.

Um pouco pálido, apoiando-se num cajado e com fala cansada vai narrando sua trajetória, aos poucos, quando indagado. A localidade onde passou a infância só possuía caminho de burro e não havia nada lá, nem venda, segundo ele. Quando alguém adoecia tinha que ir até a cabeceira de Macaé de Cima, onde um primo seu era “tratador” de Homeopatia.

É aposentado como lavrador e não freqüentou a escola, porém, autodidata, aprendeu a ler sozinho ouvindo as aulas e vendo, escondido, os livros dos irmãos. Diz que o professor dele foi aquele lá de cima, fazendo referência a Deus. Seu relato é de uma vida muito dura, trabalhando desde menino e indo morar numa “barraquinha”, sozinho, em frente de casa, aos dez anos. Não utiliza nenhuma planta em suas rezas, apenas um terço. Fala da seguinte maneira quando perguntado com quem aprendeu a rezar: “parece que foi alguma coisa que Deus deixou gravado em mim que só passei a compreender depois de adulto”.

Reza desde mau-olhado até erisipela, indo ao encontro dos mesmos resultados encontrados por Carvalho (2006). Conta que o que mais rezou nessa vida foi dor de dente, mas que também já curou muitas pessoas desenganadas e a única coisa que não reza é o “ofendido de cobra”, como fala. Entre as pessoas que o procuram estão alguns que moram no Rio de Janeiro e também os do lugar, mas os crentes da localidade não adotam essa prática. Não cobra nada, aceitando apenas uma vela, se a pessoa quiser dar, para acender para o anjo da guarda da própria pessoa. Diz que os rezadores estão acabando porque hoje em dia as pessoas não procuram mais “as coisas de Deus”. Não pretende ensinar a ninguém, alegando da mesma forma que Leléia, que a pessoa precisa ter o dom da reza para esta ter efeito.

De acordo com alguns autores, o universo da religião faz parte de um sistema simbólico no qual os indivíduos ancoram suas práticas. A fé em alguma entidade maior que sustenta e mantém a saúde e a harmonia de todos é o denominador comum que conecta o conjunto de saberes e práticas desses indivíduos (PUMAR-CANTINI, 2005). Esse saber ocupa seu espaço na comunidade estudada e aponta para um mesmo aspecto encontrado por essa autora.

Quando S. Ary foi indagado sobre as mudanças ocorridas na área de estudo disse que o que mudou foi o povo e o modo de alimentação, como ilustrado com suas palavras:

C – Olha, isso eu falo e é de coração. Quando eu morava aqui, quase não morava ninguém. Morava só da família mesmo, dos meus tios, assim, esse sertão aí pra cima. Mas só que tem, todo mundo tinha que comer, é comer, não é que nem é hoje em dia. Oh, eu duvido se eu falo. Carne seca, de primeiro, não é essas muambas de hoje em dia. Isso não é mais carne. De primeiro, se eles assassem uma carne, só o cheiro, ia aonde a gente “tava”. Oh, trigo, eu sei. Criei minha família, “tudo” com trigo. Sempre tinha trigo em casa. A gente botava uma colher, fazia um bolo, aquilo crescia e hoje aquilo vira paçoca. Hoje acabou tudo.

Silva (2007) e Carneiro (2009) apontam para a questão da mudança de hábitos alimentares em seus estudos realizados na mesma área e atribuem a isso, entre outras coisas, à mudança de uma prática agrícola que antes era voltada para a subsistência e agora assume um caráter mercantil voltado para o mercado consumidor. Outro ingrediente que vem apimentar essa discussão é a presença de vendas, inexistentes outrora, que surgiram com as facilidades do “desenvolvimento”. Esse aparente pequeno detalhe faz parte de um tecido social, constituído por relações de cooperação e ajuda entre os moradores da região, o que faz dele, não mais um pequeno detalhe, mas um grande marco presente nas mudanças de relações sociais da comunidade em foco, onde o alimento consumido e não produzido era obtido por um circuito de trocas intercomunitárias que também compunham as relações de sociabilidade (CARNEIRO, 2009).

Já “D. Senhorinha” é conhecedora das propriedades curativas de muitas plantas e as utiliza para curar os males de quem a procura. Se a pessoa quiser, ela também reza. É a típica curandeira, de acordo com a classificação feita anteriormente, embora em alguns momentos sua classificação possa ser considerada de tipo mista, sendo considerada por alguns moradores como rezadeira. É figura carismática e bastante conhecida por todos, tendo sido a mais apontada quando da aplicação da técnica da bola de neve. Mora na região do estudo há mais de quarenta anos, trabalhou como lavradora, em sistema de parceria, do mesmo modo que S. Antonino e depois como servente na escola do local. Tem 68 anos, é viúva e mora em uma

pequena casa própria, no mesmo terreno onde estão construídas casas de três dos seus cinco filhos. Na sala podem ser vistas algumas imagens e estatuetas de santos que imprimem um ambiente cercado de religiosidade. Durante a entrevista demonstrou muito interesse em mostrar as plantas e falar de suas propriedades medicinais, assunto do qual mostrou dominar muito bem. É uma verdadeira detentora de um saber local.

Também teve uma vida cheia de dificuldades, de acordo com seu relato. Sempre morou em lugares isolados, distantes dos recursos médicos. Aprendeu a lidar com as plantas com sua avó, por necessidade, como conta:

C - Ah, isso é... Eu comecei já de lá de Minas mesmo, porque não tinha como a gente... Uma criança ficava doente, ou um adulto mesmo, “ce” tinha que ir naquelas “coisa” que os “antigo” da gente “fazia” pra gente. Aí eu “prendi” muitas “pranta” com a minha avó. Que é ela que tratava de todo mundo ali. E tratava com esse negócio de planta, essas coisas, não tinha negócio de... Remédio. E foi assim. Aí a gente foi aprendendo com ela. Aí ela ensinou... Ensinou a gente, isso é pra isso. E aí algum tempo eu vou embora, e vocês, “caba” de aprender outras “coisa” com outras “pessoa”. Ela sempre falava assim. E foi mesmo. Que aqui, aqui eu tratei de muita gente, que não tinha como ir pra Friburgo. Ficava doente, eles “ia” lá em casa. Aí eu fazia meus “remédio” de mato lá e dava e valia. Graças a Deus!

P - E a senhora atendia muitas pessoas daqui?

C - Ah, todo mundo. Só uns que não “acreditava” que aqueles “remédio” do mato “valia”.

Quanto ao problema relacionado à falta de médicos, talvez resida aí a explicação pelo fato das plantas serem bastante utilizadas por essa população, principalmente para solucionar alguns problemas básicos de saúde. O mesmo é apontado por Nava (1949)²⁰ *apud* Pumar-Cantini (2005) que relata que a falta de médicos de um lado e a abundância de doenças de outro, tinham que resultar na proliferação dos numerosos autodidatas, que lançam mão de práticas curativas substitutivas da medicina oficial.

Em sua casa, D. Senhorinha fabrica xaropes e chás para distribuir a quem precisar. Não cobra pelos seus serviços, fazendo-os com prazer e pelo amor ao próximo, para ajudar aos necessitados. Da mesma maneira que Leléia, suas fórmulas variam de acordo com a disponibilidade de se encontrar as plantas, não havendo precisão nem rigor nelas. Porém, deixa claro a preferência em se utilizar plantas frescas ao invés de secas, não tendo nenhuma restrição quanto à época ou hora da colheita.

²⁰ NAVA, P. Capítulos da História da Medicina no Brasil. In: *Revista médico-cirúrgica do Brasil*. Rio de Janeiro, n. 1, ano XI, 1949. p. 03-32.

Pumar-Cantini (2005) relata em sua pesquisa que seus atores sociais também não possuíam fórmulas definidas para suas garrafadas, fazendo-a concluir que a apropriação desse conhecimento não havia se dado de forma muito lógica ou racional, mas sim, impregnada de uma intuição que faz parte das práticas de cura presenciadas por ela.

A conversa com D. Senhorinha foi entremeada com casos de cura de diferentes tipos contados por ela e pôde-se observar a menção a muitas ocorrências de problemas renais e das vias respiratórias.

Ela gosta de ensinar o que sabe a todos que a procuram, mas especialmente a uma de suas filhas, que aprende com ela algumas coisas que a interessam para tratar de seu filho, quando este adoece. Porém, D. Senhorinha aponta o fato das pessoas hoje em dia não terem tempo para aprender tudo que ela sabe, ou não acreditarem que “os remédios do mato valem”. Essa é a forma como chama as plantas que cultivava em seu jardim e num terreno próximo de sua casa. Diz que dessa maneira ela pode ficar “de olho” nos remédios para nenhum “besta” estragar.

Dentre as espécies cultivadas algumas nunca foram utilizadas por ela, que as cultivava apenas por saber que algumas pessoas indicam tal planta para determinada coisa. Às vezes, traz muda de plantas de algum outro lugar que foi visitar e também fornece mudas a quem pedir, realizando um verdadeiro intercâmbio de espécies.

Algumas das plantas que cultivava em canteiros no seu jardim e que utiliza podem ser vistas na Figura 11. A mesma característica é apontada por Quinteiro (2008) em relação às mulheres de sua área de estudo, sugerindo que elas são as guardiãs do banco genético local.

Com olhar clínico, ela distingue cada planta cultivada, presentes num terreno ao lado de onde mora e gosta muito de mostrar o que sabe. Sob sua orientação, foram coletadas algumas amostras de plantas que foram encaminhadas para identificação botânica. Atualmente D. Senhorinha diz que não atende mais tantas pessoas como costumava fazer e a explicação para isso é dada por suas próprias palavras:

P - E hoje em dia, esse número de pessoas que procuram diminuiu?

C - Diminuiu muito! É muito porque agora tem... Tem farmácia, aí tem... Quando precisa de ir num, tem médico, tem tudo, mas naquele, naquela época não tinha nada aqui, nada. Não tinha farmácia, não tinha médico, não tinha nada.

Porém, num outro dia de campo ela afirmou exatamente o contrário, dizendo que hoje em dia ela atende a um número maior de pessoas, por ser mais conhecida. No entanto, essas pessoas não são pessoas da comunidade. São pessoas de fora que vão procurá-la para obter,

entre alguns remédios, os xaropes que ela prepara. Isso aponta para uma mudança em relação ao público atendido por ela.



Figura 11: Plantas medicinais cultivadas em canteiros.

De acordo com sua observação parece haver um interesse menor por parte das pessoas da comunidade e maior por parte dos que são de fora, que representa uma parcela da população que possui acesso aos serviços de saúde e pertencem a uma classe social de maior poder aquisitivo, os turistas. Outro grupo de pessoas que a procura é o de estudiosos, pois ela relata que às vezes, vão pessoas à casa dela, munidas de caderno e passam lá o dia inteiro perguntando coisas e fazendo anotações. Diz que até estrangeiros fazem parte desse grupo. Quando indagada sobre as mudanças ocorridas na região, o que mais chamou a atenção em seu discurso foi o grande aumento da população e do número de casas existentes, caracterizando a urbanização sofrida no local. Disse que quando se mudou para Lumiar não havia nem dez casas no arraial que era totalmente ocupado por lavouras e pelos lavradores. Porém, de acordo com seu ponto de vista, antigamente tudo era mais difícil devido ao isolamento parcial que caracterizava a localidade. Ao se comentar sobre a dificuldade de acesso que os antigos tinham ao centro urbano para satisfazer algumas de suas necessidades e confirmando dados coletados sobre a precariedade das estradas e dos transportes na área de estudo, “D. Senhorinha” fala um pouco:

C - Não tinha nada calçado, era tudo buraco. A gente saía daqui com chuva, a gente podia contar, “chega” lá toda suja. E era mesmo. E o ônibus, só tinha um ônibus aqui, que era do Astrogildo. E a... Assim, a traseira dele, era tudo “marrado” de arame, essa coisa toda, então quando ele fazia aquela força, que ele não tava bom, a gente... As costas da gente “batia” nele. E era. E foi assim, menina. Quando veio, quando ele vinha de lá, vinha trazendo tudo de lá. Caixa de tomate, caixa de num sei que lá mais, tudo botava. Aquele homem carregava tudo. Carregava cabrito, carregava porco, tudo ele carregava daqui pra lá e trazia coisa de lá pra cá.

P – Demorava quantas horas pra chegar lá em Friburgo?

C - Nossa Senhora! Quando nós “saía”, nós, aqui só “tinha” um ônibus. A gente pagava uma passagem, a ida, e a volta já uma vez. Aí que ele voltava de lá “é tarde”. Aí tarde aquilo, a gente ia empencando um em cima do outro, que vinha que vinha aquela pelota, e ele tava, e nós “ficava”, tinha que vim nele, né? A gente... Se tivesse criança, né, mulher com criança pequena, sentava lá atrás. E aí ele ia botando caixa. Caixa de coisa, a pessoa ficava só daqui pra baixo que ia assim livre.

P – Com caixa até o peito?

C- Até o peito! E, e foi assim minha “fia”. Assim a minha vida inteira foi com sacrifício.

Seu “Dedé”, o próximo ator local é um erveiro, de acordo com a classificação feita no início do capítulo. Tem 74 anos, não estudou e mora na área de estudo há quarenta e oito anos. É um senhor franzino, de fala firme, com boa entonação de voz. Vive com sua companheira com quem possui cinco filhos, dos quais apenas um ainda mora com ele, na sua pequena e humilde casa que é própria. Trabalhou em pedreiras a vida toda e hoje vive de um benefício que equivale a um salário mínimo.

Conta que aprendeu o que sabe com outras pessoas, desde menino ao acompanhar sua mãe que era parteira e até em Centros Espíritas. Demonstra ter amplo conhecimento sobre a paisagem local e as plantas medicinais que utiliza, assim como D. Senhorinha, fornecendo inúmeras receitas e contando muitos casos de cura durante a entrevista. Indica chá de folha de carambola para os rins e de folha de abacate com figo, para o fígado, entre elas. Também conhece muitas “simpatias” que vai intercalando com o relato do uso de plantas, ficando claro que estas ocupam espaço junto ao seu saber-fazer. Outra coisa que chamou a atenção é que, diferentemente de D. Senhorinha, S. Dedé só gosta de colher as plantas que utiliza na lua minguante dizendo que “a lua é que domina a terra, aquele calor domina a terra” e dá exemplos de que quando um cipó é colhido na lua crescente, este se quebra à toa, já o colhido na minguante pode ser retorcido à vontade sem se partir.

Não atende pessoas, dizendo, como o S. Ary, que os evangélicos não acreditam e mesmo os que não são também e que só acreditam em remédio de farmácia. Mas solícito, sugere, sempre que pode algum remédio à base de plantas para quem tiver algum problema de saúde. Possui um arsenal dessas ervas plantadas num jardim na frente de sua casa. Na sala há apenas um entalhe em madeira da imagem de Jesus preso à parede. Embora não possua tantas imagens religiosas como os outros atores locais, sua prática é carregada de misticismo, manifestando-se até na coleta de algumas espécies, como uma chamada Mal com Tudo que relata detalhando:

C – Se a gente sair a “precura” dele custa a achar. Aí a gente fala mal com tudo, bem comigo, mal com tudo, bem comigo. Aí acha. E é engraçado que a gente vai achando ele. Eu fui “caçar” um ali pra cima da pedreira onde eu trabalhava, hoje já entrou gente de fora, acabaram com o pasto, com tudo que tava ali. Mas nos “mato” ainda tem, nos “barranco” ainda tem lá pra cima. Depois que acha um, acha uma porção. Mas “pa” achar um é difícil.

Essa característica mística se encontra presente entre todos os entrevistados, permitindo-se traçar um perfil semelhante entre esses atores locais, mesmo entre aqueles que não praticam a reza, como o S. Dedé. De acordo com Jorge & Morais (2002), a abordagem da doença é feita, não em um esquema biomecanicista, mas sim cósmico, onde a percepção sobre a doença e sua cura se baseia na visão cosmológica da comunidade em estudo e certas peculiaridades relacionadas ao emprego de plantas medicinais não podem ser entendidas se não forem levados em consideração os fatores culturais envolvidos e o ambiente físico em que ocorre.

No decorrer da entrevista, ainda com S. Dedé, quando o assunto passou para a esfera das mudanças ocorridas, ele falou sobre alguns aspectos. Em relação às pessoas, disse:

C – O que mudou foi que o povo de fora, eles vieram com outro ritmo. Os daqui não tem nada daquele ritmo de simpatia, um remédio. Aí alguns, a gente fala com eles, eles “acredita”. Pelo povo daqui ficou pra pior, agora pelo povo de fora, não, que o povo de fora cuida mais de algum trabalho... Eles “presta” mais uma atenção no que a gente fala...

Em relação ao seu trabalho, disse que pra ele mudou muita coisa por ser área de reserva e conta detalhando na sua visão:

C – Mudou porque aqui não se pode tirar uma pedra, não pode tirar, no momento que a gente trabalha na lavoura, não pode se tirar madeira, não pode fazer um carvão, não pode usar um fogão de lenha, não pode tirar areia, não pode tirar um barro, foi isso que mudou. Então eu tenho idéia de trabalhar lá pra fora outra vez.

Complementa sua fala mencionando outro aspecto, também abordado pelo S. Ary, sobre a alimentação das pessoas:

C – Aqui tinha uma fartura imensa! O pessoal aqui nem comprava, todo mundo dava. Aqueles que não “tinha”, “ganhava”. Eu me lembro que eu ganhava. Hoje, se a senhora, só vê casa caída e o pessoal “mudaram” tudo pra cidade. É tudo de gente, só tem graúdo de fora, só tem proibida a entrada, proibido a caçada, proibido a pescada, proibida a passagem. Se a senhora ver, não vê mais um pé de inhame, não vê mais um pé de banana, não vê mais um pé de planta, não vê mais nada. É tudo a poder de mercado. Gente que tinha terreiro cheio de vaca, galinha, porco, fartura numerosa! Couve, lavoura, muita coisa! Hoje, se quiser um franguinho, tem que comprar no mercado.

Novamente aqui, evoca-se Carneiro (2009) sobre as mudanças nos hábitos alimentares impressas pela substituição da agricultura de subsistência, num espaço onde ela já não fornecia resultados satisfatórios, tornando-se mais atrativo e rentável vendê-la para fins turísticos.

Ao se falar sobre a transmissão do conhecimento, S. Dedé disse que não está passando para ninguém, mas gostaria de deixar escrito “pro pessoal ver, assim como as histórias dos antigos, de boiadeiro, do tempo do cativo, do tempo da judiaria, como o povo fazia, o que aconteceu com aqueles cangaceiros, o que não aconteceu”. Diz ainda que as pessoas como ele, possuidoras de um saber local, estão acabando. Fala ainda que as pessoas estão cada vez mais doentes e que “com uma coisa à toa, que poderia ser evitada (com o uso de plantas), mas as pessoas não acreditam”.

Em relação à transmissão do conhecimento, todos concordam num ponto: que não o estão repassando aos jovens do lugar, cada qual com seu motivo. Do mesmo modo, entre as rezadeiras de Pumar-Cantini (2005) verificou-se a falta da transmissão desse conhecimento através das gerações, embora todas pertencessem a famílias com laços religiosos estritos, esse saber não é passado de pai para filho e, de acordo com a autora, algumas vezes essa prática é até reprovada.

Entra em cena então, uma iniciativa que merece ser conhecida: a união da Rede Fitovida e da Oficina Escola As Mãos de Luz. A primeira é composta por 108 grupos comunitários, divididos simbolicamente por cinco regiões no Estado do Rio de Janeiro: Metropolitana, Baixada, Norte, Sul e São Gonçalo. Todos os grupos têm em comum a prática, a vivência, a boa relação com as plantas medicinais e outros elementos da natureza que compõem a medicina caseira popular. O trabalho é voluntário, sem fins lucrativos, realizado “pelo povo e

para o povo”, se dando através de encontros sistematizados onde a troca de conhecimentos se dá através da história oral. A Rede, que considera o uso e manejo das plantas medicinais um patrimônio imaterial, está realizando com o apoio do MINC/IPHAN/DPI²¹ e do MMA/DPG²², o Inventário Nacional de Referências Culturais (INRC). A proposta está centrada basicamente em sistematizar os modos de fazer os chás, os xaropes, as garrafadas, as pomadas e o sabão da maneira como foram transmitidas de geração em geração.

A segunda é uma Associação de pessoas físicas sem fins lucrativos que desenvolve atividades ligadas à cultura local e ao folclore de um modo geral, no sentido de valorizar e resgatar os conhecimentos tradicionais. Está situada em Lumiar, no Vale dos Peões, onde desenvolve sua proposta de trabalho há dez anos. Tem por missão: “Valorizar o trabalho feito com as mãos, aprender fazendo estimulando a criatividade nas artes e nos ofícios. Reconhecer e preservar a sabedoria ancestral popular, mantendo viva a chama do conhecimento entre as diferentes gerações e raízes culturais. Reintegrar o ser humano à natureza”.

Desde setembro a Oficina Escola As Mãos de Luz vem cedendo seu espaço para a realização das reuniões da Rede Fitovida que têm se dado mensalmente e são chamadas de “Encontro de Erveiros”.

Normalmente esses encontros se dão durante a tarde com três horas de duração, mas dependendo da proposta podem durar até o dia inteiro. Pode participar do encontro quem quiser e o mesmo é divulgado através da técnica do boca a boca, sendo que os moradores considerados detentores de um saber local são peça chave para a realização dos mesmos e convidados pessoalmente pelas organizadoras dos encontros. No início de cada encontro é feita uma dinâmica de grupo para entrosamento dos participantes. Todos se dispõem em um grande círculo ou ao redor de uma mesa para partilhar o tema do encontro, como mostra a Figura 12. É ali que os atores locais se tornam senhores da situação. É ali que pessoas que não detêm o conhecimento formal se tornam mestres e doutores no domínio do seu saber local. É ali que assumem com ares de autoridade o seu papel de cidadão. É ali que encontram um espaço democrático de troca de saberes. É ali que têm sua auto-estima valorizada e é ali que têm prazer em compartilhar com os outros, o seu conhecimento.

É ali, naquele momento, que “fabricam” sua maneira de caminhar pelo mundo e de nele se inserirem como sujeitos ativos e não passivos (PUMAR-CANTINI, 2005).

²¹ MINC: Ministério da Cultura; IPHAN: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional; DPI: Departamento de Patrimônio Imaterial.

²² MMA: Ministério do Meio Ambiente; DPG: Departamento de Patrimônio Genético.

O público que frequenta os encontros é composto em sua maioria por pessoas vindas de fora do local e as mulheres se encontram em maior número. Cada ator local fala sobre as plantas trazidas, suas ações terapêuticas, formas de uso e de preparo e até das condições de coleta. Observou-se que quando a atividade é relativa ao preparo, as mulheres são as interessadas e se colocam ao lado do fogão trocando experiências e aprendendo umas com as outras. Esse tipo de atividade parece não interessar aos homens que nessa hora se afastam e conversam sobre outros assuntos.



Figura 12: Encontros de Erveiros

Até o momento foram realizados cinco encontros com boa presença de alguns detentores do saber local. Nesse espaço de construção, resgate e valorização de um saber local, as plantas são literalmente postas sobre a mesa, fala-se de cada uma delas e cria-se a oportunidade da transmissão de saberes. Patzlaff & Peixoto (2009) destacam a importância em estimular o auto-reconhecimento dos informantes (aqui chamados de atores locais) como especialistas em determinado tema para fortalecer a auto-estima destes e da comunidade, fortalecendo a unidade da comunidade e o resgate de saberes, pouco ou não valorizados, além de contribuir para a manutenção dos saberes da comunidade na própria comunidade.

De posse da visão dos atores locais, a próxima seção passa agora a dar um foco na população da comunidade estudada, onde alguns temas comuns foram abordados com o objetivo de se ter um contexto que abranja questões relativas ao aspecto ambiental e ao uso informal de plantas medicinais, dando ao leitor três olhares distintos: o acadêmico, possibilitado pela argumentação de alguns autores citados, o individual, por parte dos atores locais através de suas falas e o popular, através divulgação dos resultados encontrados nas respostas dadas, aos questionários aplicados. Com a triangulação desses pontos distintos obtém-se uma visão mais contextualizada da realidade encontrada.

6.3 – Nossa terra, nossa gente: conhecendo a população local

Entre os aspectos observados na comunidade estudada, um que chama a atenção é o hábito de se utilizar plantas medicinais para algumas desordens de saúde. Plantas essas que estão gentilmente disponibilizadas pela natureza e competem com alguns medicamentos industrializados que se encontram à venda nas farmácias existentes. Embora esteja sendo evidenciada a utilização das plantas medicinais, pode-se dizer que o acesso a esses medicamentos se dá pela presença de médicos que atuam nos Postos de Saúde, que outrora inexistiam e também, porque não dizer, pela força do hábito da automedicação presente na população brasileira. A automedicação é particularmente preocupante quando é realizada em conjunto com outros medicamentos, podendo levar a efeitos sinérgicos e interações não esperadas pelo médico (VEIGA JUNIOR, 2008).

Para se ter uma idéia da aceitação do uso de plantas por parte da população e registrar suas percepções acerca das mudanças sócioambientais e culturais ocorridas na região, foram aplicados 45 questionários, que revelaram alguns aspectos comentados a seguir.

Vale lembrar que 69% dos que responderam correspondem ao gênero feminino e 31% ao masculino. Em relação à faixa etária, 51% encontravam-se enquadrados dos 15 aos 30 anos, 36% entre 30 e 60 anos e somente 13% representava a população acima dos 60 anos de idade. De acordo com o tipo de uso que fazem dos recursos vegetais, esses atores sociais tiveram a seguinte classificação:

- **Usuários** – membros da comunidade que se utilizam dos recursos vegetais para finalidade de tratamento de doença ou mal-estar, com ou sem a orientação de alguém.

Categoria semelhante foi encontrada por Fonseca-Kruel & Peixoto (2004)²³ *apud* Quinteiro (2008) em sua pesquisa.

Devido à grande área do 5° Distrito, há postos espalhados por alguns lugarejos que o compõem com a atuação de um médico, uma vez por semana, ou até de 15 em 15 dias, dependendo da localidade, em sistema de rodízio. Nos outros dias, sua presença é ocupada pela de um agente de saúde, que faz visitas rotineiras às famílias existentes, indo até os locais mais distantes, onde não há postos.

²³ FONSECA-KRUEL, V. S. & PEIXOTO, A. L. Etnobotânica na Reserva Extrativista Marinha de Arraial do Cabo, RJ, Brasil. In: *Acta Botânica Brasilica*. 18(1): 177-190, 2004.

Em relação à origem dos que responderam o questionário, 70% são da área de estudo ou estão nela há mais de trinta anos.

Quanto à profissão, todas as pessoas “de fora” exercem atividades ligadas ao setor de serviços. Já entre os moradores tradicionais (64% nasceram no local), poucos ainda realizam alguma atividade relacionada à agricultura, mas não com exclusividade. Como segunda escolha, o terceiro setor é o predominante e representa confecções, bares, faxinas e cozinha. Os resultados apontam para uma semelhança dos encontrados por Teixeira (1998) que classifica como unidades familiares pluriativas, aquelas que realizam atividades não-agrícolas no meio rural. Comungando da mesma visão, Carneiro (1998) explica que o crescimento da oferta de uma variada possibilidade de alternativas de emprego, que alimentada pelos capitais de origem urbana é um dos responsáveis pela criação de espaços para o exercício da pluriatividade.

Quanto ao nível de escolaridade, mais de 50% sequer completaram o ensino fundamental. A Figura 13 mostra o gráfico com o nível de escolaridade encontrado na comunidade estudada.

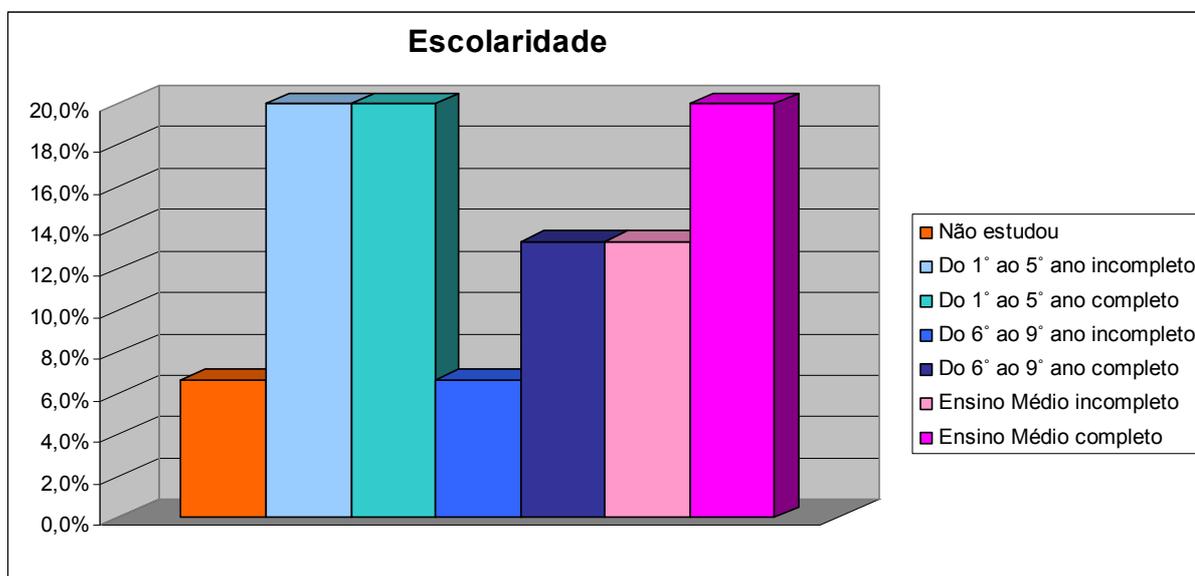


Figura 13: Gráfico com nível de escolaridade da população

Quando perguntados se às vezes se tratam com plantas quando têm algum problema de saúde, 73% responderam que sim. Por essa tendência, nota-se que o uso de plantas com finalidades curativas é bastante comum entre os moradores do local. Resultados semelhantes foram encontrados por Quinteiro (2008) na comunidade estudada por ela, fazendo-a comentar

que a falta de escolaridade formal poderia ser um fator facilitador ao uso dos recursos vegetais como medicamento.

Em outro trabalho científico realizado no município de Nova Friburgo, Veiga Junior (2008) mostra que os resultados encontrados apontaram para mais de 90% da população que fazia uso regularmente de plantas para a cura de seus males. Em pesquisa semelhante, realizada nos Estados Unidos, em 1997, observou-se que 42% da população haviam feito uso de plantas medicinais pelo menos uma vez no ano de 1996, (EISENBERG, 1998²⁴ *apud* VEIGA JUNIOR, 2008) em tratamentos médicos alternativos, o que foi considerado um percentual elevado. Por aí se vê o abismo cultural que existe entre esses dois países no que se refere ao uso de plantas medicinais e o potencial que o Brasil oferece nesse campo de pesquisa. No caso do presente trabalho, os 73% encontrados na área de estudo representam um valor bem alto se comparado aos 90% encontrados em todo o município, reforçando a idéia de que o hábito de utilização dos recursos vegetais para o tratamento de doenças definitivamente faz parte da cultura local.

Quando se perguntou se já haviam consultado algum rezadeiro, curandeiro ou erveiro, 51% responderam que não, representando a maioria. É curioso observar que entre as religiões presentes, se destacam a Igreja Católica e a Assembléia de Deus, cujos praticantes refutam o hábito de se consultar com um erveiro, curandeiro ou rezador (o que muitas vezes não se distingue). Nesse caso, muitos, quando buscam orientação de uso recorrem a qualquer pessoa da comunidade em quem confiem, geralmente os mais experientes, como costumam dizer.

Entre os problemas de saúde que são tratados com plantas, todos os citados se encontram na Figura 14, que traz um gráfico com os principais problemas tratados com plantas medicinais, de acordo com as respostas dadas. As doenças tiveram um total de 123 citações e foram classificadas de acordo com o CID 10 (Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados com a Saúde).

As doenças do aparelho digestivo e os sintomas e sinais gerais juntos somam mais de 63% das respostas dadas e são explicados por Loyola (1984), como sendo consideradas doenças comuns que se pode curar “pessoalmente” em casa, de acordo com a visão da população estudada por esse autor e para as quais o tratamento pode ser feito com plantas medicinais. Entre os sintomas e sinais gerais, os mais citados foram febre e dor de cabeça. Já entre os problemas do aparelho digestivo, pode-se dizer que enjôo, diarreia e vômito ganharam destaque, mas também os problemas referentes ao estômago e fígado não deixaram

²⁴ EISENBERG, D. Trends in alternative medicine use in the United States; 1990-1997 *J. Am. Med. Assoc.* 280: 1569-1575. 1998.

de ser apontados. Num percentual bem menor, mas ficando em terceiro lugar entre os mais citados, encontram-se as doenças do aparelho respiratório. Entre elas, o destaque fica para a gripe, doença que geralmente acomete as vias respiratórias superiores. Entre as doenças do aparelho geniturinário, os problemas renais e as cólicas menstruais, não deixaram de ser citados. Num percentual menor foram citados dores musculares e nas articulações, que ficaram enquadradas nas doenças do sistema osteomuscular e do tecido conjuntivo, seguidas das doenças do sistema nervoso, onde as plantas medicinais são utilizadas como calmante. Por fim, num percentual bem menor registrou-se o uso dessas plantas para o tratamento de vermes – algumas doenças infecciosas e parasitárias – e do coração, órgão nobre que encaixa nas doenças do aparelho circulatório.

Observa-se que muitas são as aplicações dos recursos vegetais relacionados à saúde, inclusive para o tratamento de órgãos nobres como coração e rins, pela comunidade em questão.

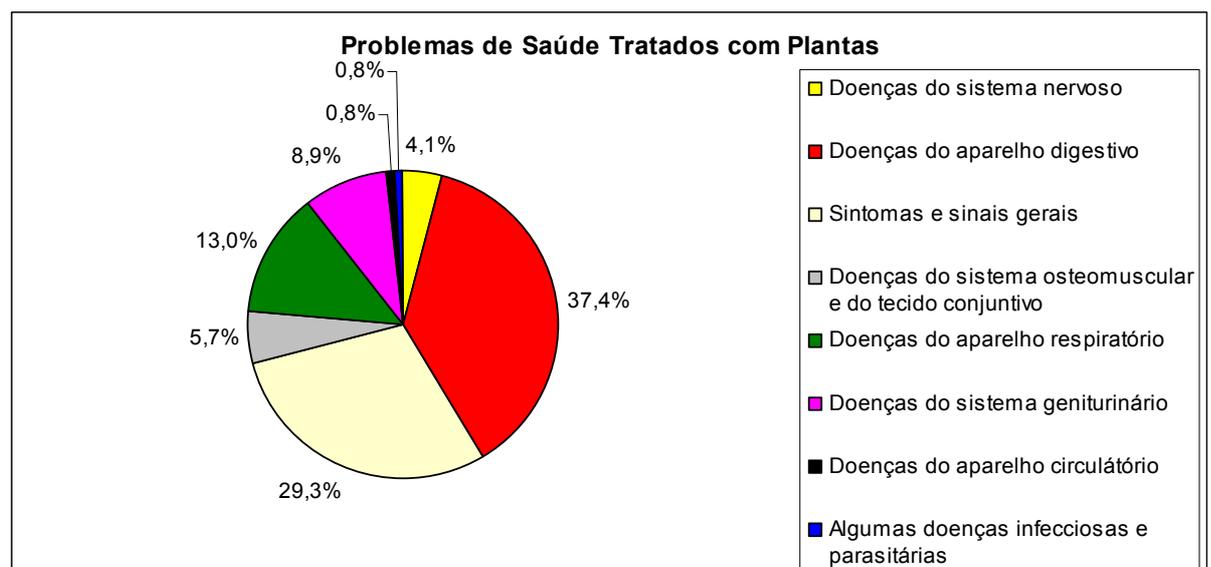


Figura 14: Problemas de saúde tratados com plantas

Quando indagados sobre os principais problemas da região, destaca-se a saúde entre eles, indicando que a demanda ainda é bem maior que a oferta. A Figura 15 detalha os percentuais das respostas dadas. Apesar da existência de Postos e da presença dos agentes de saúde nas localidades mais distantes, onde não há postos, essa condição parece estar longe de ser resolvida. Essa situação de ausência de recursos médicos, somado a solidariedade entre os vizinhos pode reforçar o grande hábito de uso de plantas rotineiramente para a solução de alguns problemas de saúde, o que comunga com a visão de Loyola (1984). A análise dos dois

gráficos consolida a idéia de que as plantas estão definitivamente incluídas no arsenal de tratamento de doenças e fazem parte da cultura local.

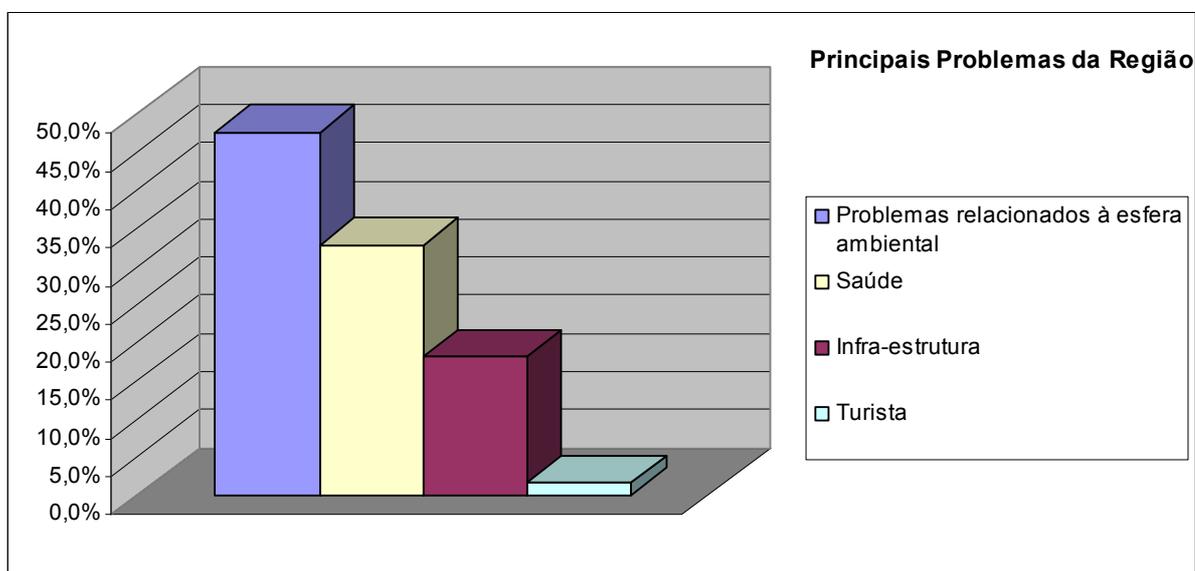


Figura 15: Principais problemas da região

Ainda em relação à mesma pergunta alguns resultados ficam em concordância com as observações feitas no capítulo anterior sobre uma forma de desenvolvimento insustentável que se dá no local. Várias foram as formas de se referir a esse ponto. Problemas citados como os relativos à questão ambiental, representados pela menção à APA/IBAMA e poluição dos rios, a coleta de lixo, desmatamento, venenos, não pode puxar luz e saneamento, fazem parte da esfera ambiental e, somados, ultrapassam os percentuais citados em relação à saúde.

A essa questão soma-se a dificuldade de se manter só da agricultura, agravada pelas leis ambientais como ilustrado na fala de um antigo morador, que também comenta esse aspecto:

C - Não tem mais como você ficar na lavoura, não. O povo tá indo embora.

É que tá muito mal tratado, muito pisoteado, né?

P - Mas por quê?

C - Por causa das "lei". É... A lei aí é... Acabou. "Ce" tá fazendo uma lavoura aí... Tá... Sendo... Multado... Tá desmatando, tá desbravando, e assim vai. É, ué... Acabou. O povo daí amarga. Nós "fomo" a metade do povo, trabalhador daí da roça em pouco tempo de ir embora, agora.

P - Ah, é? O pessoal foi embora daqui?

C - Foi embora. Tá vendendo o sítio e os "tereno" e indo embora. Tá... Todo mundo.

As pausas, falas com voz baixa e olhares profundos para o entrevistador, confirmam a preocupação e gravidade relacionada ao assunto.

Para ilustrar o percurso etnográfico, entra em cena um morador, filho de um curandeiro e rezador ao mesmo tempo, não seguiu essa carreira, que afirma ser de muita responsabilidade, lembrando das noites em que seu pai saía de casa com chuva para atender os necessitados de suas curas. Porém, orgulhoso, dá uma receita para mordidas de cobra e diz que hoje em dia “muito pouco novo sabe alguma coisa”.

P - Sempre tratou com planta?

C - É. Nem era muito planta, não. É mais, era ovo cozido e a querosene. Bebia cachaça com alho. Usava muita cachaça com alho. E a querosene e o ovo cozido em cima. Passa querosene em cima, na hora, e aí bota ovo cozido em cima. Cozinha o ovo e corta ele no meio e “marra” aquela gema em cima, aquela gema fica pretinha. Puxa tudinho. Aí, quando acabar de puxar aquela parte, pega aquela outra parte e “marra” em cima. E vai puxando. O veneno em vez de atingir pra cima, ele volta “pa” trás.

“Seu Zezinho”, não é propriamente um detentor do saber local, de acordo com a definição proposta para esta pesquisa, mas é morador antigo da região e o fato de ser filho de rezador, lhe confere algumas lembranças de muitas práticas de cura. Tem 62 anos, foi lavrador, mas hoje em dia trabalha em construção de casas, caracterizando bem o que comenta Carneiro (2009) a respeito das alternativas fora da agricultura para os moradores da região. Possui casa própria e seus três filhos também têm suas casas construídas no mesmo terreno. Quando indagado sobre algumas mudanças ocorridas na região não pôde deixar de comentar o aumento da população, como expressado em suas palavras: “É porque isso aí não tinha ninguém de fora. Agora, o quê, a metade de Galdinópolis, né, “Maria”, é quase tudo gente de fora, já. A metade, mais ou menos já, ou mais, se deixar”.

Uma de suas filhas trabalha com plantas medicinais de uma maneira diferente das praticadas na região até o presente momento: ela comercializa plantas secas na forma de chás. O trabalho começou a dez anos, através de duas amigas “de fora” que, como ela, pertence à comunidade do Santo Daime. As amigas foram embora da região, mas ela deu continuidade ao trabalho junto com um grupo de mulheres, que funciona como se fosse uma cooperativa, porém não formalizada. Seu registro é de produtora rural, mas todas as decisões são tomadas em grupo e o lucro é igualmente dividido. São comercializadas cinquenta espécies, todas da região, segundo ela. Algumas são cultivadas e outras são de ocorrência espontânea. Baseado em seu modo de lidar com as plantas medicinais, aqui ela fica classificada como a seguir:

- **Pequenos produtores** – indivíduos que cultivam diferentes espécies vegetais de uso medicinal, além de realizar a secagem dos mesmos e a devida embalagem com o objetivo de comercialização dos produtos em forma de chás.

Esse fato é comentado em outro trabalho de Carneiro (2009) que diz que com a melhoria das vias de comunicação, além da modificação dos espaços de sociabilidade, a produção mercantil vai ganhando espaço na roça familiar. O que se vê aqui é que além de ocupar espaço na roça familiar, essa prática mercantil aparece relacionada ao uso das plantas medicinais pautada na apropriação de um saber local que pode, ou não, ajudar na sua consolidação, mas que aponta para uma forma diferente das dos atores locais em se relacionar com esse saber.

6.4 – As plantas encontradas

Durante as entrevistas realizadas, muitas foram as plantas, as indicações, os modos de usos e as receitas citadas. O que se pôde perceber foi a existência de um rico acervo de conhecimento e de uma grande plasticidade em relação aos seus usos, cercados de misticismo e de uma aura de sobrenatural.

Alguns foram os empecilhos encontrados para a coleta de amostras, entre eles as diferentes épocas do ano em que as espécies florescem ou são encontradas. Como não são a tônica do trabalho aqui proposto, mas ilustram de maneira essencial o assunto abordado, elas foram submetidas ao preenchimento de uma ficha etnofarmacológica que revela para cada espécie identificada, detalhes acerca do seu uso.

Entre as espécies coletadas estão, com seus nomes populares: Pitanga, Antibiótico, Cordão-de-Frade, Lágrima de Nossa Senhora, Erva Moura, Manjericão, Mentrasto, Algodão, Fortuna, Avenca, Assa-peixe, Erva Macaé, Novalgina, Melão de São Caetano, Barbáceo, Citronela, Erva-passarinho, Abacateiro, Fortuna, Artemísia e Melissa. Vale lembrar que essas espécies representam um número muito pequeno comparado ao universo das plantas citadas e utilizadas pelos atores locais nas suas práticas de cura.

Nem todas tiveram sua identificação botânica realizada com êxito e algumas tiveram apenas o gênero identificado. Do mesmo modo, nem todas as plantas coletadas foram submetidas ao preenchimento da ficha etnofarmacológica, que foi priorizado para aquelas que, além do gênero, tiveram as espécies identificadas.

A seguir, um detalhamento delas é feito, de acordo com as informações fornecidas pelos atores locais, acrescidas de informações dadas nos Encontros de Erveiros, que foram confrontadas com dados secundários presentes no opúsculo do 1º Encontro Sobre Ervas Medicinais (1985), citado na introdução desse trabalho. A técnica de informação cruzada se deu durante o decorrer dos Encontros de Erveiros, como já foi dito. Nesses encontros sempre há espaço para aplicação desta técnica, pois faz parte da sua rotina que alguns participantes levem plantas e cada um fale o que sabe sobre ela. Algumas espécies foram submetidas a comentários de outros autores no sentido de se ampliar, reforçar ou confrontar algumas informações.

O objetivo desta etapa é fazer uma ilustração para colocar o leitor mais próximo ao acervo do conhecimento desses atores locais. As informações foram registradas de acordo com seus modos de expressão para evitar erros de interpretação. As plantas citadas nas associações não foram necessariamente identificadas, porém não poderiam deixar de constar dessas fichas. São elas:

- **PITANGA (*Eugenia uniflora* L.)**

Indicações terapêuticas: gripe com febre alta, garganta inflamada com dor, dor de cabeça e diabetes.

Parte usada: folhas e flores.

Modo de Preparar: chá (folhas) e xarope (folhas e flores).

Vias de administração: oral.

Posologia: 3 a 4 vezes ao dia.

Usuários: qualquer pessoa, menos gestantes.

Efeitos esperados: em 1 ou 2 dias.

Associações: se quiser.

Plantas utilizadas nas associações: capim-limão, assa-peixe, erva-passarinho (de planta que não tem espinho), mentrasto, guaco, aeromoça, limão e folhas de lima. Usam-se três folhas de cada planta.

Essa árvore pequena, que possui frutos vermelhos de característica ácida, de ocorrência natural das Guianas até São Paulo possui reconhecida ação febrífuga, além de serem excitantes aromáticas e antirreumáticas (CORREA, 1984).

- **CORDÃO-DE-FRADE (*Leonotis nepetifolia* L.)**

Indicações terapêuticas: diabetes, colesterol e bronquite (flores).

Parte usada: folhas e flores.

Modo de Preparar: chá (folhas).

Vias de administração: oral.

Posologia: 3 a 4 vezes ao dia.

Usuários: qualquer pessoa.

Efeitos esperados: em 1 ou 2 dias.

Associações: não.

Trazida da África e das Índias Orientais pelos portugueses desde a época da colonização, essa erva que pode atingir até 1,6 m de altura, espalhou-se praticamente por todo o Brasil. É possível que os terpenóides, tipo de princípio ativo encontrado nessa planta, sejam os responsáveis pela sua atividade broncodilatadora (TESKE & TRENTINI, 1995).

- **LÁGRIMA DE NOSSA SENHORA (*Coix lacrima-jobi* L.)**

Indicações terapêuticas: urina presa.

Parte usada: talo da folha.

Modo de Preparar: cozimento.

Vias de administração: oral e banhos de assento.

Posologia: chá: toda hora, um pouquinho; banho: duas vezes ao dia.

Usuários: qualquer pessoa.

Efeitos esperados: em 1 ou 2 dias.

Associações: se quiser, mas não é necessário.

Plantas utilizadas nas associações: erva-moura.

Planta nativa da Índia, pertence à família das Gramineae, sendo cultivada no Brasil quase que exclusivamente devido à singularidade de seus frutos, os quais enquanto verdes parecem grossas gotas de lágrimas e que na maturação adquirem consistência óssea e com aparência de pérolas cinzento-azuladas (CORREA, 1984). O mesmo autor confirma sua ação diurética, além de outras propriedades medicinais, não citadas pelos autores locais desse estudo.

- **ERVA MOURA** (*Solanum americanum* Mill.)

Indicações terapêuticas: problemas renais (urinando quase sangue e com a urina presa), fígado e erisipela.

Parte usada: folhas e raiz.

Modo de Preparar: a raiz tem que amassar bem, deixar ferver 5 minutos e abafar; as folhas são preparadas em forma de chá.

Vias de administração: oral ou banhos no local.

Posologia: frio é melhor; beber várias vezes ao dia.

Usuários: qualquer pessoa.

Efeitos esperados: em 2 ou 3 dias.

Associações: se quiser, mas não é necessário.

Plantas utilizadas nas associações: erva-preá e erva-de-bicho (para erisipela, em forma de banhos); cana-do-brejo e lágrima de nossa senhora (para problemas renais e do fígado, em forma de chás).

Planta herbácea, nativa da Europa, mas de ocorrência também no território nacional. Um de seus princípios ativos é a solanina que age como narcótico, afetando todo o sistema nervoso e paralisando as extremidades dos nervos sensoriais e motores, se utilizada em doses altas. Ainda assim, tem reconhecida ação analgésica, diurética e depurativa, sendo útil na crise hepática (CORREA, 1984), indo ao encontro de algumas ações citadas pelos atores locais. Embora estes recomendem o uso por um curto período de tempo, desconhecem as restrições que a planta oferece pela presença da solanina. Neste caso, a planta não deveria ser usada por qualquer pessoa, conforme consta na ficha.

- **MANJERICÃO** (*Ocimum basilicum* L.)

Indicações terapêuticas: coração, nervoso, dor de cabeça (quando está com nervoso e o coração dispara e tem dor de cabeça) e fígado.

Parte usada: folhas e flores.

Modo de Preparar: chá.

Vias de administração: oral.

Posologia: várias vezes ao dia.

Usuários: qualquer pessoa.

Efeitos esperados: no mesmo dia.

Associações: se quiser, mas não é necessário.

Plantas utilizadas nas associações: erva-doce, erva-cidreira, alfavaca da costa.

Erva da família das Labiataes que atinge até 50 cm de altura, possui propriedades estimulantes, estomáquica, peitoral e útil em fricções, nos resfriados e banhos nos acidentes nervosos (CORREA, 1984). Originária da Ásia Ocidental foi trazida ao Brasil pela colônia italiana. É indicada em casos de estafa mental, intelectual e nervosa, entre outras ações como o emprego em afecções das vias respiratórias, combatendo contrações musculares bruscas do estômago e os gases intestinais (TESKE & TRENTINI, 1995). Os mesmos autores advertem que seu uso deve ser evitado durante a gestação, embora não relatem nenhuma contra-indicação.

- **MENTRASTO (*Ageratum conyzoides* L.)**

Indicações terapêuticas: expectorante.

Parte usada: folhas e flores.

Modo de Preparar: chá (folhas) e xarope (flores).

Vias de administração: oral.

Posologia: chá: 1 copo 3 vezes ao dia; xarope: 1 colher (sopa, adultos e chá, crianças) 3 vezes ao dia.

Usuários: qualquer pessoa.

Efeitos esperados: em 2 ou 3 dias.

Associações: só para o xarope.

Plantas utilizadas nas associações: capim-limão, assa-peixe, erva-passarinho, pitanga, limão e folhas de lima.

Erva aromática como sendo reconhecidamente cosmopolita tropical é considerada por alguns autores como originária da América do Sul (CORREA, 1984). Possui a cumarina entre seus princípios ativos (COIMBRA, 1958; CORREA, 1984), que possui ação anticoagulante, indicando que sua administração excessiva poderia levar à hemorragia (RAND & DALE, 1993). Correa (1984) cita sua indicação contra resfriados, o que reforça a indicação fornecida na presente pesquisa. Porém, o uso irrestrito à qualquer pessoa, denota que os atores locais desconhecem os riscos dos usos abusivos dessa planta, embora recomendem seu uso somente por dois ou três dias.

- **ASSA-PEIXE (*Vernonia polyanthes* Less.)**

Indicações terapêuticas: gripe e limpeza do pulmão.

Parte usada: broto.

Modo de Preparar: xarope.

Vias de administração: oral.

Posologia: 1 colher (sopa, adultos e chá, crianças) de manhã e à tarde.

Usuários: qualquer pessoa.

Efeitos esperados: em 2 ou 3 dias.

Associações: se quiser, mas não é necessário.

Plantas utilizadas nas associações: flor de mamão-macho, erva-passarinho, guaco.

Arbusto nativo do Brasil que pertence à família das Compositae (CORREA, 1984), essa planta é conhecida pelo cozimento de suas raízes possuírem ação hemostática e suas flores e folhas serem empregadas, também por cozimento, em processos inflamatórios das vias respiratórias (CONCEIÇÃO, 1982). A utilização dessa planta no preparo de xaropes pelos atores locais não diverge da indicação sugerida na literatura.

- **MELÃO DE SÃO CAETANO (*Momordica charantia* L.)**

Indicações terapêuticas: piolho, dor de estômago, dor de barriga e reumatismo.

Parte usada: folha, ramo, pode ter flor.

Modo de Preparar: chá.

Vias de administração: oral e banho.

Posologia: 1 copo 1 vez ao dia, ou banhos no caso de piolhos; botar no álcool e esfregar no lugar do reumatismo.

Usuários: qualquer pessoa.

Efeitos esperados: no mesmo dia.

Associações: não.

Erva trepadeira nativa da Europa, mas hoje muito comum no Brasil (CORREA, 1984). Possui usos medicinais como febrífugo, antirreumático (banhos) e vermífugo (COIMBRA, 1958).

- **ERVA MACAÉ** (*Leonorus sibiricus* L.)

Indicações terapêuticas: dor de barriga, ressaca, ameaça de derrame, digestão e reumatismo.

Parte usada: folha.

Modo de Preparar: sumo misturado com água fria, chá da planta com cinza de fogão.

Vias de administração: oral.

Posologia: 1 cálice até 4 vezes ao dia.

Usuários: qualquer pessoa.

Efeitos esperados: imediato.

Associações: não.

De ação estomacal, febrífugo, sedativo, indicada desordens gastrointestinais, nos resfriados e gripes com ação benéfica nas vias respiratórias (COIMBRA, 1958). A ação indicada pelos atores locais, para evitar derrame, não é mencionada em literatura oficial, embora esta ação seja bastante conhecida pela população na área de estudo.

A classificação das plantas só possui sentido para os informantes se for construído a partir de várias práticas sociais, como o cultivo da terra, a preparação de comida, remédios ou cosméticos ou para a cura de doenças, sendo necessário integrar aí também a existência de certas entidades sobrenaturais. Ao fazê-la, esta remete invariavelmente às discussões no campo das ciências sociais e de saúde. Por sistema de cura pode-se considerar o diversificado conhecimento sobre plantas e seus usos, constituindo-se num conjunto de múltiplos elementos que perfazem a própria relação do ser humano com a natureza e que unem a existência material dos sujeitos com seu universo simbólico e sua visão cosmológica (JORGE & MORAIS, 2002).

A visão desses autores possibilita ter-se uma dimensão de o quanto a cultura e o modo de vida estão intimamente ligados à apreensão de um conhecimento para a sua utilização no cotidiano das pessoas envolvidas. No presente trabalho, todas as plantas identificadas são classificadas como de uso medicinal e estão inseridas no saber-fazer dos atores locais.

Para se ter uma dimensão um pouco mais próxima do universo das plantas utilizadas pelos atores locais, estas foram agrupadas na Figura 16, em forma de tabela, somente com seus nomes populares, suas indicações e as principais formas de uso ou preparo. O intuito aqui é, mais uma vez, ilustrar melhor o tema abordado, embora ainda assim, apenas um fragmento desse conhecimento esteja sendo exposto.

Nome popular da planta	Indicação	Parte da planta utilizada	Forma de preparo e/ou uso
Abacate	Rins, bexiga, diurético	Folhas	Chá
Alfavacão	Falta de ar, asma	Folhas	Chá
Alfavacão da Costa	Gripe	Folhas	Chá
Algodão	Dor de ouvido	Flor	Esquentar a flor e pingar no ouvido
Ananá	Inflamação na garganta, bronquite	Frutos	Chá, xarope
Antibiótico	Machucados, inflamação	Folhas	Banhos no local, chá ou gargarejos
Arnica-do-campo	Dores em geral (cólicas, musculares, articulação)	Folhas	Chá, infusão com álcool para passar no local
Avenca	Dor no estômago, inflamação na garganta	Folhas	Chá, beber ou gargarejar
Barbáceo	Intoxicação, estômago	Folhas	Chá
Boldo	Fígado	Folhas	Sumo
Buta	Depurativo, fortificante	Fruto, caule	Infusão na água fria
Cânfora	Reumatismo, antiinflamatório	Folhas	Fricção no local com a infusão no álcool
Carambola	Rins	Folhas	Chá
Carqueja	Estômago, gordura no sangue, fígado	Folhas	Chá
Cascalha	Ajudar a romper os dentes dos nenéns	Folhas	Chá para banhar as gengivas
Cebola	Evitar infarto, derrame	Cabeça ou palha	Cabeça – comer crua (infarto); chá da palha (derrame)
Chapéu-de-couro	Estômago, fortificante	Folhas	Chá
Cipó-caboclo	Derrame	Caule	Chá
Cipó-cravo	Nervoso	Caule	Chá
Citronela	Repelente de insetos	Folhas	Deixar um amarrado das folhas no ambiente
Erva Celidônea	Olhos e dor de cabeça	Folhas	Chá para banhar o local
Erva Cidreira Lastreira	Cólicas menstruais	Folhas	Chá
Erva-de-bicho	Erisipela	Folhas	Chá para banhos locais
Erva-lagarto	Diarréia, intestino	Folhas	Chá
Erva-passarinho	Bronquite, pneumonia, gripes	Folhas (de planta que não possui espinho)	Chá ou xarope (com associações)

Nome popular da planta	Indicação	Parte da planta utilizada	Forma de preparo
Erva-preá	Erisipela	Folhas	Chá para banhos locais
Erva-sapinho	Sapinho na boca	Folhas	Chá para banhos locais
Eucalipto	Tosse, bronquite, pulmão	Folhas	Chá (sozinho); xarope (associações)
Fortuna	Contusões, furúnculos	Folhas	Chá para banhos locais (contusões); esquentar a folha e colocar em cima (furúnculos)
Fumo-de-corda	Contusões, fraturas	Folhas	Chá para banhos locais (associado com Barbáceo)
Gervão roxo	Estômago, fortificante, depurativo	Folhas	Chá
Hortelã preto	Expectorante, vermes, gases	Folhas	Cozido no leite (expectorante); chá (vermes e gases)
Insulina	Diabetes	Folhas	Chá
João Brandi	Reumatismo	Folhas	Infusão no álcool (massagear o local)
Lima	Pneumonia	Fruto	Ingerir o fruto in natura
Mal-com-tudo	Estômago, reumatismo	Folhas	Infusão na cachaça; gotas (estômago); fricção local (reumatismo)
Malva	Aftas, garganta, dor de dente,	Folhas	Chá para banhos locais
Mil-folhas	Enjôo, dor de barriga	Folhas	Chá
Novalgina	Febre, dor	Folhas	Chá
Orelha-de-macaco	Dor de Ouvido	Folhas	Esquentar a folha e pingar no ouvido
Palma-mulata	Azia	Folhas	Infusão no vinho ou cachaça
Quebra-pedra	Pedra nos rins	Folhas	Chá
Quina-cruzeiro	Estômago, fortificante	Folhas	Chá
Quina-rosa	Fortificante, sapinho	Folhas	Chá para banhos locais; infusão na cachaça
Saião	Gripe, úlcera	Folhas	Chá
Saião miudinho	Úlcera	Folhas	Ingerir in natura

Nome popular da planta	Indicação	Parte da planta utilizada	Forma de preparo
Sete sangrias	Coração, diarreia com sangue	Folhas	Chá
Transagem	Inflamação de urina, feridas	Folhas	Chá para beber ou banhos locais
Tira-tema	Qualquer doença que custa a curar	Folhas	Chá para banhos locais
Urucum	Coração, varizes, pressão alta	Sementes (coração) Folhas (varizes, pressão)	Infusão na água fria Chá
Uvaçu	Pedra nos rins	Folhas	Chá
Violeta	Regras abundantes	Folhas	Chá

Figura 16: Tabela com plantas e suas indicações

Vale chamar a atenção para os nomes de algumas plantas como Novalgina e Antibiótico. Outrora essas plantas provavelmente já faziam parte do arsenal terapêutico dos antigos, uma vez que esse conhecimento foi apreendido através das gerações, mas com certeza, tinham outros nomes. Quinteiro (2008) encontrou nomes parecidos em sua área de estudo, o que suscitou um comentário sobre como a globalização interfere nesse tipo de cultura, fazendo-a perder-se. A ilustração que acaba de ser feita pode sugerir o potencial de um estudo focado no uso de plantas medicinais como forma de se registrar esse acervo de conhecimento apreendido pelos atores locais, fornecendo base para outros possíveis desdobramentos.

7 – CONCLUSÃO

Durante toda a trajetória da pesquisa, se tentou, através da investigação científica, conhecer um pouco do saber-fazer dos atores locais, como as mudanças ocorridas na área de estudo interferem nesse uso e se esse conhecimento é passado ou não através das gerações. Procurou-se fazer a construção do cenário sócio-econômico, ambiental e cultural em que esses atores locais estavam inseridos nos últimos trinta anos como forma de emoldurar todo o quadro que envolve o tema abordado.

O que se pode dizer aqui é que foi possível traçar um perfil de quem são esses atores e o que têm em comum, a começar pela faixa etária, todos acima de sessenta anos de idade e pouco ou nada, freqüentaram a escola. Igualmente, todos foram criados em lugares distantes dos recursos encontrados nos centros urbanos e tiveram uma trajetória com boa parcela de todo o tipo de dificuldades. Todos, quando jovens, observaram os mais velhos em suas práticas de cura, seja através de rezas, seja através de tratamento com plantas, seja prestando ajuda às pessoas do local onde viviam. A maioria vive, ainda hoje, com recursos que às vezes não chegam a completar nem um salário mínimo. Também se pode afirmar com segurança que as fórmulas que utilizam não são rígidas, podendo ser adaptadas de acordo com as circunstâncias e possibilidades. As plantas são utilizadas, associadas ou não, em sua grande maioria no estado fresco e são preparadas, principalmente na forma de chás, sumos, banhos ou xaropes. A variedade de espécies utilizadas, muitas delas de origem do Brasil, sugere estudos mais aprofundados acerca dessa biodiversidade que traduz um recurso natural para cuidados com a saúde. Pode-se dizer ainda que, todos os atores locais trabalharam ou ainda trabalham, na lavoura. Muitos já são aposentados ou vivem de benefício. Entre eles estão homens e mulheres, porém elas se dedicam às preparações dos xaropes e a sua distribuição, o que os homens não fazem.

O mais marcante de tudo e que merece ser comentado detalhadamente é a forma como suas práticas e seu saber estão, pode-se dizer, alicerçados em crenças que motivam e norteiam essas práticas. É como se elas formassem um cimento em torno do qual, seu saber está consolidado e fortalecido. Sem isso, parece não haver sentido. Essas crenças, ou esse misticismo, permeia vários aspectos desse saber, desde algumas formas de coleta, até o tipo

de planta que se usa, passando principalmente pela finalidade com a qual ela está envolvida. Sem esse misticismo, parece não haver finalidade nesse tipo de conhecimento, que representa não só uma peculiaridade cultural, mas também uma forma detalhada de saber sobre o ambiente e a biodiversidade que rodeia o homem, seus limites e desafios.

Seu saber é herança, ou resultado, de um modo de vida diferente do que hoje se dá no local. As intensas transformações pelas quais Lumiar e São Pedro da Serra passaram nos últimos trinta anos, imprimiram grandes mudanças na identidade social, cultural, econômica, política e ambiental de seus moradores. Principalmente pela grande urbanização sofrida e pela transformação dos dois Distritos em Área de Proteção Ambiental. Duas características que catalisaram a vinda de muitas pessoas de fora.

Em relação à população de um modo geral, percebe-se que o hábito de se usar plantas para o tratamento de alguns males da saúde está presente entre seus moradores, mas a procura por pessoas detentoras de um saber local vai ficando de lado, sendo sua presença substituída pela de qualquer pessoa que inspire confiança em quem necessite desses cuidados. Apesar da melhoria ao acesso aos serviços de saúde, com a presença de Postos, de médicos e de farmácias, a demanda por esses serviços ainda é muito maior que a oferta, o que deixa o espaço disponível a ser ocupado por práticas e conhecimentos populares relacionados a esse âmbito.

A criação da APA Estadual Macaé de Cima trouxe consigo muitos conflitos por tocar de maneira muito profunda na forma de uso do solo. Esse fato reforçou a inversão de valores que a terra sofreu, passando a ser mais rentável como mercadoria (para venda) do que como meio de produção (para a lavoura).

Portanto, numa abordagem etnobotânica, não se pode deixar de falar em como as questões ambientais estão relacionadas às questões sócio-econômico-culturais, uma vez que estas são determinantes pela demanda desse tipo de transformação que determinada comunidade está sujeita. Os poucos atores locais encontrados não estão repassando seu conhecimento para as gerações futuras, mas por iniciativa das próprias pessoas “de fora”, se procura valorizar e preservar esse conhecimento antes que ele se perca através dos Encontros de Erveiros promovidos pela Oficina Escola As Mãos de Luz e Rede Fitovida, ilustrado aqui, pela lista de presença na Figura 17.

Empreitadas como essa lembram aqueles centros de recuperação de animais ameaçados de extinção. Porém aqui, o que está em extinção não é a biodiversidade (embora se esteja falando de algo que aconteça num fragmento de Mata Atlântica). Aqui, o que está em extinção é algo imaterial, que está permeado de todo um modo de vida e crenças peculiares,

como dito antes. Será que o que se vai conseguir preservar é apenas um fragmento desse conhecimento, ou será bem sucedida a tentativa de valorização desse saber local?

Aí surgem perguntas que remetem a tempos longínquos: de onde vem esse conhecimento? Quem os ensinou? Como podem saber? A resposta para elas já está dada ao se falar que os atores locais têm muitos pontos em comum que fazem parte de uma trajetória de vida que vem desde seus antepassados. Apesar da acelerada evolução tecnológica e cultural, o homem ainda busca na natureza recursos para satisfazer algumas de suas necessidades, entre elas a saúde.

Uma coisa é certa: ouvir histórias pessoais, registrar o saber local, valorizando-os leva o ator local a uma melhora da sua auto-estima, o que o faz se sentir importante na sua comunidade, o que pode significar um primeiro passo na construção de sua identidade como cidadão e agente transformador de sua realidade local. Realidade essa, que é mais bem conhecida por ele do que por pessoas que estão longe, muitas vezes encerradas em escritórios, em meio à procedimentos burocráticos, possivelmente gerindo e tomando decisões que tocam no âmago da existência/identidade social de determinado grupo.

Os interesses que são contemplados quando uma área é considerada de Proteção Ambiental muitas vezes se detêm àqueles que não representam os anseios da comunidade afetada e acabam por não preservar alguns aspectos culturais que valorizam inclusive o acervo de conhecimento sobre a biodiversidade e sua forma de manejo. E quando o turismo é incentivado nessas áreas, este funciona como mais um fator de interferência no modo de vida dessas populações, trazendo consigo grandes modificações na dinâmica local e nas relações sociais que fazem parte de determinado grupo trazendo consequências positivas ou negativas, dependendo da maneira como é gerido. A criação de Unidades de Conservação é fundamental, especialmente em fragmentos de Mata Atlântica, porém esse não é um processo simples e requer uma cuidadosa condução para não ocasionar conflitos.

Preservar o conhecimento/cultura da população local e seu modo de vida faz parte da preservação num âmbito que transborda, porém envolve o ambiental. É urgente a necessidade de se estabelecer, por parte dos governantes, equipes multidisciplinares nas tomadas de decisões das políticas públicas, no sentido de se evitar tais conflitos e se valorizar algumas práticas e saberes trazidos historicamente pelas comunidades envolvidas em tais questões e apontar caminhos para uma forma de desenvolvimento mais sustentável, no sentido de ser mais coerente com o respeito à cidadania e também harmônico com os interesses que estão ligados à esfera ambiental.

O presente estudo deixa apontado muitas possibilidades de direções para outras possíveis pesquisas, tão necessárias quando o assunto é o homem e sua forma de relacionar-se com o meio ambiente que o cerca, matéria fértil que requer diferentes olhares para um assunto que está longe de ser esgotado.

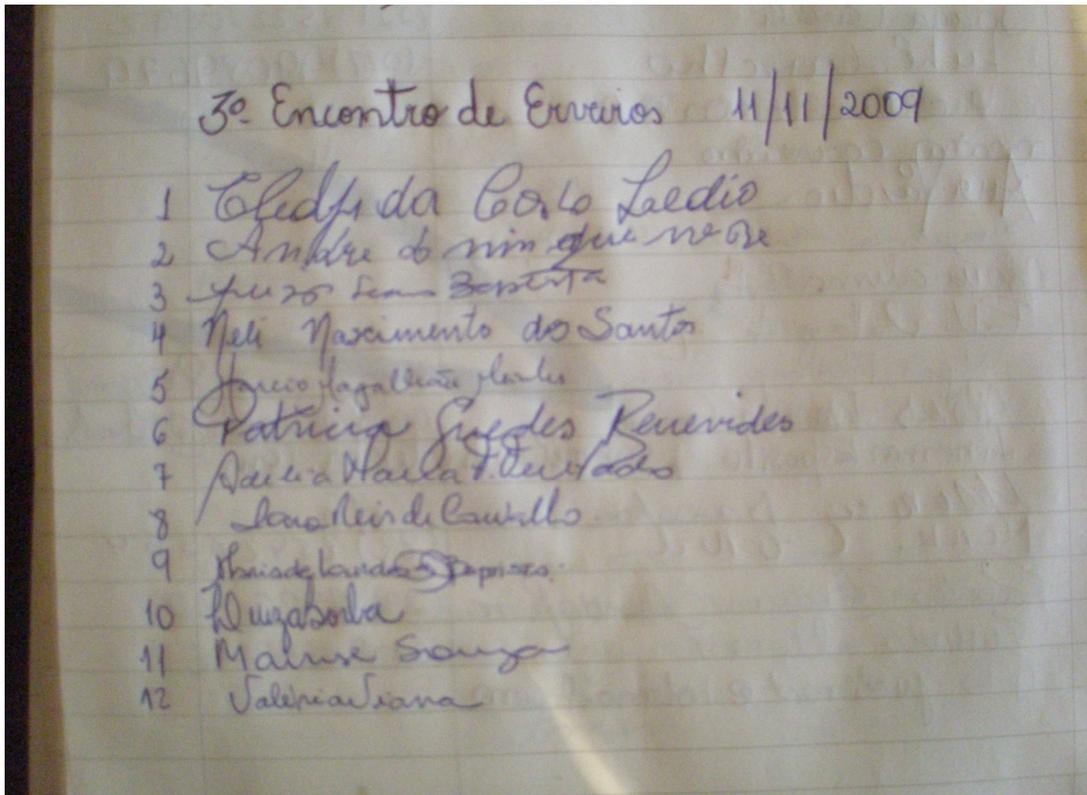


Figura 17: Lista de presença do 3º Encontro de Erveiros

Referências Bibliográficas

- ADORNO, R. C. F.; CASTRO, A. L. 1994. O exercício da sensibilidade: pesquisa qualitativa e a saúde como qualidade. In: *Saúde e Sociedade*. São Paulo, v. 3, n. 2, p. 172-185.
- ALBUQUERQUE, U. P. 2005. *Introdução a Etnobotânica*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Editora Interciência. 80 p.
- ALBUQUERQUE, U. P. & HANAZAKI, N. 2006. As pesquisas etnodirigidas na descoberta de novos fármacos de interesse médico e farmacêutico: fragilidades e perspectivas. In: *Revista Brasileira de Farmacognosia*. João Pessoa, v.16, p. 678-689, dez.
- ALBUQUERQUE, U. P. & LUCENA, R. F. P. 2004. *Métodos e técnicas na pesquisa etnobotânica*. Recife: Editora Livro Rápido. 189 p.
- AMADOR, A. B. 2003. *Qualidade das Águas da Bacia do Alto Macaé, Nova Friburgo – RJ*. Niterói, 2003. 137 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Instituto de Geociências, Universidade Federal Fluminense, Niterói.
- BALDINI, K. B. L. 2008. *Etnoconhecimento como ferramenta para conservação de recursos naturais no Parque Nacional do Itatiaia*. Niterói, 2008. 178 f. Dissertação (Mestrado em Ciência Ambiental) – Instituto de Geociências, Universidade Federal Fluminense, Niterói.
- BARBIERI, J. C. 2007. *Desenvolvimento e Meio Ambiente – As estratégias de mudanças da Agenda 21*. 8ª edição. Petrópolis: Editora Vozes. 159 p.
- BECKER, B. 1995. *Levantamento e avaliação da política federal de turismo e seu impacto na região costeira*. Brasília: Ministério do Meio Ambiente e da Amazônia Legal, PNMA, BIRD/PNUD. 50 p.
- BOTTÉRO, J. 1997. A magia e a medicina reinam na Babilônia. In: Le Goff, J. (org.). *As doenças têm história*. Lisboa: Terramar. 361 p. p 11-37.
- BRASIL. Lei nº 9.985, de 18 de julho de 2000. Regulamenta o art. 225 § 1º, incisos I, II, III e IV da Constituição Federal, institui o Sistema Nacional de Unidades de Conservação da Natureza e dá outras providências. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19985.htm> acesso em: 27/9/2008.
- CARNEIRO, M. J. 1998. Memória, Esquecimento e Etnicidade na Transmissão do Patrimônio Familiar. In: CARNEIRO, M. J.; GIULIANI, G. M.; MEDEIROS, L. S. de & RIBEIRO, A. M. M. (orgs.). *Campo Aberto, o rural no Estado do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria Ltda. 334 p. p 273-291.
- _____. 1998. O ideal rurbano: campo e cidade no imaginário de jovens rurais. In: SILVA, F. C. T. Da; SANTOS, R. & COSTA, L. F. de C. (orgs.). *Mundo Rural e Política: ensaios interdisciplinares*. Rio de Janeiro: Campus. 277 p. p 95-117.
- _____. 2000. Descendentes de Suíços e Alemães de Nova Friburgo: de “Colonos” a “Jardineiros da Natureza”. In: GOMES, A. de C. (org.). *Histórias de Imigrantes e de Imigração no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: 7 Letras. 206 p. p 44-65.

_____. 2006. Trabalho, “ajuda” e disputas: uma etnografia das confecções de lingerie em domicílios rurais. *Estudos de Sociologia*, Araraquara: FCL, n.20, p. 99-125, 1º semestre.

_____. 2009. De “produtor” a “consumidor”: Mudanças sociais e hábitos alimentares. In: NEVES, D. P. *Processos de constituição e reprodução do campesinato no Brasil*. São Paulo: Editora UNESP; Brasília, DF: Núcleo de Estudos Agrários e Desenvolvimento Rural. 326 p. v. 2. (História social do campesinato brasileiro).

_____; ROCHA, B. N. 2009. Limites e possibilidades da construção de “territórios de desenvolvimento” na região serrana do Rio de Janeiro. In: CAZELLA, A. A.; BONNAL, P. & MALUF, R. S. (orgs.). *Agricultura familiar: multifuncionalidade e desenvolvimento territorial no Brasil*. Rio de Janeiro: MAUAD X. 301 p.

CARVALHO, K. C. 2006. *Saberes de cultura e hibridismo: relações entre ciência, magia e saúde no Morro da Conceição, no Recife*. Recife, 2006, 128 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Pernambuco, Recife.

CRAVO, A. B. 2003. *Frutas e Ervas que Curam: Receitas, Usos e Dosagens*. 7ª edição. Curitiba: Hemus. 460 p.

COIMBRA, R. 1958. *Notas de Fitoterapia – Catálogo dos dados principais sobre plantas utilizadas em Medicina e Farmácia*. 2ª edição. Rio de Janeiro: Gráfica Editora Arte Moderna. 429 p.

CONCEIÇÃO, M. 1982. *As Plantas Medicinais no Ano 2000*. 2ª edição. São Paulo: Tão Editora. 198 p.

CORREA, M. P. 1984. *Dicionário das plantas úteis do Brasil e das exóticas cultivadas*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional. 6 vol.

CUNHA, M. S. C. S (coord.). 1988. *Memória Popular: Receitadores – Mundo Místico e Ação Social*. Nova Friburgo: Centro de Documentação Histórica – Pró-Memória. 53 p.

DEAN, W. 2007. *A ferro e fogo – A história e a devastação da Mata Atlântica brasileira*. 6ª reimpressão. São Paulo: Companhia das Letras. 484 p. Tradução de: With broadax and fireband. The destruction of the Brazilian Atlantic Forest.

DIAS, G. F. 2000. *Fundamentos da Educação Ambiental*. Brasília: Universa. 198 p.

DIEGUES, A. C. 2004. *O mito moderno da natureza intocada*. 5ª ed. São Paulo: HUCITEC NUPAUB/USP. 169 p.

ELIZABETSKY, E. 2003. Etnofarmacologia. In: *Ciência e Cultura*. Campinas, v. 55, n. 3, p. 35-36.

ENCONTRO SOBRE ERVAS MEDICINAIS, 1º. 1985, Lumiar. *Opúsculo*. Nova Friburgo: Cáritas Diocesana de Nova Friburgo. 52 p.

GEERTZ, C. 1989. *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: LTC – Livros Técnicos e Científicos S. A.. 215 p.

INSTITUTO DE ESTUDOS DA RELIGIÃO (ISER). 2008. *A Construção da Agenda 21 Local de Nova Friburgo*. Rio de Janeiro: ISER. 46 p.

JACCOUD, R. L. de S. 1999. *História, Contos e Lendas da Velha Nova Friburgo*. Nova Friburgo: Múltipla Cultural. 472 p.

JORGE, S. S. A.; Morais, R. G. Etnobotânica de Plantas Medicinais. 2002. ANAIS DO I SEMINÁRIO MATO-GROSSENSE DE ETNOBIOLOGIA E ETNOECOLOGIA & II SEMINÁRIO CENTRO-OESTE DE PLANTAS MEDICINAIS, 2003, Cuiabá. In: COELHO, M. F. B.; JUNIOR, P. C.; DOMBROSKI, J. L. D. (org.). *Diversos Olhares em Etnobiologia, Etnoecologia e Plantas Medicinais*. Cuiabá – MT: UNICEN Publicações. 250 p. v. 1. p. 89-98.

LE GOFF, J. 1997. As plantas que curam. In: Le Goff, J. (org.). *As doenças têm história*. Lisboa: Terramar. 361 p. p 342-357.

LÉONARD, J. 1997. Os doentes imaginários. In: Le Goff, J. (org.). *As doenças têm história*. Lisboa: Terramar. 361 p. p 255-271.

LOYOLA, M. A. 1984. *Médicos e Curandeiros – conflito social e saúde*. São Paulo: DIFEL. 198 p.

MACIEL, M. P. M.; PINTO, A. C. & VEIGA Jr., V. F. 2002. Plantas Medicinais: A Necessidade de Estudos Multidisciplinares. In: *Química Nova*, São Paulo, v. 25, n. 3, p. 429-438, maio.

MARTINS, P. H. 2003. *Contra a desumanização da medicina: crítica sociológica das práticas médicas modernas*. Petrópolis: Vozes. 335 p.

MAYER, J. M. 2000. As Origens de São Pedro da Serra. *A Voz de São Pedro da Serra*, Nova Friburgo, Abril/Maio, Ano 01, nº 3, p. 2.

_____. 2001. Um Pouco de Sua História e Sua Gente. *Jornal Ecos*, Nova Friburgo, Junho, Ano I, nº 3, p. 3.

_____. 2001. Origens de Lumiar. *Jornal Ecos*, Nova Friburgo, Maio, Ano I, nº 2, p. 10.

_____. 2000. Tempo dos Antigos e a Modernidade. *A Voz de São Pedro da Serra*, Nova Friburgo, Junho/Julho, Ano 1, nº 4, p.2.

MONNERAT, A. L. A. W. 2007. *Pierre-Nicolas Chenaux – O Herói da Gruyère e sua marca no Brasil – (A Família Thurler)*. Nova Friburgo: Alberto Lima Abib Editor. 320 p.

MINAYO, M. C. 2004. *O Desafio do Conhecimento: Pesquisa Qualitativa em Saúde*. 8ª Ed. São Paulo: HUCITEC. 260 p.

NOVA FRIBURGO. Decreto nº 156 de 03 de janeiro de 1990. Cria a Reserva Ecológica de Macaé de Cima, Nova Friburgo, RJ. Prefeitura Municipal de Nova Friburgo.

_____. Decreto nº 443 de 06 de setembro de 1996. Cria no município de Nova Friburgo, Estado do Rio de Janeiro, a Área de Proteção Ambiental do Rio Bonito. Prefeitura Municipal de Nova Friburgo, 1996.

_____. Decreto nº 116/05 de 08 de agosto de 2005. Altera o Artigo 1º do Decreto nº 156/90 que criou a Reserva Ecológica de Macaé de Cima. Prefeitura Municipal de Nova Friburgo, 2005.

PATZLAFF, R. G. & PEIXOTO, A. L. 2009. A pesquisa em etnobotânica e o retorno do conhecimento sistematizado à comunidade: um assunto complexo. In: *História das Ciências da Saúde – Manguinhos*, v. 16, n. 1, p. 237-246, Mar.

PRANCE, G. T. 1991. What is ethnobotany today? *Journal of Ethnopharmacology*, 32, 209-216.

PRÓ-MEMÓRIA, Centro de Documentação Histórica da Secretaria de Cultura da Prefeitura Municipal de Nova Friburgo. 2009. Catalogação 815.1.05 e 815.1.07.

PUMAR-CANTINI, L. 2005. *Prática Curativa: Um Saber Sonogado?* Rio de Janeiro, 2003. 122 f. Dissertação (Mestrado em História das Ciências da Saúde) - Casa de Oswaldo Cruz, Fiocruz, Rio de Janeiro.

QUINTEIRO, M. M. C. 2008. *Etnobotânica aplicada à definição de estratégias de conservação em Visconde de Mauá, Área de Proteção Ambiental da Serra da Mantiqueira*. Niterói, 2008, 177 f. Dissertação (Mestrado em Ciência Ambiental) – Instituto de Geociências, Universidade Federal Fluminense, Niterói.

RANG, H. P.; DALE, M. M. 1993. *Farmacologia*. Rio de Janeiro: Editora Guanabara Koogan S. A. 595 p. tradução de: Pharmacology.

REGO, V. V. B. S. 2006. Algumas reflexões sobre um conflito na APA estadual de Macaé de Cima. In: II SEMINÁRIO DE ÁREAS PROTEGIDAS E INCLUSÃO SOCIAL, 2006. *Anais do II SAPIS*. Rio de Janeiro: Programa EICOS – UFRJ.

RIO DE JANEIRO (Estado). Decreto nº 29.213 de 14 de setembro de 2001. Cria a Área de Proteção Ambiental de Macaé de Cima (APA de Macaé de Cima), no município de Nova Friburgo e dá outras providências. Governo do Estado do Rio de Janeiro, 2001.

RIO DE JANEIRO (Estado). Decreto nº 31.343 de 05 de junho de 2002. Cria o Parque Estadual dos Três Picos, no Estado do Rio de Janeiro e dá outras providências. Governo do Estado do Rio de Janeiro, 2002.

SACHS, I. 2002. *Caminhos para o desenvolvimento sustentável*. 4ª ed. Rio de Janeiro: Garamond. 96 p.

SHARAPIN, N. (org.). 2000. *Fundamentos de Tecnologia de Produtos Fitoterápicos*. Santafé de Bogotá, Colômbia: Roberto Pinzón S. – editor. 248 p.

SILVA, B. M. S. 2007. *Das Mudanças de Sabores, de Saberes e de Fazeres na Agricultura: o caso dos agricultores São Pedro da Serra, Nova Friburgo, RJ*. Niterói, 2007. 68 f. Monografia (Bacharelado em Ciências Sociais) – Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal Fluminense, Niterói.

TCE. 2007. *Estudo Socioeconômico 2007 – Nova Friburgo*. Rio de Janeiro: Coordenadoria de Comunicação Social, Imprensa e Editoração, Outubro. 152 p.

TEIXEIRA, V. L. 1998. *Pluriatividade e Agricultura Familiar na Região Serrana do Estado do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro, 1998, 185 f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade) – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

THOMSON, A.; FRISCH, M. & HAMILTON, P. 1996. Os debates sobre memória e história: alguns aspectos internacionais. In: FERREIRA, M. de M. & AMADO, J. (org.). *Usos & Abusos da História Oral*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas. 277 p.

TESKE, M.; TRENTINI, A. M. M. *Compêndio de Fitoterapia*. 3ª edição. Curitiba: Herbarium Laboratório Botânico. 317 p.

VEIGA JUNIOR, V. F. 2008. Estudo do consumo de plantas medicinais na Região Centro-Norte do Estado do Rio de Janeiro: aceitação pelos profissionais de saúde e modo de uso pela população. In: *Revista Brasileira de Farmacognosia*. João Pessoa, v. 18, n. 2, p. 308-313. Abr/Jun.

Anexo I: Termo de consentimento

Título do Projeto: Reflexões sobre o conhecimento informal e uso de plantas medicinais através de gerações, relacionado às mudanças ocorridas em Lumiar e São Pedro da Serra, - Nova Friburgo, RJ - nos últimos 30 anos.

Nome do Pesquisador: Valéria Viana

Nome do Orientador: Dr. Alphonse Kelecom

Nome do Co-orientador: Dr. Joel de Araujo

O estudo de que o (a) Sr (a) está prestes a participar é parte de um estudo sobre o conhecimento que o (a) Sr (a) tem e o uso que o (a) Sr (a) faz das plantas de sua região com fins medicinais e não visa nenhum benefício econômico para os pesquisadores ou qualquer outra pessoa ou instituição. É um estudo amplo, coordenado pela Pós Graduação em Ciência Ambiental da Universidade Federal Fluminense. O estudo emprega técnicas de entrevistas e conversas informais, bem como observações diretas, sem riscos de causar prejuízo aos participantes, exceto um possível constrangimento com as nossas perguntas ou presença. Caso o (a) Sr (a) concorde em tomar parte nesse estudo, será convidado a participar de várias tarefas, como entrevistas, listar as plantas que o (a) Sr (a) conhece e usa da região, ajudar os pesquisadores a coletar essas plantas, mostrar, se for o caso, como o (a) Sr (a) as usa no dia a dia. Todos os dados coletados com a sua participação serão organizados de modo a proteger a sua identidade. Concluído o estudo, não haverá maneira de relacionar seu nome com as informações que o (a) Sr (a) nos forneceu. Qualquer informação sobre os resultados do estudo lhe será fornecida quando este estiver concluído. O (a) Sr (a) tem total liberdade para se retirar do estudo a qualquer momento. Caso concorde em participar assine, por favor, seu nome abaixo, indicando que leu e compreendeu a natureza do estudo e que todas as suas dúvidas foram esclarecidas.

Se for do seu agrado, o (a) Sr (a) gostaria de ter seu nome publicado na lista de agradecimentos da dissertação? Sim () Não ()

Data: _____

Assinatura do participante: _____
(ou impressão dactiloscópica)

Nome: _____

Endereço: _____

Assinatura do pesquisador: _____

Assinatura da(s) testemunha(s): _____

Anexo II: Entrevista

DATA: _____ LOCAL: _____

1) Nome: _____ Idade: _____

2) Sexo: ()F ()M Estado Civil: _____ Escolaridade*: _____

3) Profissão: _____ Renda: _____

4) Origem: ()nativo da região ()de outro lugar, qual? _____
(especificar Estado/Município)

5) Localidade onde mora: _____

6) Desde quando mora na localidade? _____

7) N° de moradores na residência _____

Nome do morador	Grau de parentesco (com o chefe da família)	Idade	Escolaridade*	Profissão	Renda

* última série cursada com aprovação

8) Fale um pouco de sua trajetória de vida: _____

9) Desde a década de 80, quais foram as principais mudanças percebidas no local?

10) O que mudou pra melhor? _____

11) O que mudou pra pior? _____

12) A vida no local era melhor antes ou depois? Por quê? _____

13) Fale um pouco sobre a saúde e a doença das pessoas: _____

14) O(a) Sr (a) conhece algumas plantas que curam? () sim () não

15) O(a) Sr (a) indica essas plantas para outras pessoas? () sim () não. Caso positivo, por que usa as plantas e quantas pessoas são atendidas pelo(a) Senhor(a)? _____

16) O número de pessoas que o(a) procuram diminuiu ou aumentou? Por quê?

17) Qual a faixa de idade que o(a) Sr (a) mais atende? _____

18) Quais as principais doenças que o(a) Sr (a) trata? _____

19) Há quanto tempo faz esse trabalho? _____

20) Acha esse trabalho importante? Por quê? _____

21) Quando a planta não produz o efeito desejado, o que o Sr (a) faz?

22) Com quem aprendeu esse conhecimento? _____

23) Pretende passar esse conhecimento atual a alguém?

a) () sim, para quem? (grau de parentesco) _____

Idade da pessoa: _____ Por que está ensinando? _____

b) () não, por quê? _____

24) Quais as principais plantas utilizadas pelo(a) Sr (a)?

Nome da planta	Para que serve	Parte(s) usada(s)	Modo de preparo

25) Há alguma planta na região que tinha e não tem mais? () sim () não

Nome da planta que não tem mais	Quando sumiu	Por que a planta sumiu

26) Há alguma planta na região que não tinha e agora tem? ()sim ()não

Nome da planta que apareceu	Quando apareceu	Por que a planta apareceu

27) Gostaria que o registro desse conhecimento retornasse para o(a) Sr (a) ou permanecesse entre as pessoas do local?

28) De que maneira isso poderia ser feito? _____

Anexo III: Formulário**DATA:**

1. Sexo: () M () F
2. Idade: _____
3. Profissão: _____
4. Local de origem: _____
5. Há quanto tempo mora em Lumiar ou São Pedro da Serra? _____
6. () Proprietário () Locatário
7. Escolaridade: () até 4ª série () até 8ª série () 2º grau () superior
() completo () incompleto
8. Às vezes se trata com plantas quando tem algum problema de saúde?
() sim () não
9. Alguma vez já foi a um rezador/receitador/curandeiro/tratador?
() sim () não
10. Tem algum problema de saúde que você trata com plantas? () sim () não
11. Caso positivo, assinale os problemas:
() dor de cabeça () enjôo () diarreia () febre () rins () vômito
() dor nas articulações () dores musculares () tosse () gripe () cortes
() outros quais? _____
12. Trata-se com plantas com orientação de alguém? () sim () não
13. De quem? () médico () rezadeiras () curandeiro () outros, quem?

14. Em sua opinião, quais são os principais problemas da região?

15. Cite algumas plantas utilizadas por você:

Anexo IV: Ficha de informações etnofarmacológicas

AMOSTRA N° _____

NOME DO INFORMANTE: _____

- 1- Nome popular da planta**
- 2- Indicações terapêuticas**
- 3- Descrição da(s) doença(s)** (principais sintomas, órgãos ou sistemas afetados)
- 4- Parte da planta usada** (sementes, óleo, flores, folhas secas ou frescas, etc.)
- 5- Condições de coleta** (época, horário, condições gerais das plantas)
- 6- Modo de preparar** (chá, infusão aquosa ou alcoólica, decocção)
- 7- Via de administração**
- 8- Posologia**
- 9- Usuários** (qq pessoa, gestantes, crianças, idosos)
- 10- Efeitos esperados** (descrição e tempo dos efeitos desejados)
- 11- Associações** (é imprescindível?)
- 12- Plantas utilizadas na associação**

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)